

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA - CCSST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - MESTRADO

QUEZIA DA SILVA ALENCAR

**AS FONTES AMAZÔNICAS NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS DE ELIANE
BRUM**

IMPERATRIZ - MA
2022

Quezia da Silva Alencar

AS FONTES AMAZÔNICAS NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS DE ELIANE BRUM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.
Linha de Pesquisa: Comunicação, materialidades e formação sociocultural.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Javorski Souza

IMPERATRIZ - MA
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Alencar, Quezia da Silva.

As fontes amazônicas nas narrativas jornalísticas de Eliane Brum / Quezia da Silva Alencar. - 2022.

113 p.

Orientador(a): Elaine Javorski Souza.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Maranhão, 2022.

1. Eliane Brum. 2. Fontes jornalísticas. 3. Narrativas jornalísticas. 4. Região Amazônica. 5. Representação. I. Souza, Elaine Javorski. II. Título.

QUEZIA DA SILVA ALENCAR

**AS FONTES AMAZÔNICAS NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS DE ELIANE
BRUM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.
Linha de Pesquisa: Comunicação, materialidades e formação sociocultural.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Javorski Souza

Data: 28 de julho de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elaine Javorski Souza (Presidente da Banca – Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão – PPGCOM/UFMA

Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim (Membro externo)
Universidade Federal de Santa Catarina– PPGJOR/UFSC

Prof.^a Dr.^a Leticia Conceição Martins Cardoso (Membro interno)
Universidade Federal do Maranhão – PPGCOM/UFMA

IMPERATRIZ - MA
2022

Em memória de meu pai, Raimundo Matias de Alencar.

“É urgente viver encantado”
Valter Hugo Mãe

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família, em especial minha mãe Elizanete e minha irmã Debora, elas sempre apoiaram e acompanharam minha trajetória acadêmica e principalmente ao meu pai, presente hoje somente em meu coração.

O gosto pelo conhecimento, as dúvidas constantes e o apreço por uma boa história vieram de você, pai, que sempre procurou entender todas as coisas que fossem possíveis, lembro da sua estante de livros sempre cheia, obrigada por tanto.

À minha orientadora Elaine Javorski pelo auxílio e compreensão. À FAPEMA pela bolsa concedida, ao PPGCOM e aos colegas de turma que enriqueceram essa jornada.

ALENCAR, Quezia da Silva. As fontes amazônicas nas narrativas jornalísticas de Eliane Brum. 2022. 113f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação), Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a refletir sobre a representação das fontes amazônicas nas narrativas jornalísticas, tendo como objeto de análise as reportagens da jornalista Eliane Brum publicadas no site *El País* Brasil, com o objetivo de compreender de que forma ocorre a construção narrativa desses textos e como se configura os sujeitos presentes. Sob a perspectiva da corrente dos estudos narrativos associada ao jornalismo a pesquisa busca problematizar os processos comunicativos nas suas formas em construções, enxergando as estratégias argumentativas e efeitos das narrativas que possuem vias não apenas verticais, mas horizontais e transversais e que estão presentes na produção de sentidos do mundo. O estudo analisa nove reportagens no período de 2017 a 2020 sobre a região amazônica por meio do método da Análise Crítica da Narrativa de Motta (2013) em conjunto com a Análise de Conteúdo segundo Bardin (2011). Ao investigar as narrativas de Eliane Brum encontramos formas argumentativas e discursos representacionais que oferecem um quadro referencial amplo, levantando importantes questões sobre a região, convidando o leitor a refletir sobre a própria visão de mundo, as fontes amazônicas são institucionalizadas como formas de saber e suas histórias de vida são contadas com olhar atento da observação e do diálogo.

Palavras-chave: Narrativas jornalísticas. Região Amazônica. Eliane Brum. Fontes jornalísticas. Representação.

ABSTRACT

The present work proposes to reflect on the representation of Amazonian sources in journalistic narratives, having as object of analysis reports by journalist Eliane Brum published on the website El País Brasil, with the objective of understanding how the narrative construction of these texts occurs and how the present subjects are configured. From the perspective of the current of narrative studies associated with journalism, the research seeks to problematize the communicative processes in their forms in constructions, seeing the argumentative strategies and effects of narratives that have not only vertical, but horizontal and transversal paths and that are present in the production of world senses. The study analyzes nine reports from 2017 to 2020 on the Amazon region using the Critical Narrative Analysis method by Motta (2013) in conjunction with the Content Analysis according to Bardin (2011). When investigating Eliane Brum's narratives, we find argumentative forms and representational discourses that offer a broad frame of reference, raising important questions about the region, inviting the reader to reflect on their own references and worldviews, Amazonian sources are institutionalized as ways of knowing. and their life stories are told with a keen eye of observation and dialogue.

Keywords: Journalistic narratives. Amazon region. Eliane Brum. Journalistic sources. Representation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. O PARAÍSO SÃO OS OUTROS	11
2.1 A região amazônica e seus contextos	11
2.2 A coreografia das fontes	19
2.3 A coreografia das representações	23
3. A MÁQUINA DE FAZER HISTÓRIAS: O JORNALISMO NARRATIVO	30
3.1 O ato comunicacional: as narrativas	30
3.2 Narrativas jornalísticas e suas potencialidades	34
3.2.1 A reportagem	42
3.3 Eliane Brum	47
4. ENTRE O NARRAR E O VIVER: ANÁLISES E RESULTADOS	53
4.1 A pesquisa	53
4.2 Coleta de dados	55
4.3 Gumercinda e Alice querem viver	57
4.4 O predador que virou protetor	63
4.5 O ribeirão e a tartaruga	67
4.6 Oito tartarugas de chifre e dois humanos criativos	70
4.7 Desmandos e impunidades ameaçam tartarugas	73
4.8 A veneza de Belo Monte	78
4.9 “Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco”	83
4.10 A cidade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta o aumento avassalador de suicídios de adolescentes	88
4.11 Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês	95
4.12 Cruzamentos narrativos	103
5. ELEMENTOS PARA UMA POSSÍVEL CONCLUSÃO	105
REFERÊNCIAS	109

1. INTRODUÇÃO

A busca por respostas é um dos impulsos que o ser humano encontra para viver diante de tantas questões não resolvidas. Perceber-se no tempo e organizá-lo é uma forma de compreender a maioria das coisas do mundo. E é isso que a narrativa proporciona, a construção da nossa história, nós precisamos fazer com o que o mundo tenha sentido. Medina (2003) argumenta que poder narrar é uma necessidade vital e uma das nossas respostas diante do caos que é a vida.

O ato comunicacional narrativo se desenvolve também no fazer jornalístico, reconhecido e institucionalizado na sociedade. Para Montipó (2011) o jornalismo nutre-se da vida, da essência das pessoas para construir, mesmo que em mosaico, uma leitura sobre a existência humana. De forma complementar, Cardoso (2003) entende a prática por todos os seus meios comunicacionais, o que contribui para reportar do cotidiano em seu movimento, passado, presente e futuro, pensando no seu significado de (re)construir fatos e sentidos para comunicá-los.

Segundo Resende (2009) o ato de narrar através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo. Paula (2019) pontua que a narrativa jornalística é um caso exemplar de experimentação da realidade porque permite apreender rapidamente a complexidade do mundo imediato e configurá-lo em enredos minimamente coerentes.

As narrativas jornalísticas trazem em si as marcas do contexto em que são produzidas, são elas que criam sentidos e significações sociais, sendo produtos culturais inseridos em contextos históricos capazes de cristalizar crenças, valores e ideologias de toda uma sociedade (MOTTA, 2013). É importante ressaltar que o fluxo dessas narrativas que entremeiam o cotidiano está repleto de representações e discursos, os personagens que fazem parte destas histórias estão sujeitos aos sentidos criados pelo jornalismo.

A comunicação narrativa revela principalmente os jogos de poder na sociedade e a análise desse processo investiga atributos como os efeitos de sentido, as vozes manifestadas, as estratégias argumentativas e discursivas, assim, como fatores extralinguísticos que podem influenciar na narrativa, assim como afirma Motta (2013).

Ao atribuir essas características ao texto jornalístico, a repórter e escritora Eliane Brum é um exemplo límpido de uma visão argumentativa para os acontecimentos do mundo entrelaçados sobre os atores sociais. Desta forma, cruzando as análises narrativas com quem

produz tais narrações, elegi como objeto de estudo as narrativas jornalísticas da repórter e escritora Eliane Brum, com foco nas reportagens sobre a região amazônica publicadas em sua coluna no site *El País*.

Portanto, este estudo se desenvolve e justifica-se a partir do interesse em refletir principalmente sobre os processos de comunicação narrativa, as potências dos discursos sobre os atores sociais e a compreensão dos narradores por meio do contexto em que estão inseridos, refletindo sobre as forças presentes nas configurações narrativas.

A iniciação dos estudos sobre as potencialidades do fazer jornalístico, das práticas reflexivas do repórter e das narrativas sensíveis, deu-se ainda durante o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em 2019 na Universidade Federal do Maranhão. Após investigar as práticas do jornalismo humanizado em grandes reportagens do site *Uol Tab*, buscando compreender como as personagens femininas eram abordadas, como possuíam seus discursos enquadrados e se havia de fato a superação de estereótipos, senti-me instigada a dar seguimento e aprofundar os estudos sobre as narrativas e suas relações de sentido e representação das fontes.

Viu-se na temática sobre a região amazônica uma oportunidade de aprofundar pesquisas sobre narrativas regionais. Eliane Brum cobre pautas da Amazônia há mais de 20 anos e após realizar uma breve revisão de literatura, percebi que essas narrativas exclusivamente, ainda não possuíam análises concretas, surgindo uma possibilidade de maior contribuição para a área, com o intuito de verificar a prática sobre narrativas de cunhos regionais e que trabalham com personagens pouco explorados nos recortes tradicionais do jornalismo - ou que são representados de maneira estigmatizada.

Entender o jornalismo como fenômeno nos dá potência para instigar pesquisas que vão além das investigações acerca das práticas objetivas e suas perspectivas estruturalistas, buscando entender e contextualizar o fazer jornalístico. Tendo assim como questão norteadora a seguinte pergunta: como as fontes amazônicas são representadas nas narrativas jornalísticas da repórter Eliane Brum e de que forma a construção narrativa configura esses personagens?

Diante dessa perspectiva, as narrativas jornalísticas nos levam a pensar também acerca das representações, já que o enunciado está inserido em diferentes contextos sociais e pode revelar valores no ato narrativo conforme pontua o autor Fernando Resende (2008). Por isso, contar a sua própria história é uma forma de se reconhecer no mundo e adquirir sua identidade, mas narrar revela os jogos de poder na sociedade.

Compreende-se que é dever do jornalista questionar-se diariamente sobre suas decisões e escolhas acerca do outro, lembrar de que está realizando algo além de uma mera

atividade profissional, mas envolvendo-se com a vida de diversas pessoas que depois será compartilhada em uma mídia de grande visibilidade.

A história conta que a ciência moderna deu o sentido de razão a uma figura de representação universal, o homem branco europeu revela a única forma de conhecimento existente. Romper com este pensamento positivista e embasado na modernidade se torna cada vez mais importante, diversos pesquisadores já fizeram esta mesma pergunta e contribuem para questionamentos (IJUIM, 2018; MEDINA, 2008; MORAES, 2019).

Portanto, entende-se que a mídia não apenas reflete a realidade, como também constrói discursos sobre as identidades e grupos. A escolha das fontes, por exemplo, já anuncia o enquadramento proposto pela narrativa jornalística, pré-anunciando a orientação o que um determinado veículo deve seguir, como afirma Mesquita (2008). Assim, os sujeitos das narrativas estão propícios às práticas de imposição de padrões e estereótipos.

As pessoas da região amazônica nas narrativas jornalísticas são frequentemente colocadas como “atrasados”, como se estivessem longe de “acompanhar” o resto do Brasil ou isolados no tempo e espaço sem conhecer o “mundo moderno”. Seus ambientes naturais e recursos explorados também entram em pauta como meio de interesse, acúmulo de riquezas e “desenvolvimento” nacionais e internacionais.

A região passou por um processo de colonização que se deu de modo diferenciado, em vários momentos da história, por vários grupos sociais, sendo vistos e representados por estes olhos colonizadores, questão que será aprofundada ao longo do primeiro capítulo teórico. Ao narrar os sujeitos dessa região é necessário observar e criticar e questionar o que não é visto no cotidiano sobre as pessoas e a região, entendendo suas trajetórias sociais, abordando para além das suas questões geográficas e riquezas econômicas.

Como forma de superar os estereótipos e valorizar a experiência individual de cada fonte, enxerga-se as subjetividades como um caminho possível. Para Gushiken e Pereira (2017) a busca por esse alargamento e aprofundamento dos sujeitos nos espaços textuais é a própria negação de sua retratação massificada e estereotipada.

Entendendo portanto a narrativa como forma de compreensão do mundo e o jornalismo como fenômeno cultural dotado de representações que projetam significados sobre os sujeitos, o objetivo geral é compreender as representações das fontes e o processo de construção narrativa em reportagens sobre a região amazônica no site *El País*. Por conseguinte, foram estabelecidos os objetivos específicos:

- Investigar as representações das fontes amazônicas em nove reportagens da Eliane Brum no site El País entre 2017 e 2020;

- Examinar como os aspectos da construção narrativa configuram as fontes presentes nas reportagens e como evidenciam as narrativas regionais;
- Entender os processos da prática jornalística da repórter Eliane Brum.

Para abordar estas questões adotou-se a metodologia Análise Crítica da Narrativa proposta por Motta (2013), para os estudos de jornalismo com atenção às estratégias comunicativas, à construção de personagens e as vozes narrativas, consistindo-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa. O autor propõe procedimentos que possuem uma perspectiva mais cultural e antropológica que privilegia a narração, a ênfase da análise recai sobre o processo de comunicação, entendem-se as narrativas jornalísticas não como obra fechada, mas como um processo, um sentido em construção.

Para ajudar na coleta de dados, foi utilizado a Análise de Conteúdo para organização dos materiais selecionados e a categorização dos elementos analisados. Este é um método de análise de texto desenvolvido pelas ciências sociais empíricas, que se revela de grande proveito na pesquisa jornalística. A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos diversificados, e esse tipo consiste em enxergar mais além do que está dito no texto (BARDIN, 2011).

Cláudia Lago *et. al* (2008) apontam que a análise de conteúdo pode servir para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos. Bauer (2002) indica que a classificação dos materiais colhidos na amostra é uma tarefa de construção, que carrega consigo a teoria e o material de pesquisa. Por isso, foram criados dois eixos de análise com base na discussão teórica apresentada nos dois primeiros capítulos, para analisar o conteúdo das reportagens, são eles:

a) Construção narrativa: identificar aspectos textuais e culturais de acordo com o método de Motta (2013) , para entender a narrativa como um todo e como estas podem configurar as fontes/personagens;

b) Representação das fontes: Buscando compreender como as fontes/personagens estão presentes nos textos. Que espaços ocupam, se suas histórias estão em destaque, que aspectos identitários regionais aparecem, e como aparecem? buscando identificar também as formas narrativas que configuram as fontes.

Uma breve revisão de literatura relacionada à jornalista Eliane Brum realizada pela autora que vos escreve, nos mostra as perspectivas das pesquisas acerca da repórter e sua produção. As pesquisas buscam entender os aspectos textuais e se validam por diversas

temáticas e teorias, desde estudos das subjetividades, da dialogia e dos afetos como parte das potencialidades do jornalismo que precisam ser exploradas.

A construção das histórias de vida, os olhares apontados para o outro, o horizonte relacional da comunicação e a diferença como demarcador de pontos de vista; nesse sentido, estudos sobre Alteridade e Dialogia estão presentes, tendo como base Medina (2006), Morin (2002) e Burber (1982).

O conceito de jornalismo de desacontecimento também é visto nos trabalhos, apresentado pela própria Eliane Brum. Nos seus textos é uma narrativa voltada aos personagens excluídos, pautas contextualizadas e que não estão recorrentes na mídia tradicional. Um cerne de condutas e procedimentos jornalísticos que fundamentados na atuação de Brum, aponta para o agendamento de pautas e *newsmaking* alternativos aos modelos difundidos pela cultura profissional. Não foram encontradas pesquisas que abordassem diretamente o trabalho da jornalista na região amazônica como proposto nesta pesquisa, sendo assim uma oportunidade de acrescentar aos estudos acadêmicos novas percepções.

Para relacionar as discussões teóricas com a análise proposta e obter respostas das hipóteses apresentadas, antecipamos a estrutura do trabalho a seguir. No segundo capítulo, “O paraíso são os outros” discutimos primeiramente os contextos sociais da região amazônica, relembando sua história e as marcas dos processos de exploração e colonização. Procuramos observar também as complexidades das leituras realizadas sobre a região, influenciada pelo histórico de desenvolvimento social (ALBUQUERQUE, 2016; NASCIMENTO, 2017).

A partir de argumentos de Walter Benjamin (1994) refletimos sobre as vivências subjetivas como partes essenciais das narrativas, buscando a valorização do conhecimento do cotidiano além do saber científico. Nos próximos tópicos discorremos sobre a conceituação de fontes segundo Chaparro (2007) e Schmitz (2011), analisando como elemento e ponto de partida para toda construção narrativa.

A fim de aprofundar a contextualização do nosso objeto, o último tópico discorre sob as perspectivas dos estudos culturais o conceito de representação, partindo principalmente das bases conceituais de Stuart Hall (1997, 2006, 2016, 2018) que entende as representações como partilha de significados entre uma sociedade. O tópico atravessa conceitos importantes para a pesquisa, como a identidade que flui de acordo com as transformações sociais, compreendendo por meio dela as dimensões coletivas. É por meio desse conceito que percebemos a diferença, o reconhecimento de si parte do entendimento do outro.

O terceiro capítulo é dedicado aos processos comunicacionais e as narrativas, entendendo seus conceitos gerais, baseando-se na corrente dos estudos narrativos segundo os autores Luiz Gonzaga Motta (2010,2013) e Fernando Resende (2009), que se fundamentam em Paul Ricoeur (1984). A discussão passa pela conceituação da narrativa jornalística, seus formatos, potencialidades e novos contornos estruturais, com autores como (MEDINA, 2003; IJUIM, 2013).

O percurso para as análises é delineado no quarto capítulo, abordando o desenvolvimento metodológico é apresentado as reportagens escolhidas para análises e as categorias para o estudo do conjunto das narrativas. Neste capítulo também se desenvolve a análise individual de cada reportagem, já realizando alguns cruzamentos e pontos de aproximação entre teoria e o objeto de estudo. Por fim, as conclusões devem retomar as principais questões discutidas e a contribuição da pesquisa para a academia.

2. O PARAÍSO SÃO OS OUTROS

2.1 A região amazônica e seus contextos

(...) a história da sociedade na Amazônia é muito anterior à chegada dos europeus, ditos “civilizados” (MARQUES, 2019).

Ao falar sobre a região amazônica é preciso esclarecer sua história e relembrar suas heranças. O Brasil é marcado por processos de exploração, enfaticamente pelo imperialismo que se evidencia pelo “descobrimento” de povos e países e que faz parte da lógica ainda vivida no país. Para Ijuim (2020) esse descobrimento plantou uma semente do pensamento eurocentrista que definiu a maneira como se constituiria uma identidade nacional.

A ideia imperialista é justificada pela promessa de desenvolvimento, contudo, sendo baseado na verdade, em mão de obra local barata, subempregos e exploração das riquezas naturais, avançando com o subdesenvolvimento para a população da região. Costa (2020) afirma que o Brasil, e especialmente a Amazônia, foi e ainda é alvo dessa lógica pelo território ser fonte de matéria prima. Para a autora, o debate sobre colonialismo e imperialismo não está superado no Brasil, já que esses sistemas geram muitos processos que vivemos até hoje.

Essa expansão forçada promoveu principalmente desigualdade, além de impactos desastrosos para a população e a natureza. Quando se refere ao processo de colonização, o território da região amazônica foi um dos principais alvos, a partir do momento da invasão, as terras passaram a pertencer aos colonizadores e não aos povos que tradicionalmente viviam nas regiões.

Marques (2019) ao questionar o porquê essa região amazônica ser tão rica mas com a população ainda muito pobre, subdesenvolvida e dependente, o autor aponta que as políticas de “desenvolvimento” da região estiveram e permanecem a serviço do grande capital nacional e estrangeiro. Os sujeitos da região explorada são deslocados do seu local de origem e vivem transformações culturais e sociais que podem custar muito caro.

Nascimento (2017) ao falar sobre esse dito desenvolvimento na Amazônia aponta que esse avanço teve como base a violência. Os governos adotaram medidas de expansão como a abertura de grandes rodovias que cruzam a região amazônica, incentivando também a conquista de terras por grandes fazendeiros, empresários e madeireiros.

A autora ainda aponta que essas conquistas de território se deu por meio de um processo em que a violência praticamente se institucionalizou, “sendo aplicada de forma

indiscriminada por diversos grupos (teoricamente não autorizados), que tinham interesse pelas terras que já estavam ocupadas” (NASCIMENTO, p.100, 2017).

A lógica colonizadora entende que as populações tradicionais deveriam ser estimuladas a um trabalho racional com a lógica do lucro, voltado para o crescimento econômico, ou, conforme conclui Nascimento (2017) ser expulso das suas terras para dar lugar a alguém ou a algum projeto que pudesse fazer o uso econômico da terra e de seus recursos.

As formas de vida da sociedade amazônica não são entendidas e respeitadas como legítimas ou civilizadas. Os sujeitos que vivem da natureza utilizando o necessário para sobreviver são ainda hoje considerados inimigos do progresso. Uma leitura do pensamento que acompanha o Brasil e principalmente a região amazônica desde quando os primeiros viajantes chegaram ao país.

É o que afirma Mendes (2019) ao argumentar que em muitas narrativas literárias, históricas e também nos meios de comunicação há uma limitação ao se pensar a(s) Amazônia(s) a partir de figuras essenciais, caso, por exemplo, dos próprios indígenas. Quijano (2005) ao compreender a colonialidade, afirma que novas identidades foram inseridas nos sujeitos. Essas novas identidades foram construídas sobre a ideia de raça, associando-as à natureza dos papéis em uma nova estrutura global de controle sobre o trabalho.

Para o autor a ideia de raça se origina com conquistadores e conquistados para identificar diferenciações fenotípicas, produzindo na América identidades sociais historicamente novas como os índios, negros, mestiços, e redefinindo outras. O que identificava apenas a procedência geográfica ou país de origem passa também a identificar as novas identidades, com conotação racial. A imagem social dos povos indígenas, por exemplo, está relacionada diretamente a essa fundação de uma estrutura colonial.

Para Edward Said (2011), o imperialismo e o colonialismo não é um simples ato de acumulação e aquisição, dessa forma, o autor pontua que:

Ambos são sustentados e talvez Impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas a dominação: o vocabulário da cultura imperial oitocentista clássica está repleto de palavras e conceitos como "raças servis" ou "inferiores", "povos subordinados", "dependência", "expansão" e "autoridade" (SAID, 2011, p.43).

Quando se fala de povos tradicionais é necessário incluir também os olhares para além dos povos indígenas, entendendo todos aqueles que utilizam a natureza como forma de

sobreviver, sendo parte de algo maior, fugindo do modo de vida capitalista que está em busca da super exploração, para eles a natureza faz parte da manutenção da vida.

Existem ainda diversas comunidades e outras populações tradicionais como quilombolas, ribeirinhos, pescadores e pescadoras artesanais, agricultores familiares, piaçabeiros, peconheiros, e outros.¹ Os quilombos são as comunidades constituídas por homens e mulheres escravizados, os ribeirinhos mantêm um estilo de vida tradicional baseado na pesca.

A região amazônica reúne a maior parte da população indígena no Brasil, são cerca de 440 mil indígenas. São mais de 180 povos, além de vários grupos isolados, a terra Yanomami, localizada em Roraima e no Amazonas, possui mais de 25 mil indígenas. Todo esse território mantém um grande papel para proteção de direitos das identidades e são essas populações que possuem vasto conhecimento para a manutenção de uma vida sustentável na região.

Para Darcy Ribeiro (2015) são esses povos os conhecedores dos saberes da floresta, conforme pontua Mendes (2019) eles criaram “diversas formas de adaptação humana, não destrutiva, através de formas avançadas de manejo que permitem enriquecer a floresta em lugar de degradá-la”.

Albuquerque (2016, p.77) fala sobre o conceito de “amazonialismo” que para ele faz parte de um conjunto de conhecimentos, “narrativas que inventa, descreve, classifica, cataloga, analisa de forma supostamente objetiva e mesmo científica a Amazônia”, enxergando-a como um lugar no mundo da expansão dos impérios e do imperialismo.

Para o autor essas narrativas produziram o apagamento de línguas, memórias, culturas e histórias da população, sendo assim, para além de uma dominação física, existe uma simbólica. Albuquerque (2016) relata que esse apagamento foi se institucionalizando no processo histórico do que é chamado de “região amazônica” entre os séculos XVI e XIX.

Foi-se inventando e catalogando os povos, rios, fauna e flora, fabricando identidades e fronteiras “amazônicas” e “não-amazônicas”. Inserindo novas narrativas de diferentes sujeitos que partem da ideia do conceito de Amazônia “como um todo homogêneo, referência de lugar, identidade, vivência ou existência de incontáveis seres humanos e não-humanos, naturais e não naturais” (ALBUQUERQUE, 2016, p.78).

Essa essencialização das identidades dos sujeitos, dos lugares e regiões se constituem como parte de uma produção de sentidos como mecanismo de poder, para os colonizadores

¹ Os povos da floresta. ISPN. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/#:~:text=Embora%20n%C3%A3o%20t%C3%A3o%20conhecidas%20como,pia%C3%A7abeiros%2C%20peconheiros%2C%20e%20outros>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

eram formas de desenvolver o mercado, progresso e como aponta Albuquerque (2016) a modernidade e todas as suas variações de universalidade.

A ideia parte da lógica colonialista que se seguia pelo mundo conduzido pela modernidade, com os conceitos de dominantes e dominados, entre norte e sul, europeus e não europeus, a “linha abissal” (SANTOS, 2007) que coloca o mundo entre “moderno” e “não-moderno”, o “civilizado” do “não civilizado”. Quijano (2005) assim aponta que os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade.

A invisibilidade das identidades dos povos tradicionais perpassa principalmente sobre suas visões de mundo, do outro lado da linha abissal como afirma Santos (2007) não há um conhecimento real, existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que no final podem se tornar objeto ou matéria-prima de investigações científicas. Esse processo de homogeneização de culturas e sujeitos inviabiliza as múltiplas formas de conhecimento, eliminando qualquer modo de diversidade.

Imagens e invenções foram sendo produzidas enquanto os outros se enxergavam como personagens principais e viam com estranheza a região amazônica e seus povos. Para Albuquerque (2016) o “amazonialismo” se reveste de diversas expressões, signos e significados formando consciências individuais e coletivas.

Dentre tais expressões/conceitos é possível destacar: vazio, deserto, silêncio, distante, selvagem, sertão, bárbaro, inculto, indolente, sensual, violento, isolado, intrafegável, chuvoso, incivilizado, atrasado, lento, parado, monótono, irreal, fantástico, insalubre, infernal, entre outros, instituídos de modo aparentemente paradoxal aos seus “opostos”: paraíso, maravilhoso, belo, salubre, eldorado, pulmão do mundo, celeiro do Brasil, sustentável (ALBUQUERQUE, p. 81, 2016).

Entre elas, o “vazio” pode ser a mais significativa. Segundo o autor, a palavra se constituiu como uma das mais marcantes e utilizada como justificativa para violências físicas e simbólicas no processo de expansão da economia, política, religiosidade, organização social, das artes e línguas europeias para essa parte dos mundos não-europeus. Mundos enxergados e tratados como vazios, “mas não de mulheres e homens, e sim de humanidades e culturas, de capacidade de pensar e raciocinar” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 81).

Apesar de tudo, novas formas de colonialidades permanecem e ainda baseadas em grandes projetos que visam um desenvolvimento dito necessário, expulsando os sujeitos que ali vivem. O mundo segue na visão imperialista buscando a acumulação do capital sem se importar com as consequências e a colonização toma novos formatos.

Um exemplo enfático e bem abordado por Eliane Brum em seus textos é a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, inaugurada em 2016 e localizada no Rio Xingu no norte do Pará,

é a quarta maior do mundo e totalmente brasileira. O projeto está inserido no PAC (Programa de aceleração de crescimento) estabelecido pelo governo federal que visa a implementação dessas grandes obras para o desenvolvimento econômico e social.

Contudo, a obra gera grandes conflitos e uma relação paradoxal, existe um grande contraste nesse desenvolvimento que destruiu comunidades inteiras com o alagamento de uma área de mais de 400km² no leito do Rio Xingu, propiciando a dissolução de tradições, a perda de territórios, vivências afetivas e identidades.

As usinas hidrelétricas foram projetos que se intensificaram no Brasil após o fim da ditadura militar, com políticas de desenvolvimento, as questões passavam por discussões intensas principalmente acerca dos problemas socioambientais provocados pela implantação de grandes projetos de colonização e infraestrutura. Foi nessa época que começaram os primeiros grandes encontros mundiais para se discutir os efeitos do desenvolvimento sobre as reservas naturais da Terra em conformidade com o que Nascimento (2017) afirma.

Muitos desses projetos carregam um discurso repensado com a marca da sustentabilidade, entretanto, como discorre Nascimento (2017, p.160) por mais que esse “espírito da sustentabilidade” seja incorporado no setor elétrico e os governos brasileiros seguintes à ditadura militar tivessem passado por um processo de ambientalização, “a persistência em determinados modelos revelava a fragilidade das políticas ambientais face aos grandes projetos”.

Segundo a autora, os projetos de expansão do setor elétrico tinham como objetivo principal a implantação e ampliação da rede hidrelétrica como estimulador do desenvolvimento industrial da região. Segundo o Plano Nacional (2010), dentre os possíveis cenários de expansão, a Amazônia tinha destaque pois representava a maior parte do potencial hidrelétrico não utilizado no Brasil.

Nascimento (2017) conclui em sua tese a impossibilidade do desenvolvimento ser justo enquanto o paradigma principal continuar sendo a expansão das fronteiras do capitalismo na região voltada para a exploração dos recursos naturais. Todos os grandes projetos, como Belo Monte, tocam uma disputa nos campos políticos, econômicos e jurídicos, com atuação de movimentos sociais e indígenas e de certa forma a sociedade de uma maneira geral.

Segundo Ijuim (2014, p. 15) “os setores da imprensa mais influentes têm privilegiado noticiar os conflitos e, em geral, caracterizado os indígenas como inconvenientes – os invasores ou os agressores”. Assim, alguns temas sobre a região e seus sujeitos podem ser recorrentes na imprensa brasileira, como os conflitos de demarcações de terras, defesas de

ecossistemas, as grandes obras como Usina Hidrelétrica de Belo Monte e a precariedade do modo de vida em aldeias são vistos nos meios de comunicação brasileiros.

Todos esses processos e agressões interferem nas leituras realizadas pela sociedade e por instituições como a imprensa. O imaginário colonial mostra que as representações de selvageria e barbárie costumam aparecer em movimentações negativas, como o retrato do outro. Um fato a se considerar é que a região Norte e Nordeste ainda são consideradas desertos de notícias, como conclui pesquisa realizada em 2021².

Segundo o Atlas da Notícia³, a região Nordeste possui 2.583 veículos o que representa 18,8% da distribuição da imprensa no país, sendo a região Norte com menor cobertura com o total de 8%, tendo 1.106 veículos distribuídos entre os 07 estados, assim, 63,1% do seu território não possui cobertura jornalística. Isso significa que, do total de 450 cidades nortistas, 284 não têm nenhum veículo local, cobrindo pautas e produzindo conteúdo de interesse público.

Percebe-se assim que a representação midiática ao fim é realizada em sua maioria pelo Sudeste que apresenta 33,7% da cobertura no país, seguida da região Sul com 25,3%. Que são onde estão as principais redes de comunicação brasileira, que possuem uma linguagem das suas respectivas regiões e realizam leituras de fora.

A pesquisa ainda concluiu que na região Norte a maior quantidade de veículos é online, com 458 registros, seguido por rádio e televisão com 297 e 207 veículos respectivamente. Os impressos representam o menor segmento na região, com 116 jornais mapeados pelo Atlas da Notícia. O Norte é uma das regiões que apresenta dificuldades de conexão e baixos índices de acordo com dados da pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros em 2020.⁴

Entretanto, os portais de notícias e blogs são fontes de informação expressivas no ecossistema midiático nortista. A exemplo de novos portais digitais temos o Bannach News (PA)⁵, site de notícias do Pará que numa breve visão da página inicial do portal acessado em 30 de março de 2022 teve sua última atualização de notícias em janeiro de 2022, já a coluna

² Atlas de notícias, 2022. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/dados/estatisticas/>. Acesso em 30 de março de 2022.

³ Cidades nortistas deixaram de ser desertos de notícias, 2022. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/analise/30-cidades-nortistas-deixaram-de-ser-desertos-de-noticias-em-2021/>. Acesso em 30 de março de 2022.

⁴ Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/publicacao/resumo-executivo-pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2020/>. Acesso em 31 de março de 2022.

⁵ Bannach News. Disponível em: <https://bannachnews.com.br/>. Acesso em 03 de abril de 2022.

social foi atualizada ainda no mês de março. As notícias dão destaque para pautas da cidade como eventos e acontecimentos diários.

O Envira News (AM)⁶ é um site de notícias e opinião do Amazonas. Percebe-se pautas que abrangem todo o Brasil, mas com ênfase na política, com notícias regionais abordando problemas como falta de infraestrutura, denúncias e violência. O portal Amazônia Real é um dos grandes sites reconhecidos que realizam um trabalho acerca da região. A agência de jornalismo independente e investigativo Amazônia Real é uma organização sem fins lucrativos criada pelas jornalistas Kátia Brasil e Elaíze Farias em 20 de outubro de 2013, em Manaus, no Amazonas, Norte do Brasil.

A organização busca dar visibilidade às populações e questões da Amazônia e tem como missão fazer um jornalismo ético, seguindo uma linha editorial voltada à defesa da democratização da informação, da liberdade de expressão, da liberdade de imprensa e dos direitos humanos⁷.

A jornalista Eliane Brum faz parte dos jornalistas que contribuem com as histórias publicadas sobre a região e suas populações. Uma série sobre as tartarugas do Embaubal está como parte das análises desta dissertação, percebendo-se nas narrativas o fortalecimento das bases de pertencimento através da vida animal que faz parte de um grande ciclo de sobrevivência. O jornalismo de desacontecimento como é intitulado pela repórter e o relato de histórias de vidas é destaque nas produções e as manifestações culturais locais são exaltadas.

As chamadas narrativas de resistência, segundo Resende (2005) são aquelas que creditam outros olhares possíveis, sendo denominadas atrofiadas as narrativas tradicionais, determinadas por um texto cego, cujos princípios baseiam-se nas lógicas que o precedem. Para Walter Benjamin (1994), as verdadeiras narrativas são aquelas que se baseiam em experiências vividas por quem as conta. Para o autor, é na associação entre narrativa e experiência que o sujeito narrador tem o enraizamento na cultura popular.

Conforme pontua, a oralidade permite que as experiências de uma cultura através da narração passe a circular entre as pessoas e a memória é o que faz essas histórias serem transmitidas por muito tempo. Assim, o conhecimento popular e as próprias vivências transmitem ideias, conceitos e práticas através das narrações dessas histórias. Certamente, passa-se a perceber o poder de valorização e reconhecimento das identidades nessas narrativas, uma forma de resistência e pertencimento permanente, nas narrativas escritas as

⁶ Envira News. Disponível em: <https://www.enviranews.com/>. Acesso em 03 de abril de 2022.

⁷ Quem Somos. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/quemsomos/>. Acesso em 31 de março de 2022.

melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos narradores anônimos.

As vivências e experiências cotidianas formam assim diversos saberes que contribuem para subjetividades e conhecimentos múltiplos. Albuquerque e Sousa (2016) ao falar sobre os conceitos de saber e conhecimento, percebem algumas diferenças, o conhecimento dado o seu significado é identificado à ciência e erudição, enquanto o saber é associado à habilidade, sabedoria, experiência prática, incluindo, também, a própria palavra conhecimento. Contudo, entende-se que ambas, sejam de ordem científica ou não, são inscritas em uma ordem cultural.

Os autores dialogam no texto sobre o termo “saberes culturais” que admitem ser de certa forma redundante, já que todo saber é cultural. Todavia, Albuquerque e Sousa (2016, p.232) utilizam a expressão como um contraponto a uma “perspectiva exclusivamente cognitiva, científica, erudita, formal ou escolar que a palavra conhecimento pode sugerir”.

Associa-se os saberes culturais então a expressões como saberes do cotidiano, saberes da experiência, saberes sociais – gestados no cotidiano de vida e de trabalho – ou ainda, a saberes ordinários intimamente relacionados à cultura popular, um processo que envolve necessariamente o outro.

Toda a exploração e expropriação ocorrida persistem na dominação epistêmica, como afirmam os autores, o colonialismo materializa-se na extinção do saber do outro, tido, por vezes, como supersticioso, perigoso ou irracional devendo, portanto, ser suprimido ou substituído por outro entendido como racional. É preciso reconhecer que uma discussão acerca de conhecimento e saber é indissociável do poder.

Para Sousa Santos (2005) as visibilidades assentam na invisibilidade de formas de conhecimento que não se encaixam em nenhuma das modalidades como os conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas do outro lado da linha abissal, que desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso.

Todas essas formas de conhecimento e saberes são representados pelas instituições, principalmente o jornalismo, dada a sua produção de sentido na sociedade. As narrativas possuem uma dimensão de poder e os sujeitos envolvidos estão entrelaçados por estratégias argumentativas, as ditas fontes jornalísticas são papel principal das produções, é o que se observa no tópico a seguir.

2.2 A coreografia das fontes

“Assim como a seiva está para a árvore, a fonte está para o repórter”
(Chaparro, 2007)

As fontes são pontos-chave para toda narrativa jornalística e parte da construção narrativa. Edward Herman (2016) aponta que elas significam grande parte da notícia e também direcionam o enquadramento da história. O autor afirma que as fontes convencionais usadas pelos jornalistas, como as do governo, definem a noticiabilidade e o enquadramento. As histórias são resultado essencialmente da interação entre jornalista e fonte.

Chaparro (2007) argumenta que na hora de escrever, a perspectiva das fontes pode influenciar diretamente no olhar do jornalista, tornando-se determinante para os enfoques e a relevância dos fatos. O autor aponta que mesmo os jornalistas não gostando de ouvir que dependem das fontes, é com ela que o repórter colhe o relato, o testemunho, a opinião e compõe a narrativa do cotidiano.

O jornalista não consegue estar presente em todos os momentos na hora exata de um acontecimento, baseia a construção da notícia nas fontes de informação buscando garantir a veracidade e exatidão dos fatos. Decidir quem fala e o recorte da voz é também uma escolha feita pela maioria das vezes pelo repórter, tendo possibilidade de interferência do veículo de comunicação direcionando o caminho.

Para Wolf (2002) todas as pessoas que o jornalista observa ou entrevista são as fontes jornalísticas, sendo sua principal característica o fornecimento de informações enquanto membros ou representantes de grupos (organizados ou não) de interesse ou de outros setores da sociedade.

De acordo com Chaparro (2009) o jornalismo leva como um dos principais ideais a verdade, princípio muito além da ética ou moral, tratando-se de uma característica da linguagem, que só com a veracidade corresponderá às expectativas sociais em função das quais existem e é essa verdade que qualifica o jornalismo, entende-se a partir desse ponto a importância do bom uso das fontes nas narrativas.

Não é pela simples descrição dos fatos que se forma o conhecimento, sendo necessário não apenas perceber o objeto, mas compreendê-lo. Para o autor, a relação do jornalismo com a construção do conhecimento se dá justamente mesmo com as complexidades das significações, tornando os conhecimentos socialmente compreensíveis, sendo importante o uso de variedades de fontes para além das oficiais.

As fontes são em parte a busca pelos ideais do jornalismo como a objetividade e neutralidade, segundo Marcondes Filho (2009) ela aparece com o objetivo de apagar a mediação direta entre o jornalista e os fatos do mundo, como forma de impessoalidade. O autor relata que as fontes apresentam o que seria uma “visão verdadeira” dos acontecimentos da “realidade” que o jornalista não pôde presenciar pois não estava no local, ou mesmo estando presente não poderia trazer à luz com o seu depoimento direto porque necessita manter a sua posição de “neutralidade” discursiva.

No relacionamento entre fonte e jornalista diversas questões éticas e profissionais podem surgir, as preocupações que buscam garantir a responsabilidade social do jornalismo e a verdade estabelecida é sustentada pelos códigos deontológicos. A profissão, assim como tantas outras, segue valores que ajudam a definir a atividade e indicar como se deve agir cotidianamente.

Quando se fala em uma ética específica para uma atividade profissional, estamos falando sobre deontologia. Peruzzo (2002) explica que a palavra vem do grego “déontos” e significa “necessidade” ou “o que deve ser” e se constitui em um conjunto de regras e princípios morais para o exercício de uma determinada profissão.

Essas preocupações éticas têm sido discutidas ao longo do tempo, sendo dispostas em códigos assumidos coletivamente pelo grupo profissional dos jornalistas e divulgadas ao público como uma espécie de compromisso formal com a sociedade, que é razão do seu trabalho, como afirma Fidalgo (2000). E com o objetivo de nortear as práticas cotidianas da imprensa, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros foi elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), sendo um instrumento de aconselhamento e orientação.

Como afirma Christofolletti (2011), o código pode até mesmo prever penalidades para quem o transgredir, mas a maior punição está no âmbito moral. Deve-se sinalizar, ainda, que estas preocupações éticas são em geral, analisadas apenas a partir da consciência individual de cada jornalista, servindo como balizador para suas condutas.

A partir do Código de Ética, podem ser destacados pontos que buscam principalmente a relação íntegra com a fonte, questão importante e considerada para este trabalho. Esta é uma das relações mais sensíveis dentro do processo de produção jornalística, principalmente no âmbito ético e está diretamente ligada à responsabilidade social do jornalista.

No capítulo II do Código de Ética, no Art 6º, sobre o dever do jornalista, podemos destacar alguns, como:

Inciso XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos

adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias; Inciso XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza, questões que estão diretamente ligadas à prática jornalística (FENAJ, 2007).

Para Schmitz (2011, p. 22) as tipificações das fontes podem ser frágeis diante da variedade de fontes e das formas de interferência nos procedimentos jornalísticos, o autor apresenta diversas classificações segundo alguns pesquisadores. Ao falar sobre Gans (1980) aponta que ele talvez seja o pesquisador que mais avançou ao classificar as fontes por tipos: institucionais, oficiais, oficiosas, provisórias, passivas, ativas, conhecidas e desconhecidas.

Nilson Lage (2009) apresenta a “natureza das fontes” com três grupos. As fontes a) oficiais, oficiosas e independentes, são as que estão ligadas à alguma instituição, preservando algum poder do Estado, quem fala pelas instituições ou em seu nome. Para o autor, as fontes oficiais podem distorcer a realidade, com o objetivo de preservar interesses estratégicos e políticos, buscando beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, em função de lutas internas pelo poder.

O segundo grupo b) primárias e secundárias, são respectivamente as que colhem as informações essenciais, o jornalista se baseia nas primárias para extrair o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. A fonte secundária são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais. Para o autor, em matérias controversas que possuem vários ângulos, é necessário partir de uma conversa com mais de uma fonte secundária, representando os diferentes enfoques da matéria.

O terceiro grupo c) testemunhas e experts, a primeira é normalmente envolvida pela emotividade e modificada pela perspectiva, sendo as que acompanharam os fatos, as segundas são as que explicam. As fontes experts são geralmente fontes secundárias, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos, sendo conveniente ouvir mais de um especialista e variar os especialistas que se ouvem.

Schmitz (2011) que realizou um mapeamento das fontes de notícias com as denominações utilizadas por diversos autores do jornalismo e de manuais de redação, apresenta uma categorização dinâmica e estruturada. Dividindo por grupo (primário e secundário); categorias (oficial, empresarial, institucional, individual, testemunhal, especializada, referência); ação (proativa, ativa, passiva, reativa); crédito (identificada, sigilosa) e qualificação (confiável, fidedigna, duvidosa). Assim, para o autor:

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, credíveis ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia (SCHMITZ, 2011, p.19).

Considera-se importante apresentar algumas definições das categorias de fontes para este trabalho, como a fonte oficial, que segundo Schmitz (2011, p. 11) “refere-se a alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (executivo, legislativo e judiciário)”.

A fonte individual representa a si mesma e pode de certa forma humanizar a narrativa jornalística. “Pode ser uma pessoa comum, uma personalidade política, cultural, artística ou um profissional liberal, desde que não fale por uma organização ou grupo social” (SCHMITZ, 2011, p. 10). As especializadas são aquelas relacionadas a uma profissão ou área de atuação, tendo capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos, o jornalista busca essa fonte para aprofundar conhecimentos e estabelecer conexões entre os fatos.

É comum na rotina jornalística o repórter ter fontes de sua confiança, procurando falar com pessoas e organizações que já estão dispostas a revelar informações, esse hábito que é justificado pela falta de tempo, prejudica as narrativas que estão sempre com as mesmas vozes presentes, sem multiplicidade e abertura. Segundo Almeida (2010) essas fontes regulares representam segurança e facilitam as rotinas de produção do jornalista.

Porém existem perigos dessa dependência na rotina, já que fontes e jornalistas tendem a focar apenas nos benefícios dessa relação de “troca”. Para a autora, a cooperação dessas fontes e os dados fornecidos são revestidos de uma intencionalidade. Eles representam interesses e posições que devem ser levados em conta no momento em que o jornalista avalia o valor da informação angariada.

Para Assis (2012, p. 07) é importante pensar as fontes além de quaisquer classificações e nomenclaturas, é entender que elas são essenciais para a interpretação da realidade, sendo crucial para o reportar dos fatos, além de fornecedoras de informações. É ir além das suas declarações e o que podem oferecer, é “situá-las em seu contexto, observando atentamente o dito e o não dito, é o que possibilita traduzir o real de modo mais fiel”.

Entende-se as fontes como parte crucial da construção da narrativa, partindo da perspectiva que estas além de informações, contam suas histórias de vida, permeada de subjetividades e percepções que podem ou não ser capturadas pelo jornalista. A experiência humana e suas particularidades fazem parte da centralidade da reportagem.

O autor ao falar sobre as obras de Eliane Brum, enfatiza que a repórter concentra suas histórias em personagens que ao olhar dos colegas de profissão não entenderiam como “boa fonte” ou, possivelmente, sequer enxergariam. Assis (2012 p. 13) relata que a história de vida dessas pessoas comuns é “para o jornalismo, o que o sal é para a massa. Elas conferem o sabor. E quem dosa – porque é preciso dosagem, para a massa (ou para o jornalismo) não se perder – é o repórter”.

Os personagens anônimos que a jornalista busca trabalhar podem fugir dos critérios comuns avaliados ao escolher uma fonte. Ao buscar relatar histórias de vida, Eliane Brum apresenta nas suas reportagens momentos e relatos das pessoas, com a intenção de apresentá-las como além de fontes de informação de um certo acontecimento ou fenômeno.

Para o autor, um dos principais desafios a serem enfrentados por quem exerce o jornalismo, é sem dúvida lidar com a pessoa humana – e, mais, saber como abordá-la, identificá-la e entender o que e como extrair dela, colocar-se em seu lugar. Luiz Beltrão (1980) já considerava que se o jornalista não busca conhecer a sua fonte, o profissional perde aspectos e valores autênticos que podem preencher as lacunas da narrativa.

Ao falar sobre fontes e seu lugar no jornalismo, constata-se que as maneiras que elas são retratadas nas narrativas consolidam valores e significados, o modo em que aparecem definem suas representações e as formas como se reconhecem, como será discutido no próximo tópico.

2.3 A coreografia das representações

O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente no meio da travessia. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Dúvida? (João Guimarães Rosa)

As produções jornalísticas assim como outros produtos culturais são construídos a partir de valores, a construção sobre a realidade possui um fazer discursivo, e nesse processo, o jornalismo se torna um produtor de representações e sentidos. A partir da institucionalização do jornalismo no século XIX, criou-se uma interdependência entre notícia, opinião pública e sucesso empresarial, assumindo um caráter comercial de espírito capitalista (SILVA, 2005). O jornalismo passa a apresentar uma visão de mundo para os seus leitores, causando com isso uma adesão desse leitor a essa mesma visão. Esse acordo vai contemplar a manutenção da ordem social e da empresa jornalística.

Durante o século XX em que o jornalismo imparcial e objetivo foi adotado como modelo em quase todos os veículos de imprensa do ocidente, as empresas passaram a vender aos seus leitores o conceito de credibilidade, objetividade e incorporaram outro conceito, a ética. Os agentes do jornalismo, como os repórteres e editores, são vistos apenas como instrumentos para que a realidade chegue tal como ela é a toda sociedade.

Contudo, por mais simples que os fatos sejam, são projetados por teorias, crenças, conceitos, sensações, sistemas, contextos, conhecimentos e pela linguagem. Isso quer dizer que nenhum fato é um fato puro, conforme aponta Silva (2005), o autor ao falar sobre o processo referencial nas produções jornalísticas implica a linguagem como parte essencial. Ao apresentar narrativas como fatos, os meios de comunicação realizam uma releitura da realidade, o que por si só constitui uma representação (COLFERAI, 2009).

A significação das coisas e do mundo é reconhecida pelo repertório e conhecimento que cada pessoa possui, o contexto sociocultural em que está inserido que pode ser chamado também de background, segundo Silva (2005) são os recursos que uma língua dispõe para entender a realidade. O autor entende a linguagem como um elo de ligação do homem com o mundo, por ela pensamos, exprimimos, sentimos e referimos objetos.

As representações dependem então dos significados partilhados por uma sociedade, o jornalismo como instituição social está inserido no contexto sociocultural do leitor, assim, quando constrói um discurso decidindo as narrativas sobre as fontes, por exemplo, refletem valores referenciais que a própria sociedade reconhece, tendendo a reiterar ideologias dominantes.

A representação segundo Hall (2016) é um dos processos-chave do circuito cultural e diz respeito a esse compartilhamento de significados na produção de sentidos pela linguagem. A investigação do autor é motivada pela forma que se constrói o significado, para ele as significações culturais possuem efeitos reais nas práticas sociais.

Ao falar sobre os sujeitos na representação Hall (2016, p.106) evoca Foucault que traz um pensamento crítico, para ele, o sujeito é produzido a partir dos discursos. Hall traz assim a discussão que a representação funciona tanto no que é mostrado, quanto no que não é mostrado, entre o visível e o invisível. Outro apontamento é a identificação como parte do entendimento dos sentidos, “nós tomamos as posições indicadas pelo discurso, identificamos com elas, sujeitamos nós mesmos aos seus sentidos e nos tornamos ‘sujeitos’” é neste momento que as pessoas podem criar sentido para o que vêem.

O conceito passou a ser de importância para os estudos culturais, as contribuições de Stuart Hall para o campo é considerada fundamental, incentivando investigações

contextualizadas e observando as dimensões políticas e de poder, o autor será parte importante para o entendimento dos conceitos apresentados.

Diante das diferentes manifestações culturais é pertinente explorar as articulações existentes nas narrativas e suas produções de significados sobre os sujeitos, observando padrões de comportamento, conjuntos de idéias compartilhadas e a interpretação da realidade existente em torno da significação social.

Conforme Hall (2016) as pesquisas sobre o conceito de cultura são complexas e navegam pelas ciências humanas e sociais. Suas definições englobam as ideias de modos de vida atribuídas e divididas pelo poder, sendo diferenciadas por vezes da alta cultura e da cultura popular. Contudo, o autor enfatiza a cultura para além de um conjunto de coisas, mas a partilha de conceitos e interpretações do mundo.

A cultura parte de um determinado contexto social e acompanha as transformações históricas, muitos países da América Latina, por exemplo, são resultados de culturas colonizadoras e processos de conquistas violentas, com traços socioculturais eurocêntricos. Possuindo até o momento atual marcas fortes dessa colonização presentes nos modos de vida e comportamentos, já que mesmo após o fim dos impérios, de uma maneira ou de outra há influências culturais consideráveis no presente (SAID, 2011).

Segundo Ijuim (2020, p. 93) a ideia ainda persiste e manifesta-se no Brasil de várias maneiras, “em nossa visão de mundo, em nossa ideia de nação. Manifesta-se especialmente nas formas de nosso relacionamento com o outro”. Para o autor (2014) essa atitude colonialista foi levada principalmente pela imposição de conhecimentos de uma cultura como um todo, geralmente através do poder econômico e militar.

Toda essa dinâmica das representações apresentadas por Stuart Hall só podem ser entendidas com o acesso comum à linguagem, sendo um sistema social e não individual, ela se torna indispensável pois funciona como um sistema de representação, atribuindo sentidos. Esse sentido é criado a partir das coisas nos mais diversos formatos, como a escrita, fala, através de imagens, objetos, é onde os signos se organizam.

Segundo o autor (2016, p.18) “a linguagem é um dos meios através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura”. Sendo a cultura relacionada à troca de significados, seu reconhecimento implica também ao entendimento de pertencimento.

Ao falar sobre cultura Stuart Hall (1997) entende a centralidade desse conceito como parte constitutiva dos aspectos da vida social, da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa como um ator social. Desse modo, entende-se a partir deste pensamento que é por

meio do sentido das coisas que temos noção da nossa própria identidade. O autor define o conceito dessa maneira:

Como processo, como narrativa, como discurso, é sempre a partir da posição do Outro. Além disso, a identidade é sempre em parte uma narrativa, uma espécie de representação. Está sempre dentro da representação. A identidade não é algo que se forma fora e sobre a qual contamos histórias depois. (Hall, 2018, p. 70)

De acordo com o autor o conceito deve ser pensado no interior da representação, através da cultura, sendo os sentidos que regulam as nossas práticas sociais, dando sentido ao que somos e como nos enxergamos, resultante de um processo de identificação, com isso, a representação e identidade estão imbricadas e podem ser consideradas como dois lados da mesma moeda.

As identidades sociais reconhecidas foram mudando conforme os acontecimentos, antes o sujeito encontrava sua base em significações estáveis e tradicionais, o que deixou de acontecer na modernidade, emergindo uma concepção mais social do sujeito cada vez mais fragmentada, não sendo entendida como algo estável. Para o autor, a globalização é parte desse processo.

Quanto mais a vida se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2006, p. 75)

O sujeito não possui uma identidade fixa, mas surge de um processo entre as relações e das interações entre os sujeitos sociais, conforme pontua Silveirinha (2021). Para entender o sentido de identidade a autora afirma que é preciso pensá-la como um processo social e coletivo e não como algumas culturas ocidentais apontam algo que se “tem dentro de si”. Sendo entendida numa perspectiva social e comunicacional, como algo produzido através das relações sociais e da interação entre os indivíduos.

Por muitas vezes é nas questões de identidade que se compreendem problemas que são de uma dimensão coletiva, a autora dá o exemplo de quando alguém comete algum crime punível dentro da sociedade, atribuindo as causas à personalidade e características individuais, sendo esse um problema muito maior do que atrelado aos aspectos subjetivos.

A compreensão da identidade relaciona-se também com a identificação e a diferença. O reconhecimento de si parte do entendimento do outro, é olhando para a diferença que o

sujeito se reconhece. Na interação entre os sujeitos, o olhar do outro referencia em nós uma certa imagem, personalidade, vários modelos culturais e papéis sociais específicos que nós podemos aceitar ou rejeitar, mas que não podemos ignorar (SILVEIRINHA, 2021).

Não há de fato uma única representação verdadeira de pessoas nas narrativas, mas muitas formas de se representar. É de fato também que as diferenças humanas dentro da sociedade foram criadas em função do poder e das necessidades sociais, políticas e econômicas da sociedade.

Sendo a representação também ligada ao poder, é por meio dela que se estabelece a relação de superioridade e inferioridade entre os indivíduos, “se tudo está, mais ou menos, sob a supervisão do Estado, é bem fácil perceber porque a única ideologia que se reproduz é a dominante” (HALL, 2006, p. 165).

O lugar que se fala é sempre o da hegemonia, são eles que constroem as representações e a partir delas as identidades dos outros passa a existir, mais do que nunca é importante reforçar a questão identitária e da representação, no sentido de questionar as representações errôneas, questionar a forma que esses significados são produzidos. Questionar isso é questionar os sistemas de poder.

De acordo com Hall, um sentido só pode existir a partir da representação que é feita sobre a imagem. No que diz respeito à região amazônica, os povos indígenas e tradicionais, qual a sua representação nos meios de comunicação? Qual a imagem dela que é projetada e divulgada? A discussão acerca do conceito abre espaço para os conceitos de ideologia, como aponta Hall (2006), ao afirmar que estes são sistemas de representação materializados em práticas sociais que abrangem uma visão política, econômica e social.

Diante dessa perspectiva dos estudos culturais com o entrelaço entre sentido, linguagem e cultura, enfatiza-se esse poder das representações para fundar essas identidades coletivas e individuais, Budag e Scabin (2019) afirmam que é “impossível dissociar representação, identidade e discurso, bem como é evidente a relação entre práticas discursivas e a subjetividade”. Entendendo as representações e sentidos providos midiaticamente aos sujeitos como elementos de engendramento de subjetividades.

É possível dizer assim que o jornalismo como instituição ocupa um lugar privilegiado no encontro com a diferença, já que pode construir aquilo que será dito sobre o outro (PAULA, 2019). O modo como somos representados influencia a forma como nos representamos, a partir disso, podemos pensar nas narrativas midiáticas como lugares de discursos e desenvolvimento de representações, portanto, de identidades e subjetividades.

E são nessas representações culturais, por exemplo, que se pode dar origem a referenciais negativos quando nos deparamos com tudo aquilo que está fora do “padrão”. Num campo dinâmico como a representação, há essencialmente ligações aos sistemas de poder, determinando espaço e visibilidade, como as histórias serão contadas e por quem.

Stuart Hall (2016) aponta que em toda cultura há sempre uma diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de interpretar e representá-lo. Porém, os jogos de poder das sociedades podem impedir certas representações e significados de serem compartilhados e serem reconhecidos como

São essas representações mediadas que sublinham as diferenças, criando identidades aceitas como principais e outras como estranhas que podem excluir e limitar outras leituras sobre quem/o que está sendo representado, já que o que é notícia no jornalismo, é tido como verdade. Segundo Silveirinha (2021) a comunicação mediada que encontramos muitos outros que de algum modo nos obrigam a ser plurais.

As narrativas são formas epistemológicas de entender o mundo, reforçando contextos e modelos preestabelecidos nas culturas, sendo parte do entendimento da sociedade e consequentemente dos jornalistas. Assim, as heranças da modernidade ecoam nos meios de comunicação, com ideais, por exemplo, do ser da razão (homem, europeu, branco e rico) gerando distinções e hierarquias, naturalizando diferenças e categorizando os sujeitos, sendo assim, quem está fora do que é aceito como normal, se torna invisível.

Ijuim (2019) entende que enquanto parte da população seguir os paradigmas elitistas e “não repensar a emergência de comunicar-se com o Outro, de perceber igualdades e diferenças, vamos continuar a demarcar e segregar cada vez mais seres humanos”. Assim também muitos jornalistas continuaram a propagar essa intolerância.

E nessa configuração histórica que naturaliza estigmas e preconceitos alguns grupos sociais são mais afetados, são as populações minorizadas, Sodré (2005) explica que a palavra possui ponto de partida em um sentido de inferioridade quantitativa, sendo o contrário de maioria. O autor aponta que o conceito é fundamental para a democracia representativa, pois, qualitativamente, a democracia é um regime de minorias, porque só no processo democrático é que a minoria pode se fazer ouvir, sendo uma voz qualitativa.

Refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de lutas assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, etc (SODRÉ, 2005, p.12)

São as formas de representação que produzem significados e sentidos que contribuem para a criação de quadros de referências sobre esses sujeitos. Segundo Moraes (2018) é necessário o jornalista avaliar criticamente os discursos construtores e as visões de mundo socialmente construídas, assim será possível um fazer jornalístico que supere a dignidade humana e respeite a sensibilidade dos personagens.

É necessário um contraponto, reolhar o mundo, buscando uma comunicação efetiva com o outro. Entender que o sujeito narrado pode reconhecer sua própria forma de representação e ao reconhecer esses significados e questioná-los, posiciona-se no mundo.

A busca pela compreensão dos sentidos nos leva às suas formas de produção, a linguagem e os signos presentes nela culturalmente são construídos por instituições como o jornalismo. A sua forma narrativa nos possibilita investigações que atravessam as intencionalidades dos discursos principalmente sobre os sujeitos, é o que discorreremos no próximo capítulo.

3. A MÁQUINA DE FAZER HISTÓRIAS: O JORNALISMO NARRATIVO

“Quando se quer escrever alguma coisa, fica estabelecida uma espécie de tensão recíproca entre a gente e o tema, de modo que a gente atíça o tema e o tema atíça a gente” (Gabriel García Márquez).

3.1 O ato comunicacional: as narrativas

O ato de narrar é nada mais que a própria significação da vida, narrar é constituir sentido ao mundo, uma forma de compreendê-lo. As nossas vivências fazem sentido no momento em que nos organizamos e contamos sobre elas. Para Medina (2003, p. 48) a narrativa é uma das nossas respostas diante do caos, atribuindo sentidos aos acontecimentos, “o que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica”, sendo a narrativa uma produção cultural presente nas relações ideológicas, sociais e políticas.

As narrativas possuem grande significação para o entendimento das coisas, para Resende (2005) nelas são tecidos os saberes acerca do mundo assim como a partir deles outros saberes são construídos. Martino (2016) define a narração como algo mais do que o impulso de “contar histórias”, é uma das modalidades do ser social e político, e quando se fala em “contar histórias” para o autor é elaborar um conjunto de enunciados que faça algum sentido em si mesmo dentro de uma perspectiva compreensível a respeito de fenômenos que não estão presentes naquele momento.

Para Eliane Brum⁸, escrever e contar histórias é uma arte, e ajuda a não matar e também não morrer, a escritora reconhece o caminho árduo dos processos narrativos, enxergando o narrar como expressão no mundo, a jornalista passa a entender o fardo que se carrega ao dar sentido às coisas.

Ao falar sobre narrar levamos em consideração também seus aspectos de temporalidade. Motta (2013, p. 71) indica que o narrar “é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho”. É então a narrativa o processo em que coloca os acontecimentos em perspectiva, pode ligar e unir pontos, apresentar conflitos, personagens, momentos de tensão que se relacionam com o passado, presente e futuro, realizando uma composição e significação do mundo, relacionando assim a narrativa ao seu caráter temporal.

Quem aprofunda estas discussões e constata a argumentação é o filósofo francês Paul Ricoeur que é também base para autores como Motta (2013) e Resende (2011). Ricoeur

⁸ELIANE Brum e a arte de escrever para não matar e não morrer. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/10/cultura/1570717717_753040.html. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

(1994), em seu livro “Tempo e Narrativa” argumenta que o tempo só tem peso e extensão na narrativa, não conhecemos o tempo de outra forma, ele aparece quando narramos, o narrar nos diz o antes e o depois mostrando também o lugar de pertencimento das relações entre os sujeitos.

Existe uma necessidade de nos situarmos no espaço-tempo. Para o autor, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 93).

Esse contar da vida, enxergar o mundo e as experiências vividas pode ser encontrado nos vários lugares em que as histórias acontecem, exemplos podem ser pensados desde a linguagem, a fala, a pintura, a fotografia, assim como na literatura e no jornalismo. Para Resende (2005) as narrativas, que cumprem a função de tecer a existência entre os meios e a sociedade, são elementos essenciais.

Durante muito tempo as narrativas pertenciam apenas ao campo da literatura, apontando um caminho estruturalista. Entretanto, novos percursos foram surgindo para esta corrente teórica, Motta (2017) afirma que a partir dos anos 1990 a teoria da análise narrativa aparece com força em estudos do âmbito acadêmico em vários campos do conhecimento como a comunicação, a ciência política, a antropologia, a historiografia e a literatura. Ela deixa de estar associada plenamente apenas à linguagem escrita e passa-se a entendê-la como um fenômeno amplo, apresentando-se em diferentes suportes.

A narratologia como é conhecida a teoria da narrativa nasce vinculada a principalmente ao movimento linguístico, mas foi se desvinculando gradualmente. Motta (2013, p.78) nos apresenta uma teoria ligada ao ramo das ciências humanas “que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades”. Que abrange hoje uma gama mais ampla dos campos acadêmicos, sendo utilizada também nas teorias de comunicação, transformando-se em uma teoria interpretativa da cultura.

Dedicando-se ao estudo dos processos de relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam elas factuais como o jornalismo ou ficcionais. A produção cultural de sentidos engloba essa narratologia, procurando entender como os sujeitos sociais constroem intersubjetivamente seus significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade

Em seu livro *Análise Crítica da Narrativa*, Motta (2013) apresenta alguns motivos para aprofundar as pesquisas nas narrativas, uma das razões apontadas é compreender como os homens criam representações e apresentações do mundo. O pesquisador afirma que grande

parte das representações sociais se estrutura na forma de narrativas, como relatos interpessoais, cartas, piadas, reportagens entre outros.

Para ele representar é colocar algo no lugar do outro, criar um símbolo que é tomado como o próprio outro, ela permite que cada um possa comunicar ideias e valores, por isso, estudar as narrativas como representações pode ensinar muito sobre as maneiras pelas quais os homens constroem essas representações do mundo material e social.

Segundo o autor, em outra razão descrita no livro, a intencionalidade dos interlocutores revela muito sobre as narrativas e é, em si, uma justificativa para os estudos sobre o assunto. Buscar entender, por exemplo, a significação enquanto intenção de representar, apresentar e constituir o mundo é uma interrogação que abre amplos horizontes de reflexão e revela a necessidade de estudar os processos cognitivos associados às narrativas em geral, especialmente às narrativas da mídia.

Se as discussões dos estudos narrativos de forma transdisciplinar são consideradas recentes, o jornalismo visto dentro desse campo também possui esforços relativamente novos e que ainda passam por resistências. Segundo Lage (2018) os estudos em jornalismo passaram a se preocupar mais expressivamente com uma abordagem narrativa na segunda metade do século XX, explorando antes disso apenas os relatos de jornalistas sobre suas experiências profissionais, além da reportagem que possui “passe livre” para ampliar ainda de maneira sutil a experiência narrativa no jornalismo.

Com esta nova perspectiva e os estudos dessa corrente avançando, podemos citar como exemplo a Rede de Narrativas Midiáticas (Renami) um grupo de pesquisa que surgiu no cenário acadêmico brasileiro em 2015, reunindo pesquisadores do país para o debate com esta temática, o grupo vem se constituindo ao passar do tempo trazendo reflexões para as perspectivas epistemológicas, metodológicas e sobre os sujeitos por meio das narrativas midiáticas contemporâneas.

Na obra “Narrativas Midiáticas Contemporâneas: perspectivas epistemológicas”, organizado por Demétrio de Azeredo Soster e Fabiana Quattrin Piccinin e lançado em 2017 pela editora Catarse, vários pesquisadores caminham por óticas múltiplas contribuindo para as discussões na área, a obra apresenta algumas possibilidades e esforço ao considerar o jornalismo como narrativa, trazendo um fôlego para a corrente de estudos narrativos.

A contextualização dos estudos narrativos no jornalismo nas suas perspectivas teóricas e metodológicas é contemplada no texto de Quadros, Motta e Nasi (2017) auxiliando os pesquisadores deste campo. As autoras analisam textos publicados de 2012 a 2016 nos anais de três dos principais congressos nacionais da área da Comunicação, promovidos pela

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

Dos 96 trabalhos encontrados, 15 são de cunho teórico e 81 textos apresentavam resultados de pesquisa empírica. Entre os trabalhos teóricos, as autoras constataram que os artigos abordavam diversas temáticas, desde reflexões epistemológicas sobre o próprio jornalismo – entendido como uma narrativa, como forma de conhecimento ou como mediação dialógica, citando alguns exemplos – até problematizações acerca da linguagem jornalística, práticas e formatos, como aproximações entre narrativa jornalística e científica, entre as narrativas policiais no rádio e na televisão, questões de gênero e sexualidade, humanização das narrativas, entre outras.

No âmbito empírico, as mídias impressas foram destaque, com presença de até 54%, sendo elas o jornal impresso, o livro-reportagem e as revistas. As autoras pontuam que o predomínio sobre esse objeto pode estar relacionado à questão metodológica. “(...) são as que se revelam mais acessíveis aos pesquisadores, possivelmente em função da facilidade de acesso ao registro do texto, que é uma das principais “camadas” a que se dedicam os estudos das narrativas” (QUADROS *et al*, 2017, p. 41).

Quanto à sustentação teórica, autores como Luiz Gonzaga Motta (UnB), o filósofo francês Paul Ricoeur e Cremilda Medina (USP) são os principais citados. Motta ainda aparece como a principal referência metodológica, com as obras “Análise Crítica da Narrativa” (MOTTA, 2013) e “Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística” (MOTTA, 2005); o capítulo Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, publicado no livro “Metodologia da Pesquisa em Jornalismo” (LAGO; BENETTI, 2007).

Para concluir, as autoras levantam a insistência dos pesquisadores em jornalismo para analisar as narrativas que buscam superar os recursos da narratologia e a produção dos formalistas e estruturalistas, que, embora proponham diferentes ferramentas para a análise, centram-se nos aspectos internos do texto. Notaram ainda que mesmo os trabalhos que se voltam às textualidades buscam alcançar as vinculações sociais e os sentidos implícitos nos textos, denotando uma preocupação em romper com o texto em si como única superfície de análise, o desafio para um método de análise narrativa mais estabilizado, portanto, “parece-nos passar pela sistematização de um arcabouço metodológico, sem prender-se às regras formalistas e considerando as especificidades do texto jornalístico, indissociável do contexto” (QUADROS *et al*, 2017, p. 45).

Um dos passos iniciais é entender que os estudos narrativos partem de uma dimensão de compartilhamento de sentidos e não apenas de transmissão de informações. Motta (2013) argumenta que entende este campo como um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades, buscando compreender os processos das relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas.

A análise narrativa cresce para além da limitação dos textos e busca compreender os valores de uma cultura, a construção de significados, situar o nível das relações culturais, os atos de fala em contexto, buscando compreender como elas se constituem, entendendo os temas e personagens abordados.

No entanto, compreender o jornalismo como narrativa não é uma tarefa fácil, desafios conceituais se aproximam quando aplicada à tentativa. A atividade que se firmou no auge do conhecimento moderno e positivista, está sobre os olhares da objetividade “registrando o real”, teme-se assim que esse olhar narrativo aproxime a subjetividade da prática, muitas vezes sem levar em consideração que a ação de relatar os acontecimentos passa por processos subjetivos dos narradores-jornalistas.

Considerando também que a compreensão e a coerência de uma narrativa passa pelas intenções dos sujeitos, tanto o jornalista quanto o leitor, através de suas vivências e da sua própria referência de mundo (MOTTA, 2013). No próximo tópico discutem-se as potencialidades da prática jornalística quando compreendida narrativamente.

3.2 Narrativas jornalísticas e suas potencialidades

Após delimitar a nossa compreensão da narrativa, caminhamos para uma discussão sobre o jornalismo narrativo, refletindo não apenas sobre o conteúdo da produção, mas todo o processo que envolve o ato comunicativo. Voltando o olhar para as escolhas assumidas do narrador, as vozes presentes, as intencionalidades, os contextos sociais que nos ajudam a construir o mundo e a possibilidade de enxergar os sentidos, impressões, sensações e vivências.

Para sustentar este tópico nos apegamos principalmente às perspectivas teóricas e metodológicas de Motta (2013), para o autor a narratividade do texto jornalístico não está apenas na obra fechada, mas em todo o processo de produção que envolve e articula experiências entre sujeitos dentro de um contexto temporal. A narrativa é, então, um sentido em construção, sendo necessário observar as potencialidades do narrar e dos meios em que se narra.

Para a possibilidade de enxergar as narrativas no jornalismo do dia a dia, nas *hard news* é necessário observar como elas lidam e organizam o tempo. Motta (2013) irá argumentar que é preciso reconfigurar os relatos como unidades temáticas, intrigas que possuem início, meio e fim, reunindo informações dispersas sobre um mesmo tema ou assunto. A coerência dessa construção narrativa é realizada também pelo leitor, eles fazem parte do processo que o autor chama de correferência, quando os sujeitos ativam suas próprias vivências de mundo para compreender as narrativas.

Essa compreensão do jornalismo como um fenômeno cultural, um processo comunicativo permeado de tensões entremeadas à realidade nos faz perceber que o olhar voltado somente para as textualidades não contempla de fato o objeto, considerando que ele está inserido em uma historicidade, dotado de vinculações sociais e principalmente como resultado de modos de produção institucionalizados conforme explicita Quadros *et.al* (2017).

Paula (2019) pontua que a narrativa jornalística é um caso exemplar de experimentação da realidade porque permite apreender rapidamente a complexidade do mundo imediato e configurá-lo em enredos minimamente coerentes. O jornalismo é a narrativa hegemônica sobre todas as outras na construção da verdade imediata e do senso comum (MOTTA, 2013), ele nos apresenta um modo legitimado de ver e compreender o mundo.

Considerando-se que todas as narrativas possam ter efeito sobre os sujeitos, as jornalísticas que trabalham com os acontecimentos cotidianos possuem uma responsabilidade social reconhecida institucionalmente e que deve ser respeitada, sendo possível através dessas narrativas alterações nas tessituras sociais, pois a partir dessas significações mediadas fazemos nossa leitura de mundo. Esta pode ser uma das características que diferenciam a narrativa literária e jornalística, por exemplo, dada a sua capacidade de contribuir com a construção do real devendo até mesmo certa subordinação daquilo que se reconhece como realidade.

Costa e Silva (2003) argumentam que o jornalismo atua mediante um “contrato” com a sociedade, firmado na veracidade o tornando um mediador especializado da realidade social, na qual é reconhecido como agente construtor e ressignificador, com credibilidade para relatar a história tal como ela é. O jornalismo não faz ficção, mas isso não anula o fato de que os relatos são construídos a partir de conceituações em forma de linguagem, sujeita a todas as suas imprecisões.

Sobre esse contrato, Charaudeau (2007) relaciona o conceito nas instâncias de produção e recepção comunicacional. O autor explica que a finalidade do contrato de

comunicação midiático se dá numa tensão entre duas vias, a de informar o cidadão e a que segue a lógica comercial, sendo por vezes a segunda mais visível por conta da busca pela audiência e conseqüentemente o lucro.

Segundo o autor, na instância de informação o desafio é conquistar credibilidade, estando em confronto permanente com esse ponto já que baseia sua legitimidade no “fazer crer que o que é dito é verdadeiro. Desse modo, estão engajadas num jogo da verdade, que consiste em corresponder aos diferentes imaginários sociais que as questionam” (CHARAUDEAU, 2007, p. 90).

O jornalismo ainda se baseia de forma estruturante em ideais reconhecidas na modernidade, como a objetividade e imparcialidade, sendo compreendido pelo viés iluminista, faz-se valer de uma instrumentação teórica através da qual o exercício da linguagem se vê cerceado pelo impositivo de ordens e lógicas atentas ao esforço da simplificação, como pontua Resende (2011). Assim, interessa-nos apontar que reconhecer a narratividade no jornalismo nos permite enxergar as escolhas assumidas pelo narrador, suas intencionalidades e interesses e toda a sua complexidade enquanto ato comunicativo.

Esses conceitos “tradicionais” tentam apagar a mediação de quem narra no campo jornalístico, podendo camuflar os jogos de poder - que podem envolver gênero e lugar de fala. Entretanto, para a narratividade faz se necessário admitir a presença de subjetividade, entender que mesmo quando há ausência, há também parcialidade. Seguindo essa linha, podemos afirmar que as narrativas jornalísticas trazem em si as marcas do contexto em que são produzidos, os atos narrativos “criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira” (MOTTA, 2013, p. 121).

Fernando Resende (2005) traz boas reflexões sobre o tema já algum tempo, o autor aponta como narrativas enclausuradas aquelas que partem do princípio de que sua construção depende exclusivamente de regras previamente estabelecidas que ordenem a forma textual da narrativa, além de “enclausurar” o narrador-jornalista. Ele fala sobre uma visão instrumental do jornalismo, que está presente nas investigações acerca do campo, buscando compreender a comunicação e seus objetos por meio das práticas que o sustenta, essa instrumentalização se deve principalmente pelo fato dele sofrer interferências de ordem ideológica e econômica.

Buscar entender o mundo narrado pelo jornalismo é também uma forma de entender trajetórias. Resende (2005) intitula narrativas de resistência àquelas que possibilitam outros olhares possíveis para o jornalismo, que investiga os aspectos importantes da dimensão complexa da prática, por exemplo, descaracterizando personagens, enxergando para além de

histórias fechadas, identificando vidas em construção, sendo a narrativa um possível instrumento de compreensão.

Ainda na perspectiva do autor, ele argumenta que o reconhecimento da subjetividade implica em uso de instrumentos de análises e métodos que nos tornem aptos a compreender os gestos narrativos. Se muitos falam através de vários meios, entender quem fala se torna uma questão importante para, por exemplo, entender o que se fala e porque se fala. Aplicada ao jornalismo torna-se necessário investigar o lugar do jornalista, que até então se coloca como neutro e “finge” estar ausente. Para Resende (2011) o jornalismo legitimou uma linguagem que visa o esforço do apagamento, tanto quanto possível, de marcas de enunciação, uma herança da modernidade.

Já que as narrativas criam sentidos e nos fazem compreender o mundo, este olhar narrativo então está repleto de intencionalidade, o narrador constrói seu discurso almejando alcançar objetivos, é, portanto, uma atitude argumentativa, além de se realizarem em contextos sociais e políticos que influenciam diretamente o narrador. Motta argumenta:

As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente, em contexto, de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação. Os discursos narrativos literários, históricos, jornalísticos, científicos, jurídicos, publicitários e outros participam dos jogos de linguagem e dos jogos de poder. Analisar as narrativas se transforma em observação de ações e performances socioculturais, que de relatos isolados (MOTTA, 2013, p. 83).

Assim, as narrativas são sempre construções discursivas, sejam elas factuais ou fictícias, sendo consideradas como uma forma de entendimento do mundo e de nós mesmos, afirmando cada vez mais sua centralidade cultural e social. Ao observar as obras do nosso objeto de análise até mesmo em uma leitura informal, percebe-se de cara a presença constante da repórter Eliane Brum. O seu posicionamento e a mediação cristalina faz uma leitura de mundo e entrega narrativas cheias de intencionalidades, investigar estas estratégias argumentativas são pontos importantes para este trabalho.

Para Motta (2012) as narrativas criam também sentidos de pertença. Esses sentidos são significados interpretados a partir de narrativas que têm o potencial de se sobrepor umas às outras, de serem questionadas e até substituídas. Assim, a textura social é constituída de enredos e personagens, com os quais nos identificamos ou rejeitamos.

Diante dessa perspectiva, as narrativas jornalísticas nos levam a pensar também acerca das representações, já que o enunciado está inserido em diferentes contextos sociais e pode revelar valores no ato narrativo. Sendo assim, compreendemos que os sujeitos presentes

nestas narrativas estão aptos a diversas representações delineadas pela mídia. Os relatos do cotidiano apresentam diariamente fatos que reforçam conceitos e valores, na grande maioria das vezes, assentados em lógicas dominantes.

Os meios de comunicação tendem a reproduzir uma postura que privilegia o fato à circunstância, o espetáculo e menos as dores e sofrimento humano, afastando-se assim da contextualização e complexidade necessária dos fenômenos sociais. Com essas características a narrativa (re)produz mensagens que podem legitimar práticas de determinados grupos como constituidoras de identidade, enquanto outros grupos (que não estão na mídia ou são representados de maneira equivocada) são silenciados.

Boaventura de Sousa Santos no texto “Para além do pensamento abissal” (2007) reflete sobre uma bipolarização do mundo que separa a realidade social em linhas e limites imaginários – norte-sul, civilizado-selvagem, colonizador-colonizado. Ijuim (2014), analisando os textos do autor pontua que no campo do conhecimento esse pensamento consiste na concessão à ciência moderna, do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso. O pesquisador aponta que a ciência como conhecimento monopolista privilegia uma epistemologia das consequências, estas vêm sempre antes das causas.

Quando observamos as narrativas do cotidiano noticioso, percebemos que o jornalismo ainda apresenta muito superficialmente os acontecimentos do mundo. O Brasil, que no momento passa por uma crise política e econômica no meio de uma pandemia mundial, está com mais de 14 milhões de desempregados⁹, consequências de uma crise gerada pela pandemia, mas principalmente a má gestão e a falta de apoio do governo federal com o esvaziamento de programas voltados a agricultura e auxílios, como a bolsa família. Com isso, já são 19 milhões de brasileiros em situação de fome no país, segundo dados de 2020 da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Penssan)¹⁰.

É curioso como os veículos de comunicação tradicionais noticiam esses acontecimentos, sem o aprofundamento necessário do fato, lançando, por exemplo, matérias com sugestões para a substituição de alimentos, sugerindo ingerir alimentos estragados ou insetos, pautas estas que inviabilizam os problemas reais da população.

⁹ Desemprego fica em 14,6% e atinge 14,8% milhões no trimestre encerrado em maio, aponta IBGE. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/07/30/desemprego-fica-em-146percent-no-trimestre-encerrado-em-maio-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

¹⁰ Insegurança alimentar e covid-19 no Brasil. Disponível em: <http://olheparaafome.com.br>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

A matéria do *GI* “Quando é seguro comer pão, queijo e outros alimentos mofados”¹¹ publicada em setembro de 2020, dá dicas de como comer alguns alimentos já estragados pelo mofo, pode parecer inofensiva e soar até mesmo como uma “dica” para qualquer pessoa, mas sabemos da produção de significados que o jornalismo pode proporcionar à sociedade. Em nenhum momento a notícia contextualiza de alguma forma os setores econômicos ou sociais, ao final do texto, o leitor ainda é advertido sobre os riscos de ingerir alimentos estragados:

Algumas espécies de mofo podem produzir toxinas conhecidas por terem efeitos adversos em seres humanos e também em animais. Embora seja possível que, ao retirar o mofo (e uma quantidade significativa do produto ao redor dele), você consiga remover quaisquer toxinas invisíveis que estejam presentes no alimento, não há garantia de que isso removeria todas elas (G1, 2020).

Em um segundo exemplo, temos a matéria publicada no *Correio Braziliense* “Insetos: o alimento super nutritivo desprezado pelo mundo ocidental” publicada em junho de 2021. Destacamos um trecho que se mostrou intrigante, a repórter pontua, “(...) o cultivo de insetos pode ajudar a resolver dois dos maiores problemas do mundo ao mesmo tempo: a insegurança alimentar e a crise climática”. A narrativa traz uma falácia de culpar o trabalhador - população em sua maioria- pelos problemas causados na verdade pelas grandes indústrias, inseridas dentro do sistema capitalista que é contraditório por si, quando apresenta as soluções -momentâneas- e cria também os problemas futuros.

Percebe-se assim que essas narrativas apresentadas pelo jornalismo relativizam questões sociais profundas que afetam diretamente milhares de pessoas. A repórter apresenta dados e pesquisas científicas, que acolhem o sentido de veracidade e precisão dentro do jornalismo, mas nos questionamos, apenas isso é suficiente para uma narrativa que atribui sentidos à realidade?

Entender essas questões e buscar superá-las é o que muitos estudiosos já fazem há algum tempo, como Cremilda Medina que em meados de 1970 já lançava o livro “A arte de tecer o presente”, questionando os modelos jornalísticos consagrados na modernidade, inaugurando um ponto de vista teórico em que reflete sobre suas práticas, reavaliando as epistemologias do jornalismo.

Jorge Ijuim (2013) trabalha o jornalismo humanizado e a superação de modelos reducionistas na prática profissional. Para o autor, o relato jornalístico não é produto de simples execução de técnicas narrativas, mas fruto amadurecido da observação apurada, da

¹¹ Quando é seguro comer pão, queijo e outros alimentos mofados. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/09/26/quando-e-seguro-comer-pao-queijo-e-outros-alimentos-mofados.ghtml>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

reflexão dedicada e da emoção solidária do comunicador, fazendo parte dos desafios do comunicador a busca por narrativas que assuma a sensibilidade, o afeto e a dialogia, buscando cumprir com a função do jornalismo de ampliar o horizonte de compreensão acerca do outro e de sua realidade.

Fabiana Moraes (2019) baseada nos estudos decoloniais busca um jornalismo que refuta códigos estabelecidos pela colonialidade propondo uma observação crítica a partir de critérios que não se assumem neutros, e até mesmo com uma carga ativista. Moraes (2018) desenvolve uma reflexão teórica sobre os limites dos ideais objetivos e as consequências que se gera sobre a vida das pessoas. Propondo o uso do que chama de jornalismo de subjetividade que contesta a concepção reducionista da objetividade que castra a autonomia do repórter, o condicionando a apenas relatar os fatos.

Um dos pontos iniciais para essa prática é a reflexão sobre as formas de enquadramento, a autora enfatiza que geralmente o que é levado ao conhecimento público é o espetacular ou o extraordinário, sendo esse um olhar exotificante, que enquadra o outro como “diferente”, as semelhanças assim são deixadas de lado nas narrativas. Outro ponto é a visão direcionada para os pequenos detalhes, as miudezas do dia, aquilo que geralmente não chamaria atenção.

Posto isso, enfatiza-se na construção das narrativas a necessidade do comunicador de absorver/compreender os fenômenos para poder narrá-los, o que envolve uma contextualização precisa e profunda, considerando também as características relacionais como uma das essências da comunicação, já que os personagens ocupam lugar de destaque em qualquer narrativa, visto que é em seu entorno e em decorrência de sua existência, que a própria narrativa se constrói (COSTA, SILVA, 2003).

O trabalho neste momento direciona os olhares brevemente para o narrador, especificamente no caso deste estudo, aprofundaremos mais à frente a jornalista brasileira Eliane Brum, enunciativa das narrativas amazônicas aqui analisadas. Parte-se do entendimento inicial que é o jornalista que estabelece as relações com os acontecimentos e com os sujeitos presentes na narrativa, é ele capaz de desenvolver um potencial encontro com as diversas realidades vividas, tomando para si a autoria do relato.

Segundo Resende (2005, p.12) o jornalista é um dos protagonistas do ato “quando se reposiciona no lugar do humano, cria possibilidades de articular-se no tecido da vida” Mesmo com a presença desse narrador, o jornalismo ainda assim insiste no apagamento do autor narrativo, colocando-o em terceira pessoa, uma mediação “afastada”. Entretanto, Christofolletti (2004) argumenta que apagar a autoria dentro das narrativas é inviável:

“Por mais que se tente, não é possível fazer desaparecer os sujeitos dessa equação. Por natureza, a atividade é humana e não pode prescindir dos elos que a compõem. A cada tentativa de matar o autor, mais o estilo se firma como um eco da voz do criador. Não só na literatura, mas também no jornalismo” (CHRISTOFOLETTI, 2004, p.173).

Essa leitura tradicional das narrativas pouco contribui para a autonomia dos jornalistas que se instigados à produção complexas, são capazes de “(...) assumirem a condição de autores e experimentarem todas as potencialidades da construção de narradores na elaboração de reportagens”; sendo ainda esse olhar epistemológico comum do jornalismo, como já dito antes, alicerçado no positivismo racionalista com a presunção de controle sobre aquilo que se narra. Entretanto, para Martins (2016) “mesmo o narrador em terceira pessoa pode banhar-se das incertezas, das problematizações que a contemporaneidade provoca em cada um de nós”. (MARTINS, 2016, p. 117).

A autora partindo da visão de Medina (2014) argumenta que as narrativas jornalísticas são uma costura, uma articulação de outras narrativas, e quando falamos em narrador no jornalismo, falamos no plural, os múltiplos sujeitos existentes entre os narradores e receptores. O encontro com o outro faz parte dos processos narrativos, o repórter realiza diálogos para observar, ver e sentir, como forma de compreender o cotidiano.

Martins (2016) aprofunda esta questão ao argumentar que o profissional que utiliza da sua autoria aprofunda-se numa postura complexa, é um sujeito que se deixa tocar pelos fatos. Essa postura complexa para Medina (2008, p. 98) é capaz de produzir uma narrativa problematizadora da realidade, uma narrativa autoral que põe em movimento a aventura humana, para isso “o autor da narrativa é um ser aberto aos demais códigos da experiência social que observa”.

É dentro desse amplo contexto de produção que deve ser compreendida a figura do jornalista e o seu papel nas decisões, tais como, por exemplo, a escolha das fontes. Com a expansão da profissão e o reconhecimento, as empresas necessitavam de organização para conseguir produzir notícias diariamente. Para Traquina (2005) a rotina jornalística permite que os repórteres produzam com mais eficiência. O trabalho jornalístico é uma atividade prática e cotidiana, orientada para cumprir as horas de fechamento. Por isso, os jornalistas vivem sob a tirania do tempo - rotinização-, característica essa que pode influenciar a forma em que os fatos são apresentados.

O profissional possui o “poder” de pautar um conteúdo, encarar fatos e analisar situações, enxergando um potencial produto jornalístico. Stuart Hall *et al* (2016) afirma que a noticiabilidade - a seleção dos fatos, também pode ser vista na rotina da profissão, já que os

fatores de organização afetam o que pode ou não ser selecionado para o produto final do jornalismo. A questão é que a rede noticiosa estabelecida e os eventos datados a serem noticiados, a noticiabilidade, muitas vezes não abrangem todos aqueles aspectos complexos e múltiplos presentes na sociedade contemporânea.

A padronização e a rotinização do trabalho jornalístico acaba acarretando em algumas consequências. A escrita do profissional pode se tornar “engessada”, já que o jornalista necessita seguir padrões estabelecidos, contar fatos de acordo com o “lead”. Criam-se, então, discursos rotineiros que podem prejudicar certos grupos sociais.

Medina (2006) discute sobre este aspecto em seu livro “O signo da relação” a autora aponta que o jornalista ao realizar a observação do mundo e o seu contexto cultural se torna mediador/autor, produzindo sentidos e significações. Entretanto, as coisas e acontecimentos estão sempre inseridos em um contexto geopolítico cheio de conflitos, levando o mediador a enfrentar então a polifonia e um estranhamento ao “diferente”.

O autor da mediação pode passar por uma não compreensão da diversidade cultural relacionada às relações de poder que desqualificam os diferentes e inferiorizados. A autora pontua que como articulador de discursos multiculturais, para o mediador é necessária uma espécie de regência de vozes, comportamentos, ideias e valores.

3.2.1 A reportagem

Motta (2013) ao direcionar seu olhar para as narrativas jornalísticas aponta a reportagem como um dos principais pontos de partida para enxergar a narratividade. Para o autor, o gênero possui mais liberdade para criar, relatar e contar histórias, sendo possível para o repórter se desvencilhar dos rigores da escrita enxuta e objetivada, permitindo a criação de efeitos estéticos de sentido.

Ao falar sobre a produção de sentidos nas narrativas, Leal (2011) entende que na circulação de informações conceitos como percepção, afeição, sensibilidade e a significação também fazem parte desse processo e para abarcar essas dimensões faz-se necessário apropriar-se da realidade dos sujeitos de forma complexa, ampla e contextualizada, sendo possível encontrar esse suporte no formato textual da reportagem.

Sodré (1986) compreende a reportagem como uma extensão da notícia, onde se trabalha discursivamente pontos importantes do cotidiano. Para o autor, as notícias precisam passar pelo tratamento narrativo para a transformação de fato em reportagem, e isso se dá com personagens anônimos, descrição, contextualização e ação dramática, entretanto, seguindo ainda os conceitos objetivos do jornalismo. A notícia e a reportagem carregam ainda

uma diferença para além do tamanho textual, uma delas é a questão da atualidade, já que a reportagem não tem o mesmo imediatismo que a notícia, conforme conclui o autor.

Ao partir dessa compreensão onde o gênero é espaço para aberturas e aprofundamento das narrativas, Cremilda Medina (1973) afirma que enquanto a notícia fixa o que está acontecendo, o “aqui”, a reportagem tem a possibilidade de um círculo mais amplo, reconstituindo o antes e o depois deixando os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente.

O formato não possui o mesmo caráter imediato da produção noticiosa sendo possível enxergar de maneira mais clara sua forma narrativa, onde se pode trabalhar com um olhar mais humano, um possível espaço para inovações, detalhamentos de fatos, a possibilidade de mais personagens, ambientes e perspectivas que nos ajudam a compreender as complexidades da vida.

Jorge Ijuim (2013) apresenta alguns conceitos humanizadores do jornalismo que podem muito bem apropriar-se como partes essenciais de uma reportagem. A primeira característica desejável a esse jornalismo é o relato das ações humanas. Como bem se sabe, o jornalismo não é um espelho da realidade, ele busca versões “verdadeiras” dos fatos, e nesta procura atribui significados e sentidos para os acontecimentos, proporcionando a compreensão para o outro. Para isso se busca a compreensão, recorrendo a um caráter humano nato, a subjetividade, envolvendo recursos como as emoções e a afetividade, “o fundo intimista capaz de tornar a narração viva-humana” (IJUIM, 2013, p. 41).

A segunda diz respeito à habilidade humana do comunicador. Se para o fazer jornalístico é necessário a produção de um relato verdadeiro e compreensível das ações humanas, é preciso também avaliar as habilidades do jornalista como agente social. Toda compreensão de um fato é fruto da observação/percepção do observador sobre sujeito/objeto.

A compreensão se realiza simultaneamente na reflexão dos fenômenos e, para isso, depende da congruência entre sujeito-comunicador e o contexto histórico, visão de mundo - cognitivo e sensorial- do nível de consciência sobre o fenômeno em questão. Esse comunicador possui também uma responsabilidade moral – autoria dos relatos – vinculada aos princípios éticos do jornalismo e necessariamente do jornalista, – um ser humano.

Como bem define Ijuim (2013, p. 42) “esse exercício ético, ou seja, o debate e a reflexão contínua sobre o desejável para si e para os outros, pode refletir na elevação do nível de consciência – a visão de mundo que orienta as ações dos indivíduos, seus propósitos e intenções”. O autor finaliza pontuando que essa postura reflexiva (hegemônica e contra

hegemônica) parece um aspecto indispensável ao jornalista na tarefa de atribuir significados aos fenômenos.

Para discutir o terceiro princípio o autor reflete acerca dos desafios do comunicador, pretende-se alinhar as habilidades discutidas anteriormente com os desafios que o jornalista deve encarar para o desenvolvimento de sua tarefa de narrar as ações humanas. Para observar, refletir e expressar o cotidiano, o comunicador tem um desafio técnico à frente, sendo necessário pelas técnicas narrativas cada vez mais aperfeiçoadas que o profissional desenvolva sua capacidade de expressão e apreensão do discurso do outro.

No sentido ético, o desafio é o alargamento da sua consciência e visão de mundo, aceitando assim a alteridade, um quesito indispensável para o comunicador. Discutindo e debatendo a diversidade de questões que afligem a humanidade, superando estereótipos, preconceitos e generalizações apressadas. “Possibilitando o desenvolvimento da capacidade de identificar, reconhecer e respeitar o outro – solidarizar-se à dor e à alegria universais” (IJUIM, 2013, p. 45). Os desafios éticos, portanto, permitem o aperfeiçoamento tanto na percepção quanto na sua narração.

No sentido estético o autor pontua que o profissional, “transcende as técnicas para alcançar a criatividade, para levar às narrativas signos contextualizados e regenerados e dar vazão à visão solidária e à intuição – pela empatia, sentimento de intimidade” (IJUIM, 2013, p. 44). É nesse sentido que se abre a possibilidade de obter relatos mais criativos e contextualizados, bem como também a maior capacidade de observação/percepção. Ijuim (2013) também destaca que se um comunicador desenvolver tais habilidades e estiver consciente dos desafios terá mais probabilidade de corresponder a um jornalismo mais sensível e humano.

A reportagem em seu conceito é denominada por Luiz Beltrão (1969) como parte integrante do jornalismo informativo, da categoria dos gêneros jornalísticos descritos pelo autor, que contempla a notícia, a reportagem, a história de interesse humano e a informação pela imagem. Segundo Assis (2012) as histórias de interesse humano são narrativas que recorrem a artifícios literários protagonizados por personagens anônimos, que geram identificação e trazem à tona experiências interessantes de serem compartilhadas.

Para Sergio Vilas Boas (2003) o conceito de “histórias de vida” emergiram no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais (sociologia, antropologia, história, psicologia). O conceito dá atenção às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea.

Na classificação de Marques de Melo (2003, p.66) entusiasta de Beltrão, a reportagem está presente no gênero informativo e classificada como “o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística”. Para o autor nos relatos informativos há o desejo de “reproduzir o real”, vale destacar que o jornalista (o produtor da notícia/reportagem) atua de forma direta ou indireta na produção do fato.

Segundo Moser (2018) a narrativa jornalística no Brasil a partir da reportagem ensaia seus primeiros passos de independência da literatura durante a virada do século XIX para o XX, com dois grandes nomes se destacando nesse sentido: Euclides da Cunha e João do Rio. Euclides da Cunha participa da leva de repórteres que foram enviados para a Guerra de Canudos em 1897, marcando o início de uma prática hoje comum, o de observação de campo.

Os registros do repórter foram emblemáticos e resultaram na obra *Os Sertões*, de 1902. João do Rio é lembrado constantemente pelo seu olhar observador, relatando a realidade das cidades urbanas, coletando informações por meio de entrevistas, abordagem em profundidade e pela precisa descrição de ambientes (MOSER, 2018). Para Medina (1988, p.60) “a observação da realidade, como característica essencial do repórter, foi realmente o ponto de partida de João do Rio ao produzir reportagens e renovar a crônica”.

Moser (2018) aponta que o gênero assume importância central na prática profissional e fortaleceu a atividade, sendo ressaltada, sobretudo na abordagem das complexas realidades contemporâneas. O autor conclui que apesar do jornalismo brasileiro ter sido influenciado pelo modo de fazer norte-americano, a suspeita é que há peculiaridades na forma de reportar no país. Parte dessa tendência pode ter resultado da tradição da crônica no Brasil, influenciando uma forma particular e brasileira de exercer a reportagem.

Para Maciel (2018, p. 206) a reportagem faz parte do que conceituam narrativas de fôlego. Esse “fôlego” aparece nas narrativas mais longas, possibilitando mais descobertas/investigação, permitindo uma descrição mais fiel dos lugares e personagens. “Não se trata de semear o texto com floreios, adjetivá-lo, mas de conferir consistência interpretativa na narrativa final”.

O autor caracteriza a reportagem de fôlego como um “patrimônio simbólico” do jornalismo. Sendo definida pela apuração, seleção e organização narrativa com uma análise multiangular, contextualizada e humanizada de acontecimentos não factuais. Podendo ser escrita em qualquer mídia, como na internet, em especiais que conjugam texto longo, áudios, vídeos e até efeitos tecnológicos.

Maciel (2018) discorre sobre alguns aspectos dessa escrita mais longa e aprofundada, como por exemplo, a visão pluralista possível para o repórter. Para ele, é necessário libertar-se de ideias e preceitos positivistas, pois “(...) se não adota como premissa a proposta da humanização e universalização temática, de nada valem as vantagens do modo de produção de uma obra deste tipo” (MACIEL, 2018, p. 265). Tornando-se, portanto, um processo necessário para o jornalista que está em busca desse “fôlego”.

Os resultados, como esclarece o autor, podem aparecer para o repórter, personagem e o leitor, em narrativas mais densas, os personagens que possuem uma visão mais plural sobre o seu discurso e o leitor, que participa do processo de compreensão.

Martins (2016) enxerga a reportagem como uma parte nobre do jornalismo, para ela, o texto exige elementos essenciais: 1) observação atenta e sensível dos fatos e personagens; 2) experiência in loco; 3) diálogo com distintas fontes de informação/personagens; 4) costura de opinião vozes e elaboração de texto. Ao refletir sobre o processo de “nascimento” de uma reportagem, posiciona a pauta como ponto de partida até a chegada do texto final.

Esse elemento essencial de produção contribui para certos questionamentos como: de onde estou falando (qual é o veículo de comunicação e qual a sua política editorial). A autora enfatiza que as pautas são impulsionadas por perguntas, por indagações e estranhamentos e neste momento já se estabelece as primeiras conexões que, muitas vezes, nos permitem compreender, por exemplo, as escolhas e estratégias narrativas adotadas adiante.

A autora que se apoia em Cremilda Medina aponta que a pauta transita entre a objetividade e a subjetividade. Sendo na objetividade elementos presentes como: linha editorial do veículo, condições concretas para apurar o tema, acesso às fontes de informações e aos locais onde foram protagonizados os fatos; na subjetividade: olhar sensível e atento do repórter para perceber todas as nuances da pauta e seu dinamismo, sintonia entre equipe e repórter.

É na reportagem que os jornalistas possuem tempo e espaço para expandir seus universos e aprofundar histórias e vivências, o formato permite ao repórter explorar uma configuração social mais ampla. Uma forma de rejeitar os preceitos objetivos do jornalismo e imergir em narrativas vivas, considerando que o extraordinário da vida é também o simples cotidiano.

3.3 Eliane Brum

“Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um inventa uma vida. Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e

com tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa.
Como cada um habite-se." (BRUM, 2017).

Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista. Nascida em Ijuí (RS) em março de 1966, se formou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) em 1988. Trabalhou onze anos como repórter do jornal Zero Hora em Porto Alegre, e dez anos como repórter especial da Revista Época. Desde 2013 tem uma coluna quinzenal em português e espanhol no jornal *El País*, um jornal diário originalmente espanhol. É também colaboradora do jornal britânico *The Guardian*. Publicou seis livros – cinco de não ficção e um romance - além de participar de coletâneas de crônicas, contos e ensaios.

É considerada uma das jornalistas mais premiadas no Brasil, em seu site intitulado *desacontecimento* se define como uma “escutadeira” que escreve. Em seus livros costuma contar histórias de pessoas que não virariam pautas na imprensa convencional, busca os “desacontecimentos”, é comum a repórter explorar também os bastidores vividos no processo do fazer jornalístico. Desde a década de 1990 trabalha com as narrativas amazônicas, as vivências dos sujeitos e as lutas políticas, mudou-se em 2017 de São Paulo para a cidade de Altamira no Pará.

A jornalista é reconhecida por suas marcas autorais nos textos, características e maneiras de escrever visivelmente expressadas nas construções textuais. Souza Ventura (2016) cita a jornalista como referência de um jornalismo mais humano. Para ele, a autora retrata as problemáticas sociais e seus personagens de maneira sensível, imergindo na vida do personagem, procurando entender seus medos, frustrações e anseios. Queirós (2017) aponta que os valores-notícia que guiam a prática da jornalista estão assentados sob as bases da imersão no cotidiano e pela “visibilidade dos esquecidos sociais”. Optando pelos sujeitos comuns, assimilando seus aspectos históricos e culturais.

A repórter pode ser classificada uma narradora de experiências, conforme o pensamento de Walter Benjamin (1994). O autor aponta dois tipos de narradores, o primeiro é o "agricultor", que nunca saiu da sua terra, então conta histórias sobre os quais ouviu de uma terceira pessoa. O segundo é o narrador marinheiro, que conta as histórias que ele viveu, suas próprias experiências. Partindo dessa reflexão, Benjamin faz alusão não só à literatura mas a nossa vida como narradores de experiências, assim, Brum, transita entre os dois tipos, já que apresenta personagens anônimos e se insere também nas narrativas.

Esses processos relacionais dentro das narrativas é o que pode mostrar aprofundamento e humanização, dito isso, buscamos com a análise da narrativa, será possível

visualizar de forma mais clara as estratégias argumentativas, como os efeitos de sentido e efeitos do real, além das vozes presentes nos textos de Brum, como forma de compreender as complexidades que envolvem os sujeitos amazônicos.

Para Jorge Ijuim (2009), o profissional que sempre busca o lado social se interessa por boas histórias que envolvam as emoções e prefere meios mais diretos para colher informações, como o olho no olho, é o chamado repórter humanista. As travessias que caracterizam o fazer do repórter e possibilitam que algo seja dito sobre o tempo e os espaços tomam forma pelo apoio em vestígios recolhidos pelo caminho, o que reacende, permanentemente, o desafio de pensar a escrita jornalística e as outras escrituras possíveis pela necessidade de dar conta do contemporâneo e das suas emergências.

Assis (2012) afirma que Eliane Brum se sensibiliza pelo desacontecimento, ou seja, pelo que não quebra rotinas, pelo que se repete pelo que é comum à vida cotidiana, o que é o oposto dos valores-notícias mais tradicionais. A jornalista e escritora, em entrevista concedida ao autor, explica que seu trabalho é nada mais que uma busca pela compreensão dos sentidos que as pessoas dão às suas vidas.

Sobre isso, faz-se necessário explicar sobre os acontecimentos na produção jornalística. Rodrigo Alsina (2009) explica que a complexidade dos fatos é trabalhada pelos agentes sociais – os jornalistas, que se constituem como mediadores reconhecidos, quase um “contrato” entre eles e o público- que considera os acontecimentos sociais para a produção da notícia. Entendendo os acontecimentos como aqueles que se diferenciam dos acontecimentos em geral. As problemáticas surgem quando questionamentos sobre quem tem legitimidade para determinar quais são acontecimentos notórios ou não, já que as sociedades são múltiplas e se desviam em diversos contextos sociais e econômicos.

A repórter que trabalha há mais de três décadas como jornalista foi a Amazônia pela primeira vez em 1997, voltando anualmente para realizar reportagens, uma dessas viagens resultou no texto sobre a Terra do Meio no Pará, publicada no livro “O olho da rua” e que, por mostrar como grileiros ameaçam os beiradeiros, foi decisiva para a criação da Reserva Extrativista do Riozinho do Anfrísio. Brum, que cobre as Amazônias há mais de 20 anos, se mudou para Altamira do Pará em 2017.

Sobre sua relação com a Amazônia, em outra entrevista concedida à Revista Vila Cultural¹² em 2015, Eliane Brum fala o porquê decidiu escrever sobre essa região do Brasil:

¹² Entrevista, Eliane Brum. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/30097_20150213_145124.pdf. Acesso em 20 setembro de 2021.

Me apaixonei pela Amazônia desde a primeira vez que estive lá, em 1997. Fiz a Transamazônica e percebi aquele território como um território de desejos. Estava tudo lá, todos os conflitos e as paixões humanas, de uma forma superlativa, exacerbada. Mas eu sabia que havia muitas Amazônias, não só uma, e continuei viajando para fazer várias reportagens diferentes, em lugares e realidades diversas. Já contei a história de povos indígenas, de comunidades ribeirinhas, de grilagem de terra, de migrantes, de garimpeiros, de putas, de pistoleiros e de parteiras... Acabei conhecendo a floresta em pé e também a floresta degradada, em diferentes regiões, assim como alguns povos indígenas e comunidades ribeirinhas. Eu já andei por algumas partes do mundo, mas nunca vi nada tão bonito quanto a Amazônia nos lugares em que a floresta ainda está em pé (BRUM, 2015).

Para falar sobre sua mudança para uma das amazônias existentes, o Médio Xingu, como é conhecida a região de Altamira-PA, retiramos um trecho da entrevista realizada pelo blog Página Cinco¹³ do jornalista Rodrigo Casarin em 2019.

Viver numa das Amazônias, a do Médio Xingu, me deu uma outra compreensão da vida. Como convivo com povos cujos ancestrais já viveram o fim do mundo antes, caso dos indígenas, e com povos que acabaram de viver o fim do mundo de novo, caso dos indígenas e dos beiradeiros atingidos pela usina hidrelétrica de Belo Monte, tenho testemunhado como eles lutam. Nunca tinha visto ninguém lutar assim antes. Usam a alegria como 'potência de agir'. A alegria de estar junto e de compartilhar a vida, mesmo na catástrofe. Riem por desaforo diante dos déspotas do mundo (BRUM, 2019).

Em março de 2020, em entrevista a revista eletrônica Parêntese¹⁴ Brum também fala sobre sua mudança para o Pará, dessa vez com mais precisão sobre seu deslocamento. A repórter afirma que precisou realizar uma jornada interna reconhecendo seu desejo de permanecer no local por mais algum tempo, questionando-se “Se eu me alinho junto às pessoas que defendem que a Amazônia é o centro do mundo, por que eu não estou no centro do mundo?”.

Assim, iniciou um projeto financiado por um ano (até então a própria jornalista financiava suas idas a região), mas a mesma afirma que estava mentindo para si mesma, “Logo fui percebendo que um ano, mesmo para alguém que acreditava conhecer bem a região, era só um cisco no tempo.” Eliane também fala sobre suas mudanças internas que vive constantemente após morar na região, segundo a repórter, toda essa mudança a fez mudar o ponto de partida do seu olhar.

¹³ Eliane Brum: a esperança tem sido manipulada. Disponível em: <https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2019/11/08/eliane-brum-a-esperanca-tem-sido-manipulada-virou-mais-uma-mercadoria/>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

¹⁴ Eliane Brum: armada com palitos de fósforo. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/eliane-brum-armada-com-palitos-de-fosforo/>. Acesso em 24 de setembro de 2021.

Mudou minha relação com o próprio tempo, meu jeito de estar no mundo, minha conexão com a natureza, acho que mudou meu próprio corpo. Só recentemente eu compreendi que eu tinha vindo me desbranquear. Sei que vou morrer tentando, mas quero muito me desbranquear. No sentido de descolonizar minha forma de estar no planeta, minha própria mente e a forma como olho para o mundo. Ser branco, você sabe, é um conceito que vai muito além da cor da pele. Em diferentes línguas indígenas, branco é sinônimo de inimigo. Branco é aquele que acredita ser proprietário da terra. Ser índio é pertencer à terra. Assim, eu vim ficar perto deles para me desbranquear e para lutar ao lado deles (BRUM, 2020)

Viver a realidade e conhecer de fato os sujeitos e suas vivências muda a forma de retratar essa realidade, Brum deixa claro o quanto a Amazônia a transpassa e deixa marcas e a faz refletir, questionar, falar e escrever sobre. É a partir desse novo olhar que queremos analisar o trabalho da repórter acerca da região amazônica.

A jornalista é pautada como fôlego para as reportagens, exemplo a seguir quando se fala de trabalho humanizado e contextualizado, se tornando referência para pensar esses deslocamentos das narrativas, por meio de relatos que elaboram outras perspectivas para os fatos, a repórter ajuda na construção de sentidos que ampliam e não reduzem os olhares. Entretanto, é preciso estar atento e observar jogos de poder, as estratégias argumentativas e as vozes narrativas que ainda existem, percebendo como Brum enquanto “forasteira” dá lugar e vez aos sujeitos amazônicos.

Produzir, receber notícias e consumir informações são ações, segundo Ventura (2016), que crescem cada vez mais em larga escala, devido à adoção de novas tecnologias, que são inclusive mais baratas, acessíveis e fáceis de serem utilizadas. E por isso, o webjornalismo possibilita a ascensão de novos modos de se narrar uma história, buscando livrar-se das amarras do “espelho da realidade”¹⁵, das prisões do tempo ou, ainda, da escrita padrão do jornalismo, que prioriza textos objetivos. Neste cenário midiático recente, tomado pelas novas tecnologias, o jornalista não pode mais se preocupar em entregar a matéria em apenas um meio.

A jornalista em seu site “Desacontecimentos” expõe seus sentimentos quanto ao início da escrita na internet, entendendo as diversas oportunidades que o espaço dispõe:

Eu comecei a escrever na internet quase obrigada. Mas, depois que entrei, nunca mais quis sair. Quando só existiam jornais e revistas impressos, meu sonho eram páginas que se desdobrassem e acolhessem meus textos por inteiro. Descobri que a internet é muito melhor do que isso: é um sonho que não sonhei por falta de elementos para imaginar que algo tão fascinante pudesse ser inventado. Posso escrever os textos do

¹⁵ Para Traquina (2005) a teoria do Espelho parte do princípio da objetividade, afirma que as notícias são como são porque a realidade assim as determina. Rejeitando qualquer componente narrativo jornalístico que não seja a completa descrição dos fatos como aconteceram e acentua a neutralidade do jornalista em aprofundar os assuntos.

tamanho que eles têm e descobrir o tamanho de cada um é parte do desafio (DESACONTECIMENTOS)

O EL País nasceu há cerca de 40 anos, inaugurado em 1976 é um jornal diário espanhol. Desde 2005 é disponibilizada a versão digital do periódico, mas somente em 2013 o jornal lançou o El País Brasil, Eliane Brum faz parte do time de colunistas desde o lançamento da versão online brasileira, a jornalista possui uma coluna quinzenal onde publica principalmente textos políticos, assim como a região amazônica e as problemáticas enfrentadas frequentemente.

Os textos da jornalista atrelam algumas características do webjornalismo como os hiperlinks (como forma de consulta para alguma fonte oficial, dados, documentos ou materiais que complementam o assunto publicado em outros sites ou no próprio El País), além de utilizar as fotos para referenciar as narrativas. Brum atenta-se mais às palavras, aproveitando o espaço quase ilimitado da web para escrever sobre suas inquietações acerca do contexto brasileiro.

Segundo pesquisa de Abib e Vivar (2018) os textos de Brum possuem números altos de acesso, os 10 textos mais lidos da jornalista em 2016 tiveram mais de um milhão de visitas e o texto mais lido segundo as autoras, teve mais de 200 mil acessos únicos. Por isso, no Brasil, Eliane Brum é um dos nomes de destaque do jornal.

O jornal apesar de não se declarar nem de direita nem de esquerda, é conhecido por seus caminhos progressistas, o que convergem com o olhar de Brum, possibilitando uma liberdade editorial. O próprio jornal, em matéria publicada¹⁶, indica:

“(…) O El País nunca se vinculou com nenhuma ideologia. Sempre foi, e continua sendo, um jornal comprometido com a democracia e a defesa das minorias marginalizadas. Um jornal laico, que sempre defendeu a separação entre Igreja e Estado. Liberal na economia, progressista no campo social, crítico em relação aos poderes civis e religiosos, fiel na defesa dos direitos humanos. E, sobretudo, plural em suas ideias. Algo que sempre esteve claro para todos nós, que trabalhamos nele, é que o El País é dos leitores. De todos. São eles os seus verdadeiros proprietários. Os jornalistas são apenas os mediadores das notícias” (EL PAÍS, 2017).

Sabemos que a neutralidade e a imparcialidade são inexistentes, sendo apenas um ideal jornalístico, principalmente em uma instituição produtora de sentidos como um veículo de comunicação, percebendo-se que o próprio El País afirma ser “liberal na economia e progressista no campo social”.

¹⁶O El País é um jornal de esquerda?. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/22/opinion/1487788532_309244.html. Acesso em: Acesso em 25 de setembro de 2021.

O site que possui versão oficial na Espanha, encerrou oficialmente suas atividades no Brasil em dezembro de 2021, após quase uma década o jornal justifica a decisão informando que não alcançou a sustentabilidade econômica, apesar da audiência e número considerável de assinantes.

4. ENTRE O NARRAR E O VIVER: ANÁLISES E RESULTADOS

4.1 A pesquisa

Delineado teoricamente o estudo, o próximo passo foi encontrar o percurso metodológico que abarcasse a pesquisa. Tendo em vista os objetivos da autora e a discussão realizada, uma investigação com abordagem qualitativa já estava delimitada, o método

qualitativo não é uma escolha fácil, exigindo do investigador uma autocrítica constante e rigor metodológico.

A produção desse trabalho se deu também a partir de uma pesquisa bibliográfica, buscando compreender conceitos teóricos que abarcasse as necessidades da investigação, entrando a fundo na corrente dos estudos narrativos, como das narrativas jornalísticas, as formas de representação no jornalismo, olhando principalmente para os sujeitos da região amazônica e suas representações na mídia, com base no que dizem respectivamente, Motta (2013), Resende (2009), Hall (2006;2016).

Para este trabalho cujo objetivo é compreender a representação das fontes e as características narrativas de Eliane Brum em reportagens jornalísticas do El País, utilizaremos duas metodologias em conjunto: Análise Crítica da Narrativa proposta por Motta (2013), a observação sobre a tessitura das reportagens amparada por recursos dos estudos narrativos nos permite conhecer as estratégias comunicativas, as vozes narrativas e as representações dos personagens que emergem nas narrativas amazônicas de Eliane Brum.

Com a Análise de Conteúdo segundo Bardin (2011), propomos categorias que irão nos auxiliar a compreender o plano de fundo das narrativas e os sujeitos presentes, investigando a partir de marcas nos textos, observadas na aplicação da teoria ao objeto. Propomos então dois eixos temáticos de análise, o primeiro eixo é a construção narrativa e para a compreensão deste eixo temos duas categorias:

- a) Ferramentas estruturais: identificando as estratégias argumentativas utilizadas para os efeitos do real e estético, analisando também contexto social e temáticas predominantes;
- b) Presença do narrador: entender como Eliane Brum utiliza de sua presença para marcar o texto, identificando como a repórter se mostra suas intencionalidades e reflexos na narrativa.

O objetivo das categorias é entender de forma ampla as narrativas amazônicas analisadas, de acordo com Motta (2013) o jornalismo visto como narrativa permite a análise das escolhas assumidas pelo narrador e suas conseqüentes motivações (intencionalidades e interesses) na apresentação dos fatos. Revelando o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos pelo narrador no processo de comunicação, o autor propõe ao analista entender as estratégias de produção de efeitos do real.

Segundo Motta (2013), o analista precisa identificar e interpretar a utilidade dessas marcas na estratégia textual, observando as técnicas de objetivação e subjetivação que representam os lugares físicos e simbólicos que utilizam recursos para referência, já que é

desse modo que se espera o entendimento do receptor, a partir de modelos pré-estabelecidos que configurem o que ele considera como a realidade.

A profusão de advérbios e de expressões adverbiais de tempo e de lugar que vinculam a sucessão de eventos a uma visão do hoje, do agora, do presente, do instante. A identificação sistemática de lugares (onde) e de personagens (quem) também cumpre uma função argumentativa: localiza, situa, transmite a ideia de precisão, causa a impressão de que o narrador fala de coisas verídicas, realisticamente situadas.

A datação precisa confere referencialidade temporal (ontem, hoje, amanhã, etc.), muitas vezes acompanhada de especificação precisa: à tarde, às 15 horas, antes do almoço, na saída do trabalho, etc. São dêieticos espaços-temporais que precisam ser identificados pelo analista e cuja função táctica precisa ser descortinada. O seu uso abundante no jornalismo demarca o tempo e o lugar da enunciação, situa, referencia e confere confiabilidade espaço-temporal.

Paralelamente aos efeitos do real, há uma infinidade de recursos e de figuras utilizadas na linguagem narrativa que remete o leitor ou ouvinte a interpretações subjetivas diversas. Para isso, Motta (2013) sugere ao analista observar as estratégias de produção de efeitos estéticos, aquelas que suscitam estado de espírito diverso: surpresa, espanto, compaixão etc. Eles promovem identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos, possibilitam a sua compreensão como dramas e tragédias humanas.

No segundo eixo de análise, representação das fontes, propomos outras duas categorias:

- a) Espaço e diversidade: buscando identificar as vozes que Brum evoca em suas narrativas e como ela oferece esse espaço (seja por citações diretas ou indiretas, entrevistas, fragmentos de livros, discursos etc.);
- b) Identidade: observando aqui a narração de aspectos subjetivos dos sujeitos, suas regionalidades, expressões e gostos, assim como entender a personalização dessas vozes - às ditas fontes jornalísticas - identificando se elas aparecem como vilãs, vítimas, cidadãos comuns ou heróis.

Observar as vozes presentes nos ajudará a compreender a relação e jogos de poder dentro das narrativas. Para Motta (2013) a disputa pela configuração das narrativas públicas é uma luta política pelo direito de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor uma definição legítima dos conflitos e personagens reportados, de consolidar posições e pontos de vista, de fazer ver e fazer crer: um poder de revelação.

Segundo o autor, se o analista quiser revelar os poderes resultantes deste emaranhado de vozes precisa observar rigorosamente as relações de conflitos e negociações que ocorrem entre os atores do processo de produção da narrativa jornalística: conflitos e negociações entre fontes e jornalistas, entre jornalistas e veículos, entre as próprias personagens etc.

Sendo assim, a Análise da Narrativa segundo Motta (2013) proporciona procedimentos que possuem uma perspectiva mais cultural e antropológica que privilegia a narração, a ênfase da análise proposta recai sobre o processo de comunicação, entendendo as narrativas jornalísticas como um sentido em construção.

A atitude crítica se revela na incorporação das contradições sociais do contexto situacional e histórico na análise do processo comunicativo: na identificação dos usos intencionais da linguagem narrativa, dos fins e efeitos de sentido pretendidos e alcançados (ou não) por cada ator social, na identificação de várias vozes manifestadas no texto etc. (MOTTA, 2010).

Motta (2013. P.146) pontua que com esta metodologia é preciso entender que a todo o momento estamos descortinando e recompondo partes. Não para entender a estrutura da história em si, mas para observar e compreender as estratégias textuais que criam uma situação de comunicação em que há um lado, intenções, estratégias comunicativas de um narrador; de outro, respostas de uma audiência que atualiza as marcas deixadas no texto para interpretar o projeto dramático de construção da realidade.

4.2 Coleta de dados

Para entender os caminhos metodológicos deste trabalho é importante descrever como selecionamos as reportagens para a coleta de dados. Em um primeiro momento realizamos um levantamento dos materiais obedecendo alguns critérios, como: i) - temática relacionada à região amazônica; ii) - período de 2017 a 2020; iii) - indicativo de reportagem.

Eliane Brum é ativista e defensora da Amazônia há muitos anos e para delimitar nosso corpus e buscar compreender estas narrativas, optou-se por investigar os materiais produzidos a partir do ano em que a jornalista se muda para a cidade de Altamira no estado do Pará, compreendendo que por hipótese esta escolha possa ter afetado diretamente seu modo de ver, ser e entender o fazer jornalístico e suas narrativas.

Optamos por analisar as reportagens porque estas possuem mais condições de proporcionar um espaço ao relato de vida humana de forma contextualizada e complexa e como já explicitado no primeiro capítulo, Eliane Brum é vista como um dos maiores

exemplos deste tipo de prática, supondo também que nestes textos possa haver mais características textuais jornalísticas.

Após definir os critérios para seleção das reportagens realizou-se uma busca no site *El País* na aba de autores buscando apenas os textos de Eliane Brum. Foram encontradas nove reportagens nesta busca, observaram-se aqueles em que o próprio site classifica como reportagem ou outras editorias, excluindo assim os textos de opinião. Para identificar os textos que possuem a temática sobre a região amazônica, selecionamos as reportagens pelos títulos e a leitura prévia do material. A escolha se deu devido à curiosidade da autora em compreender mais profundamente as narrativas amazônicas produzidas pela repórter que possui grande prestígio nacional e internacional. Buscando entender como se configura a representação das fontes amazônicas, investigando ainda os processos da construção dessas narrativas.

Após a descoberta do material de análise, os textos são enquadrados em quadros descritivos para apresentar de forma sucinta e clara informações gerais, os personagens, como estão divididos e alguns aspectos narrativos. O quadro nos ajuda a identificar alguns elementos que serão analisados, temos as informações gerais da reportagem, como título, data, classificação, as fontes totais, indicando quem são as oficiais, as especialistas e as histórias de vida presente, pontuando características narrativas como a descrição das regiões e dos sujeitos, de forma a aprofundar estas observações em cada eixo e suas categorias de análise.

Todas as matérias analisadas abordam temas que apresentam pautas sobre a região amazônica, dos anos de 2017 a 2020. As cinco primeiras reportagens fazem parte de uma série especial para a Amazônia Real, uma agência de jornalismo independente e investigativo, publicadas também no *El País* Brasil intitulado “Tartarugas no tabuleiro do Embaubal”, ora classificadas na editoria de ciência ora na editoria Brasil.

Fazem parte do especial as reportagens “Gumercinda e Alice querem viver”, “O predador que virou protetor”, “O ribeirinho e a tartaruga”, “Oito tartarugas de chifre e dois humanos criativos” e “Desmandos e impunidades ameaçam tartarugas”, todas publicadas em janeiro de 2018.

Em maio de 2018 temos a reportagem “A Veneza de Belo Monte”, que destaca a população atingida pela hidrelétrica de Belo Monte na cidade de Altamira; “Erro de projeto coloca Belo Monte em risco” em novembro de 2019 aborda os problemas estruturais na hidrelétrica; “A sociedade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta o aumento avassalador de suicídios de adolescentes” é publicada em abril de 2020 e investiga o aumento

dos suicídios na cidade da região amazônica; “Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês” relata a perda de mães indígenas e o desaparecimento de corpos de bebês após suposto contágio da covid-19.

4.3 Gumerinda e Alice querem viver

A narrativa conta a história das tartarugas-da-amazônia e faz parte de um especial em parceria com a portal Amazônia Real¹⁷, foi publicada em janeiro de 2018. Neste primeiro texto da série acompanhamos a filhote Alice e Gumerinda, a única tartaruga monitorada em que o rádio e antena ainda funcionam, aparelhos colocados pelos pesquisadores do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (UFPA), são essas duas tartarugas as principais personagens da narrativa.

O texto estrutura-se de maneira corrida e não possui subtítulos, possuindo recursos visuais como fotografia e ilustrações que auxiliam no entendimento da reportagem. De forma narrativa a repórter descreve a saga das tartarugas desde o percurso para a desova até o abrir do ovo, temos então a presença de duas histórias principais dividida em dois grandes atos, a desova de Gumerinda e o nascimento da filhote Alice.

A repórter fala sobre os riscos da viagem que as tartarugas realizam e contextualiza os problemas que podem sofrer durante a travessia, sendo um deles a caça para o comércio, trazendo uma de suas problematizações. O conflito central apresentado nas entrelinhas da narrativa é a discussão ambiental e o espetáculo das tartarugas, como vamos observar a seguir.

A repórter ao partir para a construção narrativa da história busca nos aspectos textuais e recursos linguísticos o necessário para formar seu texto discursivo, utilizando por exemplo, a onomatopeia, figura de linguagem em que se faz a representação de sons na língua escrita, tornando assim seu texto mais lúdico, “desponta uma cabecinha. Brotando da areia. Ploft”, assim se inicia a reportagem. Nos quatros primeiros parágrafos têm-se a apresentação das duas personagens, apresentando suas características físicas e percepções da própria repórter sobre as jornadas das tartarugas.

Figura 1 - Tartarugas escolhendo lugar para desova

¹⁷ A agência de jornalismo independente e investigativo Amazônia Real é uma organização sem fins lucrativos criada pelas jornalistas Kátia Brasil e Elaíze Farias em 20 de outubro de 2013, em Manaus, no Amazonas, Norte do Brasil.



Fonte: El País, 2018.

Brum relata a saga das tartarugas de forma que nos faça refletir também sobre esse acontecimento tão natural e não percebido por quem está de fora, mas que possui grande importância para a vida da região. Assim, a reflexão de temas importantes como a fauna amazônica passa a ser pauta e possibilidade de investigação.

A repórter que realiza uma observação participante ao acompanhar os pesquisadores nessa saga, também está presente no texto revelando suas emoções e encantamento. Ainda utilizando de forma criativa as palavras, apela ao leitor para suas próprias percepções quando o convida para realizar uma ação e imaginar o tamanho do filhote de tartaruga, sendo essas também partes das estratégias dos efeitos estéticos .

O êxtase é todo meu, ela pode estar apenas assustada. Ou curiosa. Ainda no lado de dentro, há o restante de seu pequeno corpo. Abra seu polegar e seu indicador, mas não muito, e você saberá o tamanho dela. Vou chamá-la de Alice, porque nós, humanos, gostamos de nomear. Mas ela deve se conhecer por caminhos que desconhecemos (EL PAÍS, 2018).

Ijuim (2013, p. 44) ao falar sobre as habilidades e desafios de um jornalista ao narrar o cotidiano conclui que no ponto de vista estético, é preciso transcender a técnica para alcançar a criatividade “para levar às narrativas signos contextualizados e regenerados e dar vazão à visão solidária e à intuição”. As fontes humanas são apresentadas depois do quarto parágrafo de forma breve, a bióloga Cristiane Costa Carneiro, a “Cris das Tartarugas” e Juarez Pezzuti, o “Juca”, professor do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará

(UFPA), em Belém. O leitor é informado que essas tartarugas são acompanhadas e fazem parte de uma rede maior.

A repórter dá pequenos detalhes que integram o leitor àquela realidade, por exemplo, que os ribeirinhos chamam de “chifre” o rádio e a antena que os pesquisadores colocaram nas tartarugas, essa significação é lembrada em outro momento do texto, quando Brum escreve, “algumas de suas colegas de chifre costumam vencer distâncias ainda maiores, de mais de mil quilômetros”.

Em certos pontos da narrativa a repórter apresenta suas reflexões, “é possível saber onde Gumercinda está, mas o que será que ela sente quando encontra seus pratos favoritos, suas frutas, a melhor de todas elas, o mucajá? Qual é a sensação de nadar ou de se expor ao sol? Como ela experimenta seus instintos?”, a repórter utiliza esses questionamentos como forma de instigar o leitor à curiosidade e entender de forma mais sensível a vida animal da região.

Para continuar suas discussões mais profundas e abordar a temática central da reportagem, Brum levanta uma questão, de forma interessante, fala sobre a perda da identidade do ser animal tartaruga ao ser capturada pelos homens e morta apenas para a venda, como um objeto. Brum enfatiza, “A tartaruga morta por caçadores para o comércio em grande escala é carne de tartaruga. Esvaziada de substância, só tem preço”.

Dessa forma, simbolicamente relata essa perda de identidade da região amazônica em si quando atacada de maneira violenta, todas as formas de vida fazem parte do que se reconhece como Amazônia, sendo assim, quando uma tartaruga passa por esse processo violento, representa parte da história e das heranças presentes na região.

Eliane Brum relata os momentos de tensão dos pesquisadores ao verem as tartarugas passarem na região de Porto do Moz no rio Xingu, onde possui um número maior de caçadores, neste momento, “a bióloga Cristiane Costa Carneiro fica tensa quando Gumercinda se aproxima da região de Porto de Moz. Seus olhos estão presos no computador, acompanhando os sinais do satélite”, contextualizando com gestos e expressões da fonte.

Ao mesmo tempo, a repórter aponta que a caça dos ribeirinhos ocorre de maneira legal e não prejudica a espécie, já que é feita para alimento, de forma exponencial, “a tartaruga morta por um jacaré, ser contra ser, é ainda uma tartaruga. A tartaruga morta por um ribeirinho para matar a fome, ser contra ser, ainda é uma tartaruga”, expondo de forma em que os ribeirinhos caçam de forma socialmente compreensiva.

A intencionalidade da jornalista está presente em todo o texto, os aspectos textuais que orientam o discurso narrativo trazem à tona para o leitor efeitos como angústia, indignação, tristeza ou alegria, construindo um enredo narrativo que demarca experiências de todos os personagens como as tartarugas, os biólogos e também a própria narradora. Há momentos em que a jornalista coloca sua profissão em questão e reflete sobre seu cotidiano. IJUIM (2013) fala que o cotidiano do repórter é importante e a reflexão constante faz parte do seu exercício.

O repórter fotográfico Lilo Clareto e eu sabemos que as imagens e as palavras contarão apenas parcialmente uma enormidade que é a própria vida narrando a si mesma. Belezaviolência como um único substantivo, fundido num só corpo de letras”. “Ainda não sabemos, mas estamos próximos de uma das emoções mais intensas de uma vida de repórter (EL PAÍS, 2018).

As indicações de tempo dentro da narrativa que usualmente fazem parte das estratégias de efeitos do real são usadas no texto para contar a história de maneira fiel de acordo com a ordem dos acontecimentos, já que a repórter estava imersa na experiência, “no vigésimo-sétimo dia de sua estadia no Tabuleiro do Embaubal, em 5 de outubro, ela inicia sua longa jornada de retorno”.

A segunda parte da narrativa é feita para Alice, a pequena tartaruga do Embaubal e próxima personagem dessa história. A repórter inicia já compartilhando suas vivências, utilizando de mais figuras de linguagens, como a metáfora, “mais uma vez somos astronautas desembarcando em uma lua da Terra na madrugada”.

Da representação das fontes, percebe-se que a identidade não está representada em pessoas, mas no meio-ambiente, nas diversas formas de vida existentes, inclusive das tartarugas da Amazônia, parte do nascer e renascer da região. A fauna é colocada como presença constante no texto e é entendida como “personagem” da narrativa justamente por ser compreendida como grande parte do viver da região. A jornalista pontua isso no seu discurso, “olhando de longe, as tartaruguinhas são todas iguais. Mas, quando as olhamos de perto, elas viram indivíduos, e os traços de cada uma são singulares, assim como a personalidade”, a representação da vida e da região.

As fontes especialistas não ocupam muito espaço de voz dentro da narrativa através das técnicas tradicionais do jornalismo, como as aspas. A repórter insere os personagens através dos relatos dos acontecimentos, “nesse ponto da viagem é como se Cristiane suspendesse a respiração”, colocando-a em segundo plano sem muita participação. Em alguns momentos e de forma breve há participação direta das fontes, “Cristiane não se contém: “É perfeito! É perfeito!, sussurra”. Os humanos são parte secundária dessa narrativa e não

personagens principais. A repórter também cita os ribeirinhos e seus conhecimentos sobre o trajeto das tartarugas, sendo citados indiretamente no texto.

Cristiane acompanha a desova das tartarugas no tabuleiro desde 2004, ainda como estudante, e desde 2007, já como pesquisadora. Aprendeu muito do que sabe com ribeirinhos da região, como Luiz, um homem de densidões, e Tuíca, um homem que enxerga quase sem olhos. (...) E, assim, ano após ano, os machos começam a rarear. Décadas atrás, os ribeirinhos relatam que havia vários machos cercando uma só fêmea.

Tuíca e Luiz são dois personagens que aparecerão em outras reportagens, que fazem parte também do mesmo especial. A presença do narrador é constante, a jornalista conta a experiência de acompanhar as tartarugas em primeira pessoa, imprimindo suas próprias observações, “é minha experiência mais profunda como estrangeira. Eu deveria dizer astronauta. É assim que me sinto”.

Quadro 1 – Elementos descritivos para análise

Título	“Gumercinda e Alice querem viver”	
Data	07 de janeiro de 2018	
Tema	Meio-ambiente	
Classificação	Ciência	
Região Descrição	Pará	“Ninho gigantesco” “Berçário”
Fontes totais	02 fontes	
Fontes oficiais Total: 0	Não tem	
Fontes especializadas Total: 2	Cristiane Costa Carneiro “Cris das tartarugas” – Bióloga Juarez Pezzuti “Juca” – professor do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (UFPA).	
História de vida Total: 0	Não tem	
Descrição dos sujeitos	Eliane Brum não economizou nos adjetivos para as duas personagens - “desbravadora”, “valente”,	
Efeitos estéticos	<p>“Desponta uma cabecinha. Brotando da areia. Ploft.”</p> <p>“Nesse ponto da viagem é como se Cristiane suspendesse a respiração. Gumercinda ultrapassa Porto de Moz, uma façanha que tem se repetido ano após ano. Então a bióloga respira.”</p> <p>“O que acontece bem perto só escutamos. Vrum. Vrum. Vrum. E escuridão”.</p> <p>“São três horas da madrugada quando nosso barco encosta na Ilha do Juncal. É minha experiência mais profunda como</p>	

	<p>estrangeira. Eu deveria dizer astronauta. É assim que me sinto. A paisagem monumental é iluminada apenas pela lua.”</p> <p>“O repórter fotográfico Lilo Clareto e eu sabemos que as imagens e as palavras contarão apenas parcialmente uma enormidade que é a própria vida narrando a si mesma. Belezaviolência como um único substantivo, fundido num só corpo de letras”.</p> <p>“Ainda não sabemos, mas estamos próximos de uma das emoções mais intensas de uma vida de repórter”</p> <p>“A bióloga Cristiane Costa Carneiro fica tensa quando Gumercinda se aproxima da região de Porto de Moz. Seus olhos estão presos no computador, acompanhando os sinais do satélite”.</p>
Contexto	<p>“Nesse território, o predador é humano. E só o que é humano sabe destruir em massa. Ali, caçadores colocam o espinhel, uma barreira com até 1.000 anzóis. Na ponta de cada um deles está o mucajá, uma fruta que equivale a um bombom para as tartarugas. Nessa barragem perfurante, centenas morrem por dia. Cada uma dessas tartarugas, assassinadas em sua viagem de maternidade, carrega outras 100 possibilidades de vida. Carrega uma centena de Alices que não nascerão”.</p> <p>“A tartaruga morta por caçadores para o comércio em grande escala é carne de tartaruga. Esvaziada de substância, só tem preço”.</p> <p>“Hoje, a predação por humanos e as mudanças climáticas ameaçam a sobrevivência da espécie.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

É através da observação participante que o jornalista tem a possibilidade de imersão, de aproximar-se dos sujeitos e da experiência de viver em um novo ambiente. Com essa técnica Brum tece a reportagem de forma que se coloca como uma testemunha dos acontecimentos da natureza, a jornalista conta que a experiência foi “uma das emoções mais intensas da vida de uma repórter”, valorizando cada encontro e cada momento presenciado. Neste texto vemos claramente o que aponta Benjamin (1994), o narrar através e a partir das experiências.

E é justamente esse novo olhar que pode ser colocado de forma que se enxergue o outro como diferente, por isso, a observação atenta é essencial e faz parte das habilidades do narrador (IJUIM, 2013). É necessário pelas técnicas narrativas, cada vez mais aperfeiçoadas, que o profissional desenvolva sua capacidade de expressão e apreensão do discurso do outro.

A reportagem é como um perfil de Gumercinda e Alice explorando novas possibilidades narrativas, a série de reportagens sobre as tartarugas-da-amazônia tem como objetivo apresentar esses animais e Brum escolheu essas duas personagens para mostrar a vida e desafios iniciais e também já antigos das tartarugas e da região.

4.4 O predador que virou protetor

Eliane Brum apresenta nesta reportagem a história de Luiz, um ex-caçador de tartarugas que se tornou um protetor dos animais, o texto é de janeiro de 2018. A jornalista descreve o personagem, suas experiências, sua redenção com a Amazônia e as regionalidades onde vive, buscando compreender toda a vivência do sujeito.

Já de imediato somos apresentados ao personagem principal dessa história, após o título temos a foto de Luiz Cardoso (que está olhando para o horizonte com a perspectiva da imensidão do rio ao fundo) com uma citação que nos leva a entender uma das razões pelo qual deixou de caçar: “– Eu me criei acreditando que o que Deus deixou não se acaba. Mas acaba”.

Figura 2 - Luiz Cardoso da Costa, personagem principal da narrativa



Fonte: El País, 2018.

Neste texto presenciamos a complexidade do ser humano, suas dualidades e lutas internas. A narrativa é construída levando-nos a entender que as pessoas são complexas e possuem diversas facetas que não são identificáveis com um olhar raso sobre elas. No

subtítulo abaixo da foto temos a descrição do personagem de forma sucinta, “ele foi o terror dos fiscais, até que se tornou um deles”.

A repórter já no primeiro parágrafo faz um convite ao leitor, “vamos escutá-lo”, uma forma de declarar peito aberto para compreender aquele que conta sua história, revelando como a narrativa será construída daqui pra frente, sendo fio condutor esse gesto compreensivo para as experiências individuais.

Como já discutido, o jornalismo atribui sentidos e significados para os acontecimentos e a partir disso, proporciona a compreensão do outro. E é nessa atividade que é preciso cuidado, Ijuim (2013, p. 41) ao falar sobre essa busca da compreensão afirma que o jornalista precisa recorrer a um caráter humano nato, “a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva-humana”. Para de fato dispor dessa compreensão, são necessários recursos que envolvem as emoções e a afetividade, é o que propõe Eliane Brum nesta reportagem.

A contextualização da vida ribeirinha é apresentada e contada de forma breve, buscando a compreensão do leitor sobre as vivências dos sujeitos e da região, sendo parte da construção do discurso narrativo. A caça às tartarugas, explica a repórter, é tradição, retirando assim os ribeirinhos de um lugar de possível "vilania". A caça faz parte do pertencimento e reconhecimento de identidade desses sujeitos na comunidade:

E era grande um homem que atravessava a comunidade com uma tartaruga na cabeça. Não porque os ribeirinhos são maus, mas porque a tartaruga sempre foi uma das principais fontes de proteínas da sua dieta. E também um meio de sobrevivência. Quando a seringa não teve mais mercado, a tartaruga se tornou também uma das principais fontes de renda da região (EL PAÍS, 2018).

A seguir a jornalista apresenta a trama central, a mudança do ribeirinho e caçador Luiz ou “quiabo” como era apelidado, para um dos melhores agentes de fiscalização. Eliane Brum conta que o gestor do IBAMA percebeu que precisava dos ribeirinhos e seus conhecimentos para manter a fiscalização dessas tartarugas, já que são eles que conhecem “as técnicas de burlar a fiscalização, e também são eles os que mais conhecem o comportamento das tartarugas, inimigos íntimos que são”.

Na representação temos as características de Luiz colocadas em destaque, quando a repórter fala sobre a densidade do rosto e a “fundura” dos olhos, o perfil do personagem é construído a partir da observação, com uma descrição minuciosa atenta aos sentidos e amplificando os detalhes, parte dos efeitos estéticos percebidos no texto.

A narrativa não valoriza apenas dados frios ou fontes oficiais, tendo como principal perspectiva uma única fonte, buscando aprofundá-la. O que está de acordo com o que pontua

Medina (2008) ao falar que a reencenação do mundo e a saga do outro não se esgota nos dados objetivos. Buscando conhecer mais a história de vida, a repórter explica como enxergou a densidade no rosto de Luiz e como ele a conseguiu.

Luiz tornou-se um agente contratado da fiscalização. Ao observar as tartarugas não mais como carne e como renda, mas como vida e como beleza, algo se passou com ele. Algo bem grande, que deu a ele aquela camada de densidade no rosto. “Eu enxergava, mas não tinha esse outro conhecimento. Você só aprende a cuidar daquilo que você conhece. Não é verdade? A partir do momento em que você passa a conhecer, você passa a ter respeito por aquilo. Que eram animais muito antigos, entendeu? Que tinham conseguido vencer as extinções das eras. Então eu fui mudando por dentro, ouvindo os mestres que vinham aqui trabalhar e dar palestras” (EL PAÍS, 2018).

Luiz é apresentado também como professor, “há uma geração de doutores da academia, como a própria Cristiane Costa Carneiro (...) que aprenderam com Luiz e com outros ribeirinhos muito do que sabem de tartarugas-da-amazônia”, a repórter parte do conceito de que o conhecimento válido não é apenas científico, mas também é construído a partir das vivências cotidianas, conforme compreende Benjamin (1994).

Esse conhecimento também é resistência e um contraponto às perspectivas eruditas, a jornalista problematiza também as pesquisas acadêmicas que negligenciam os sujeitos detentores desse conhecimento, “ao publicar seus trabalhos, se ‘esquecem’ de dar crédito aos detentores do conhecimento, perpetuando a desigualdade entre os saberes”. Levantando essas questões, Brum exerce seu ponto de vista crítico e contrapõe a visão colonizadora e positivista do conhecimento.

Nesse sentido, a jornalista apresenta uma região que é “cheia” de conhecimento, relembramos então o que Nascimento (2017) aborda em suas pesquisas ao falar sobre os mundos - como a Amazônia- que são enxergados e tratados como “vazios” de humanidades e culturas. A jornalista tece a reportagem de uma forma que os ribeirinhos aqui representam a figura dos homens do saber.

Os reflexos das subjetividades são narrados ao longo do texto e destacados, as percepções da repórter sobre a fonte mostram uma observação atenta e uma procura pela compreensão plena. As múltiplas faces de Luiz revelam sua humanidade, seus erros e acertos, uma forma sincera de representação.

Quadro 2 – Elementos descritivos para análise

Título	“O predador que virou protetor”
Data	07 de janeiro de 2018
Tema	Meio-ambiente

Classificação	Ciência	
Região Descrição	Pará	Tabuleiro do Embaubal
Fontes totais	01	
Fontes oficiais Total: 0	Não tem	
Fontes especializadas Total: 0	Não tem	
História de vida Total: 1	Luiz Cardoso da Costa, 53 anos, ex-caçador de tartarugas e agora fiscal.	
Descrição dos sujeitos	Intelectual; ex-caçador; ribeirinho; professor; tutor; garoto do rio.	
Efeitos estéticos	“Densidão no rosto”, “fundura nos olhos”; “E ele tem orgulho quando explica”; “O homem do rosto de densidão” ; Os olhos de enxergar tartarugas se afogam.	
Contexto	<p>“O de Luiz ensinou-o a caçar tartarugas quando o menino completou 9 anos. O gesto tinha a força de um rito de passagem. O garoto de rio pegou a sua no anzol, num igarapé de nome Jararaí, braço de outro igarapé por nome Santa Tereza.”</p> <p>“Nas últimas décadas, porém, a caça tornou-se mais profissional e também mais sangrenta. Não é mais o ribeirinho caçando para comer ou ganhar uns trocados, caçando com o tapuá. Estabeleceu-se uma caça comercial de grande escala, a partir das cidades da região. Os caçadores usam o espinhel, barrando a viagem migratória das tartarugas com uma linha de até mil anzóis. Ou usando malhadeiras. Às tartarugas são capturadas às dezenas, até centenas, para o mercado das capitais do norte do país. As mais valiosas são justamente as “ovadas” – ou seja, ainda carregadas de ovos. Elas chegam a valer 200 reais no mercado ilegal”.</p>	

Fonte: elaborado pela autora (2022)

A jornalista monta um enredo entre homem e natureza, o protetor que já foi predador não é colocado como vilão ou herói, as suas camadas não podem ser simplificadas. Assim como Luiz, os ribeirinhos não podem ser analisados por um fato isolado como a caça às tartarugas, mas é necessário considerar o contexto em que estão inseridos. Dessa forma e assim como a repórter relatou, Luiz desempenha o papel de personagem principal e representa o conhecimento e vida da região. As características identitárias são expostas e reconhecidas a partir do momento que se entende a forma de vida do ribeirinho, caçar para comer é parte de uma cultura.

Nesse perfil narrado chamamos atenção para os princípios narrativos em conformidade com Motta (2013), o autor esclarece que do ponto de vista da narratologia o personagem é uma construção estratégica do narrador para provocar certas impressões, sentimentos ou identificações no leitor.

Eliane Brum explora a narratividade e finaliza o texto com uma citação direta de Luiz, fechando a narrativa como começou, com a voz da fonte presente. As relações, condutas e ações da narrativa revelam um ribeirinho que vive intensamente para o rio e as tartarugas, a história narrada se dá para além dos estereótipos no imaginário.

4.5 O ribeirinho e a tartaruga

Nesta reportagem somos apresentados a mais um personagem envolvido na série das tartarugas do Embaubal. Tuíca, 51 anos, é ribeirinho e pescador da região amazônica, já no primeiro parágrafo Eliane Brum descreve características físicas marcantes. O homem que quase não enxerga também se assemelha a uma tartaruga, “quase cheirando o chão, até que lentamente as vértebras se espicham” relata a repórter ao descrever o personagem.

Eliane Brum apresenta a ligação de Tuíca com as tartarugas, além da aparência o ribeirinho foi diretamente afetado pela hidrelétrica de Belo Monte que destruiu a vida da região com a diminuição dos peixes, por exemplo, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Vitória de Souza, criada em 2016, bem ao lado do Refúgio de Vida Silvestre Tabuleiro do Embaubal, resultando no aumento da fome da população.

No subtítulo da reportagem o conflito central, “nada é simples entre o rio, o humano e o não humano”, a repórter continua a saga e dualidade entre homem e natureza. Sendo trabalhada assim como na história de Luiz de maneira profunda buscando entender as complexidades dessa relação, percebe-se que Brum traz nessa série de reportagens diversos mundos que estão envolvidos no gancho inicial que são as tartarugas.

A repórter utiliza como estratégia de construção narrativa técnicas como a narratividade, descrição de ambientes, subjetividades com a representação dos sentimentos, emoções, descrição física e caracterização moral da fonte utilizando também para a construção do personagem apresentado. Para Moraes (2018) aspectos como esses são importantes para incluir humanização nas histórias, a compreensão de um fato e da dinâmica social em si. A jornalista traz um dos seus principais conceitos, o desacontecimento, Tuíca é um personagem que provavelmente estaria fora dos critérios de noticiabilidade, de que forma

sua história e vivência seria reconhecida? Eliane enfatiza que “ o ordinário da vida é o extraordinário” (BRUM, 2006, p. 187).

Figura 3- Tuíca, personagem principal



Fonte: El País, 2018.

Brum revela a “agonia” de Tuíca: a hidrelétrica de Belo Monte, a consequente falta de peixes após a chegada da obra e principalmente, a fome. Assim, os ribeirinhos e suas dificuldades são contextualizadas, "são grandes sobreviventes – ou viventes” como afirma, “o desequilíbrio instalado por Belo Monte ecoa muito mais longe e em camadas mais profundas do que os relatórios da burocracia”. Dessa forma os ribeirinhos tiveram que partir para o comércio ilegal de tartarugas para fugir da fome, o leitor conhece outra realidade que faz parte do viver amazônico, caçar para sobreviver.

Essa é uma realidade dura descrita por Brum que explica, “se durante o percurso de migração das tartarugas há caça em grande escala, organizada em ambiente de cidade, na região protegida da floresta o que existe é também uma pressão pela fome”. Temos a desconstrução da visão unilateral da caça às tartarugas. A repórter que no texto de Gumercinda e Alice exalta a vida das tartarugas e as coloca como espetáculo, parte para o outro lado, de quem pode ser considerado a maior ameaça às tartarugas, também pode ficar ameaçado.

Não existem de fato vilões e mocinhos nessa realidade, a jornalista revela que o próprio Tuíca vive essa dualidade, “no passado, ele também foi um grande caçador de

tartarugas. E esse orgulho ainda aparece como uma dessas contradições de homem que vive entre mundos”. A repórter traz o impasse que é viver entre a natureza e depender dela para sobreviver.

A bióloga Cristiane Costa (já presente em outras reportagens da série) numa tentativa de talvez colocar a sua realidade presente entre os ribeirinhos, propõe a integração de famílias da região no acompanhamento do nascimento das tartarugas, para ela, “é também uma estratégia para que crianças e adultos tenham um encontro que não seja apenas entre fome e comida”.

Entretanto, a realidade já é conhecida e vivida pelas crianças ribeirinhas, eles sabem que dificilmente há escolhas e oportunidades, assim a jornalista narra, “pergunto a dois pequenos: ‘por que vocês estão ajudando a tartaruginha a sair do ninho?’. Maxwell da Conceição, de 9 anos, diz: ‘Para ela ficar grandona’. Max Abreu, de 7, completa: ‘pra depois nós comer um pouquinho’.” As vozes presentes trazem os sentidos necessários para a compreensão da história, ao observarmos as intenções da bióloga e as necessidades de Max, as fontes dialogam numa forma que o leitor compreende o encontro entre realidades distintas, tomando consciência da narrativa do outro.

Eliane Brum não poderia deixar seu texto sem suas marcas já conhecidas, a sua escuta ampla que aprecia e observa as fontes aparece também neste texto ao pontuar gestos e expressões da fonte: “ele ri. E explica, com admiração: “Se você fizer um barulhinho assim (*faz um barulho com a boca*) no casco, e a maresia do casco der na tartaruga, você não pega ela mais”. Motta (2013) conta que são essas qualidades pessoais quando transformadas em características das figuras dentro do discurso constroem e produzem os efeitos de sentido.

Quadro 3 – Elementos descritivos para análise

Título	O ribeirinho e a tartaruga	
Data	07 de janeiro de 2018	
Tema	Meio-ambiente	
Classificação	Brasil	
Região Descrição	Senador José Porfírio - Pará	Não tem
Fontes totais	03	
Fontes oficiais Total: 0	Não tem	
Fontes especializadas Total: 0	Não tem	
História de vida Total: 1	Antonio Davi Gil, Tuíca - pescador	
	Maxwell da Conceição - 9 anos	

	Max Abreu - 7 anos
Descrição dos sujeitos	Homem de silêncios; sobreviventes – ou viventes; homem à deriva
Efeitos estéticos	“não triscava” ; “Ele ri. E explica, com admiração”
Contexto	Desde que a Usina Hidrelétrica de Belo Monte se instalou no Xingu, os peixes começaram a rarear. Em vários lugares e também na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Vitória de Souza, criada em 2016, bem ao lado do Refúgio de Vida Silvestre Tabuleiro do Embaubal. Com a escassez de peixes, Tuíca e os outros precisam ir cada vez mais longe para alimentar a família, a dele com oito filhos. São, eles mesmos, resultados de uma longa cadeia de acontecimentos, a maioria descendentes de nordestinos pobres trazidos para a Amazônia para cortar seringa no final do século 19 ou no tempo dos “soldados da borracha”, na Segunda Guerra Mundial, e abandonados na floresta sempre que o preço do produto caiu.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao entrevistar uma fonte a observação é essencial, é nessa tarefa que se busca a compreensão da pessoa entrevistada. A repórter possivelmente interessada em um registro desarmado, após falar sobre suas angústias e impasses, conta que “talvez seja preciso entender o que é tristeza e o que é alegria para Tuíca”. Buscando conhecer com exatidão as vivências, dramas e anseios de suas fontes, tentando entendê-las para, enfim, interpretá-las.

Demonstrando também suas intencionalidades de causar certo incômodo, fazer o leitor refletir ou comover a partir do retrato do personagem. Aqui a repórter também explora mais a forma em que Tuíca se reconhece e sua própria identidade, a felicidade é para ele quando vai pescar e volta cheio de peixe e a tristeza é quando volta sem peixe nenhum para casa.

A jornalista busca extrair da fonte aquilo que está escondido e pode revelar aspectos de sua identidade e suas formas de reconhecimento do cenário em que vive. “Quando peço pra me contar sua história, Tuíca diz que está velho demais pra contar ela inteira”. A fonte não se revela por inteiro, seja por medo, vergonha ou por não querer mesmo, compondo assim o perfil que se apresenta .

4.6 Oito tartarugas de chifre e dois humanos criativos

Em mais um texto da série das tartarugas do Embaubal, Eliane Brum traz nesta reportagem certas curiosidades sobre as personagens, a repórter quer saber “como surgiram

essas heroínas de nomes extraordinários e imensas jornadas”, vamos descobrir a origem dos nomes das tartarugas. A narrativa inicia relembrando de Gumercinda, personagem que acompanhamos na jornada da desova na primeira reportagem da série.

A repórter conta que apesar da tartaruga ser a única ainda monitorada via rádio, é ela que não possui nenhuma tradição específica em seu nome. E são essas tradições a que somos apresentados a partir do primeiro parágrafo, as outras sete tartarugas são nomeadas em homenagem às avós, mães ou filhas do pesquisador Juca, já Gumercinda tem o nome de um cachorro do tio de Juca.

Mas, e Gumercinda? É o cachorro do tio Murilo. Sim, tio Murilo, parente do Juca, tem um cão beagle de nome Gumercindo que, segundo o sobrinho, não tem nada de especial. Se Gumercinda, a tartaruga, soubesse disso, talvez tivesse enfiado a antena no rabo de um jacaré e comido ela mesma o rádio. Mas ela não sabe (EL PAÍS, 2018).

De certa forma Eliane Brum expressa sua própria indignação, Gumercinda é caracterizada pela jornalista como a heroína da reportagem, deveria assim ser tratada como tal. Motta (2013) afirma que as narrativas e os personagens presentes são uma versão da realidade, na de Eliane Brum, a tartaruga é humanizada e colocada como parte importante da história.

Percebe-se o como o nomear das coisas é importante para o ser humano, é por meio da linguagem que se cria significados e assim se tornam um sistema de representações. As tartarugas agora com nomes próprios representam as formas de vida das amazônias e as superações diante da destruição desse ambiente.

A histórias dos nomes são apresentadas ao leitor, Juca conta para a repórter sobre as mulheres da família que tiveram participação na resistência à ditadura militar. A repórter utiliza das linguagens referenciais (os efeitos do real) para vincular aos contextos históricos e credibilizar os fatos, mas cria também efeitos estéticos de sentido em conformidade com o que Motta (2013) afirma.

A narrativa nos relembra uma argumentação presente nos textos sobre as tartarugas do Embaubal, o conhecimento profundo que os ribeirinhos possuem sobre a vida na região. No texto, Eliane relata que foi pelo monitoramento via rádio que se descobriu a origem das tartarugas que desovam no tabuleiro.

E enfatiza, "a descoberta é consequência direta do conhecimento dos ribeirinhos Luiz Cardoso da Costa e Antonio Davi Gil, o Tuíca”, duas fontes que foram apresentadas anteriormente e que nas suas narrativas Brum também utiliza como estratégia de produção de

sentidos a representação como produtores de conhecimento. A repórter conta que a pesquisadora Cris escutou seus professores, “salvaram nossa pesquisa!”.

Figura 4 - Ribeirinhos seguram foto da tartaruga “de chifre”



Fonte: El País, 2018.

Assim, a repórter utiliza de uma retórica construída ao longo das reportagens em que problematiza, critica e argumenta os reflexos das imagens representadas sobre os sujeitos da região amazônica, buscando uma nova forma de representação. É importante ressaltar que conhecer e compreender pode significar desafiar os “padrões”, e aprender também a desaprender, foi o que os próprios pesquisadores fizeram.

Quadro 4 – Elementos descritivos para análise

Título	Oito tartarugas de chifre e dois humanos criativos	
Data	07 de janeiro de 2018	
Tema	Meio-ambiente	
Classificação	Brasil	
Região Descrição	Pará	Tabuleiro do Embaubal
Fontes totais	03	
Fontes oficiais	Não tem	
Total: 0		
Fontes especializadas	Juarez Pezzuti “Juca” – professor do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (UFPA)	
Total: 2		

	Cristiane Costa - Bióloga
História de vida Total: 1	“Seu Valdo” - Ribeirinho
Descrição dos sujeitos	“Professores”; “Homem sábio”
Efeitos estéticos	“Gumercinda, a heroína”
Contexto	O monitoramento por rádio permitiu aos pesquisadores descobrir que as tartarugas-da-amazônia que desovam no tabuleiro fazem viagens de mais de mil quilômetros e vêm de diferentes pontos do mapa amazônico. A descoberta é consequência direta do conhecimento dos ribeirinhos Luiz Cardoso da Costa e Antonio Davi Gil, o Tuíca.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A vida ribeirinha é retratada nos momentos finais do texto, a repórter conta que uma das tartarugas, Angelina, foi encontrada por um menino que avisou ao seu pai sobre uma tartaruga de chifre e ao verificar o pai constatou: “o chifre tinha nome: ‘Universidade Federal do Pará’. Seu Valdo achou melhor não bulir. Homem sábio, ele logo entendeu: ‘É tartaruga de pesquisa’.”

O trecho é resultado do diálogo entre as fontes e a repórter, que conta para o leitor sobre o ocorrido, essa disposição de Brum pode estar associada ao que Medina (2003) aborda a respeito de linguagem dialógica, a autora acredita que o repórter precisa estar afeto as fontes e sensível às vivências para então mediar efetivamente as informações. A narrativa é composta numa teia de sentidos, atuando como um alargador da compreensão do cotidiano. Por ser um texto menor e que parece ter uma pauta pouco instigante, revela-se ao fundo uma forma de construir significados para certas existências, com a presença de protagonistas anônimos e abordagens de novas perspectivas narrativas.

4.7 Desmandos e impunidades ameaçam tartarugas

Na última reportagem da série sobre as tartarugas do Embaubal, a repórter contextualiza questões sociais e políticas da região e como prejudicam a proteção legal necessária. Inicialmente Brum apresenta as instituições envolvidas na proteção das tartarugas que desovam no Tabuleiro, sendo o Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (Ideflor-bio), a Norte Energia SA, empresa concessionária da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e a prefeitura do município de Senador José Porfírio.

Uma dessas instituições possui mais “culpa no cartório”, a Usina de Belo Monte, que causa problemas desde a sua chegada, onde criou um grande desequilíbrio no ecossistema da

região. Mas não só ela, a prefeitura é apresentada também como uma das causas das impunidades no local. A jornalista apresenta características morais de uma fonte que será abordada mais a frente com uma breve entrevista, ela conta, “o município de Senador José Porfírio é liderado pelo prefeito mais controverso de uma região pródiga em prefeitos controversos”, Brum revela as representações presentes sobre a vida política da cidade.

Durante toda a narrativa, há marcas desse posicionamento crítico da narradora, como no final do primeiro parágrafo a repórter conta um ocorrido com o prefeito da cidade e em seguida argumenta que é devido a essas situações que a proteção das tartarugas está comprometida.

Só para lembrar: em 29 de novembro, Dirceu Biancardi (PSDB) invadiu o auditório da Universidade Federal do Pará, em Belém, trancou professores, pesquisadores e estudantes na sala e impediu um debate sobre a instalação da mineradora canadense Belo Sun, tornando-se uma má notícia internacional. É fácil perceber por que a proteção das tartarugas está comprometida (EL PAÍS, 2018).

A repórter assim realiza a caracterização moral e estética, cria a representação do personagem e produz sentidos a partir da contextualização dos acontecimentos narrados. Somos apresentados a uma figura pública contraditória e que segundo a narradora é um "prefeito controverso". A contextualização da narrativa aparece quando a repórter fala sobre a decisão de criar unidades de proteção dos ambientes naturais, discussão que nasceu ainda na década de 1970, traduz os números e dados fornecidos por pesquisas em entendimento contextualizado para o leitor.

A reportagem teve contribuição da repórter Clarinha Glock, sendo assim, Brum não se coloca diretamente na narrativa mas fala sobre a “equipe de reportagem”. A construção geral da narrativa chega a partir de relatos factuais, colhidos por Brum em entrevistas, o que dá o peso da credibilidade. Após a apresentação do conflito central, dos principais antagonistas e da contextualização necessária, Brum segue com sua postura crítica, descrevendo o local de trabalho de vários profissionais que precisam proteger as tartarugas, a estrutura da base de fiscalização.

A base de fiscalização, à beira do Xingu, é bonita por fora. Por dentro, claramente houve um problema de projeto. Só assim para explicar como é possível o ar não circular em plena floresta amazônica. Técnicos, policiais e agentes que lá atuam enfrentam um calor próximo do insuportável mesmo no inverno, que é a época de chuvas e a temperatura é alguns graus mais baixa. Assim, procuram algum pedaço de pau para armar uma rede no lado de fora para conseguir dormir (EL PAÍS, 2018).

As condições precárias da base são alvo de investigação da repórter, que relata com detalhes a situação do local, “o atual prefeito também achou desnecessário que houvesse um funcionário contratado para preparar as refeições e fazer a limpeza (...) nesse ambiente, a reprodução das baratas parece ser mais bem sucedida que a das tartarugas”, Brum utiliza certo tom de ironia no texto e realiza uma analogia ao comparar semelhanças. A repórter também coloca o foco em quem a fonte é como figura construída (MOTTA, 2013) sendo posicionado na narrativa de tal maneira que se comprova o que Brum afirma.

Apesar disso, segundo a repórter, os problemas para as tartarugas-da-amazônia são mais graves. Outra problemática é revelada pela jornalista, os 12 agentes que trabalham no local foram contratados a partir de acordos políticos e não com base em conhecimentos técnicos, como o conhecimento sobre as tartarugas, por exemplo.

Eliane Brum utiliza a vida e as ações humanas para a composição narrativa, os conflitos que se configuram, o enredo e as ações dos personagens são manifestações de superfície de outros conflitos mais profundos, evidente em todo discurso narrativo (MOTTA, 2013), assim Brum ressalta problemas políticos que necessitam de uma investigação profunda.

Se quem narra tem sempre algum propósito (MOTTA, 2013) o de Brum é denunciar as negligências sobre as tartarugas-da-amazônia. A repórter narra um ocorrido, “assim, em 8 de outubro, três agentes estavam alcoolizados no tabuleiro, caminhando entre as tartarugas, pegando-as e soltando-as”. Uma situação que gerou muito estresse, inclusive para os ribeirinhos, Brum deduz que “o entendimento geral naquele tênue equilíbrio é de que: “se a fiscalização faz coisa errada e nada acontece, não tem por que a gente cumprir a lei”.

A jornalista continua relatando os descasos de alguns agentes do órgão, que em certo momento deixaram de recolher as tartarugas que nasceram e pela manhã “havia dezenas de filhotes desesperados junto à cerca, sem terem sido recolhidos”. A equipe de reportagem se viu em uma situação atípica e decidiu parar de documentar e ajudar na retirada desses filhotes, neste trecho, aspectos técnicos da rotina profissional são inseridos na narrativa, “a equipe de reportagem parou então de documentar para ajudar a retirar os filhotes, antes que fossem comidos pelos urubus”. Situação que durante uma matéria jornalística pode ocorrer e será decisão da equipe participar ou não.

Na representação das fontes e a percepção das vozes presentes temos como fonte especialista Maria Bentes, gerente da Unidade de Conservação Ideflor-bio, ela aparece de forma breve na narrativa mas dá o tom informativo e a credibilidade necessária ao texto, contribuindo com citações diretas.

Figura 5: Prefeito do município de Senador José Porfírio, Dirceu Biancardi



Fonte: El País, 2018.

A bióloga Cristiane Carneiro (já apresentada nas outras reportagens) também é citada de forma indireta na narrativa, Brum conta que Cris acredita que os próprios ribeirinhos vivem na Reserva de Desenvolvimento Sustentável poderiam ser contratados para como agentes fiscalizadores, são eles as pessoas que mais conhecem tartarugas, “animais com quem convivem desde criança, produzindo também o fortalecimento das comunidades na proteção dos quelônios”.

No último ato da reportagem temos a entrevista com o prefeito Dirceu, são cerca de cinco parágrafos dedicados à conversa. A repórter informa ao leitor que a entrevista foi realizada via ligação no Whatsapp (aplicativo de mensagens) e o que se percebe a seguir é repórter e fonte em uma disputa sobre a verdadeira narrativa.

O prefeito Dirceu Biancardi (PSDB) respondeu às perguntas da reportagem numa ligação de WhatsApp. “A prefeitura não tem condições de intervir para resolver todos os problemas”, defendeu-se. Segundo o prefeito, a responsabilidade do conserto das voadeiras não é da Prefeitura, mas ele mesmo acabou se contradizendo logo a seguir (EL PAÍS, 2018).

Para o prefeito alguns dos problemas citados não são de responsabilidade da prefeitura, contudo, o narrador tem poder sobre a narrativa e apesar de colocar trechos em citações diretas dando a entender que aquela parte é a transcrição exata da fonte, o narrador decide como interpretá-la. Sendo assim, a repórter construiu ao longo do texto, argumentos fundamentais com diálogos, relatos e documentos para questionar as respostas do prefeito.

A foto escolhida para a fonte também faz parte da estratégia argumentativa da repórter, ela o descreve como um homem controverso, a foto mostra um homem de chapéu, falando ao microfone e com olhar fechado com expressão de raiva, a imagem revela como a representação dessa fonte será trabalhada enquanto o leitor lê trechos da entrevista realizada pela repórter.

Quadro 5 – Elementos descritivos para análise

Título	Desmandos e impunidades ameaçam tartarugas	
Data	08 de janeiro de 2018	
Tema	Meio-ambiente	
Classificação	Brasil	
Região Descrição	Pará	Região pródiga
Fontes totais	04	
Fontes oficiais Total: 2	Assessoria de imprensa da Norte Energia Dirceu Biancardi - Prefeito de Senador José Porfírio	
Fontes especializadas Total: 2	Maria Bentes, gerente de Unidade de Conservação do órgão	
	Cristiane Costa Carneiro - Bióloga	
História de vida Total:	Não tem	
Descrição dos sujeitos	Prefeito controverso	
Efeitos estéticos	Não tem	
Contexto	Desde a década de 1970, discutia-se a necessidade de criar Unidades de Conservação na região do Tabuleiro do Embaubal, para a proteção dos ambientes naturais, da vida silvestre e do modo de vida das populações ribeirinhas. Finalmente, em 17 de junho de 2016, foram criados o Refúgio de Vida Silvestre Tabuleiro do Embaubal, com 4.034 hectares, e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Vitória de Souzel, com 22.957 hectares, no município de Senador José Porfírio.	

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No diálogo as citações diretas representam a transcrição da conversa com a fonte, o que provoca no leitor a sensação de estar presente na cena descrita. Segundo Motta (2013) importa observar como a narrativa jornalística constrói imagens incluindo ou excluindo certas ações, o que ela representa, o que o personagem fez ou deixou de fazer no transcurso da narrativa.

Biancardi nega que a indicação dos agentes seja política. “Isso aí não procede. A gente escolhe as pessoas que realmente gostam de mexer com animais, que

realmente pensam no meio ambiente, pra colocar lá. (...)“Pagamento atrasado? Só quando a Norte Energia demora a repassar o recurso”, responde. Caso contrário, “o repasse é imediato”. Más condições de habitação? “Muito pelo contrário, lá passam é muito bem! Eu desconheço. A senhora tá tendo mais informação do que eu que sou o prefeito, que moro aqui (EL PAÍS, 2018).

A jornalista finaliza o texto relatando que “a ligação é interrompida. A repórter volta a tentar ligar, várias vezes. Nenhum sucesso”, entende-se que Brum não conseguiu todas as respostas que buscava, assim como o leitor que ficará com uma narrativa sem final e sem uma solução concreta. De acordo com Motta (2013) as narrativas não resolvem todos os conflitos que geram, deixam muitas vezes os episódios em aberto.

4.8 A veneza de Belo Monte

A reportagem de 15 de maio de 2018 revela mais uma situação das consequências da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no que Eliane classifica como cenário pós-apocalíptico. A jornalista narra um episódio ou poderíamos dizer a rotina vivida por Marlene e Carlos, moradores da cidade de Altamira no Pará que vivem alagamentos recorrentes em casa. O episódio narrado inicia com um ponto de partida diferente, um olhar diferenciado, com a narração de subjetividades das fontes possibilitando captar elementos para uma construção profunda, que contemple não apenas falas, mas sentimentos, pensamentos, etc.

Marlene acorda na madrugada. Ela teve um pesadelo. Um de seus netos morria afogado no lago (...) O marido está esgotado pelo dia de trabalho. Ele pinta casas que não alagam. (...) Ela bota o pé para fora da cama e pisa. O frio da água molhando o pé lhe provoca um horror silencioso. Naquele momento o horror é só dela. (...) Carlos abandona o sono para lembrar que não há pesadelo pior que a vida no Jardim Independente 1, na cidade de Altamira, no Pará (EL PAÍS, 2018).

A saga da casa alagada é narrada para o leitor nos próximos dois parágrafos, segundo Brum um “balé de sobreviventes”, a família tenta salvar os poucos móveis que restam e também salvar a si mesmos. A água é de esgoto, acompanhada de muito lixo e cobras, que Marlene e Carlos “tangem com o pau”. Brum ressalta que há crianças também na casa, “uma delas é surda e muda. Marlene se comunica com ela por gestos. Nem precisava. O menino não precisa de palavras para saber. Ouve o som terrível da água subindo pelos olhos”, ressalta.

Após o episódio a repórter inicia a contextualização da região e dos personagens, importante para a construção da narrativa. Marlene e Carlos chegaram ao bairro em 2005, quando “o chão ainda era seco”, somente quando a Usina Hidrelétrica de Belo Monte começou a ser construída em 2010, as famílias foram expulsas pela especulação imobiliária.

Apresenta-se então o conflito central, a hidrelétrica e mais uma de suas consequências para a população ribeirinha, os dados e informações são efeitos do real que também trazem o ideal de credibilidade e veracidade necessários em uma reportagem narrativa principalmente de lugar de olhar crítico, argumentativo e intencional. Centenas de famílias tiveram que migrar para a região mais pobre da cidade, Brum explica que com o aumento dos preços dos aluguéis e o aumento da população provocado pela construção da usina o que “segundo parecer técnico do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), causou a corrosão ambiental e social do bairro”. A água começou a surgir nas casas e o chão virou água.

A jornalista relata que no bairro onde Carlos mora, 968 famílias vivem abaixo das condições mínimas de sobrevivência, 62 famílias inclusive a de Carlos e Marlene, cadastradas em situação emergencial, uma situação que já dura anos. Na percepção da repórter, o emergencial no Brasil possui significado esvaziado, já que no Brasil “é uma palavra sem substância”.

Com metáforas como “mundo em que as casas se comunicam por tábuas inseguras”, “o Jardim Independente 1 antecipa uma Veneza do apocalipse pós-climático”, a repórter constrói a narrativa para o leitor de forma compreensível. Recurso linguístico que a própria Brum reflete em sua narrativa, “mas não há metáforas na vida de Marlene e de Carlos” é o que constata a jornalista, a vida real é muito mais difícil do que se pensa. Brum chama atenção para o cotidiano da família, ressalta como essa rotina é desgastante e reflete em vários aspectos do dia, como as crianças que não conseguem ir para a escola.

As crianças já não podem mais ir para a escola, porque ir para a escola significa atravessar a água podre. Só cabe um colchão e não há como dormir espichado, é preciso se encolher. E assim passam os dias e as noites. Carlos bota apenas uma tábua para ligar o quarto e o banheiro. E este é todo o movimento. O único que nada para a terra firme é ele, porque precisa trabalhar (EL PAÍS, 2018).

O horror é narrado para o leitor por meio de outro personagem, o drama vivenciado pela família foi em certo momento presenciado por um defensor público, que segundo a repórter “entrou no Jardim Independente 1 durante um período de cheia, voltou para o hotel e chorou de horror e de impotência”.

As fontes da narrativa são caracterizadas por suas emoções e vivências, com duas histórias de vida como personagens principais, a jornalista busca formas de compreensão sobre os sujeitos. Em certo ponto Brum conta que Carlos explica que tem “três qualidades de

gente no corpo”, revelando que se enxerga e reconhece como pessoa por meio de outras identidades como a de indígena, já que a mãe pertence ao povo Xipaya.

A de ribeirinho porque morou a vida toda na Vila da Ressaca, na Volta Grande do Xingu, conseqüentemente uma das regiões mais atingidas por Belo Monte e também pescador, mas com o Xingu atingido pela usina, os peixes diminuiram muito. É interessante perceber que o próprio personagem não se reconhece mais, suas raízes foram destruídas e sua identidade abalada, uma forma de violência que foi cristalizada nas relações sociais ao longo do tempo pelas heranças coloniais.

O leitor passa a conhecer Carlos para além de uma vítima do descaso social, sendo possível uma identificação com a fonte, que traz a profundidade para a narrativa. Os diálogos entre fonte e jornalista são complementares para o entendimento do leitor sobre a pessoa da narrativa, evitando assim também reduzir as fontes a representações errôneas ou limitadas. Brum tece a reportagem e organiza o cotidiano dessa família como forma de tecer os sentidos a qual esses sujeitos fazem parte, observando, apurando e dialogando, transformando o fato em acontecimento narrativo. Assim, ressignificando discursivamente essas histórias, a partir de estratégias argumentativas com efeitos do real e efeitos estéticos de sentido.

Figura 6: casas do Jardim Independente I



Fonte: El País, 2018.

Para uma narratividade presente admite-se também a presença da subjetividade, buscando entender a essência dos fatos, o sentido dos fenômenos, o que pode ser inviável ignorando-se os aspectos subjetivos (IJUIM, 2013), na reportagem a jornalista busca

compreender a história de forma afetuosa, no cotidiano, relacionando as vozes, contextos, ligando-os e partilhando sentidos.

Brum também realiza comparações como parte crítica do texto refletindo sobre a vida do personagem, segundo a repórter “a inventividade de Carlos para criar mecanismos para proteger sua família da água só é menos impressionante que sua teimosia em viver honestamente num país que o humilha dia após dia”. A descrição de cenas e dos ambientes traz para a narrativa aspectos de proximidade ao leitor, reconhecendo também a atividade de observação e escuta da repórter que se faz utilizando todos os sentidos.

Enquanto a matam um pouco por dia, ela está fazendo tapetes para a casa nova que espera ter quando houver justiça (...) Com os pés sobre tábuas corroídas, cercada de água podre por todos os lados, a vida apenas equilibrada em solo encharcado, Marlene tece um novo conceito para a palavra esperança. Este só ela alcança.

A repórter relata que após uma longa luta do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a Defensoria Pública e Ministério Público, o IBAMA reconheceu a relação direta entre o impacto de Belo Monte e as condições insalubres de vida dos moradores, responsabilizando a empresa Concessionária da Hidrelétrica o reassentamento dos atingidos.

Quadro 6 – Elementos descritivos para análise

Título	A veneza de Belo Monte	
Data	15 de maio de 2018	
Tema	Meio-ambiente	
Classificação	Brasil	
Região Descrição	Altamira - Pará	“não lugar”; “cenário pós-apocalíptico”
Fontes totais	02	
Fontes oficiais Total: 0	Não tem	
Fontes especializadas Total: 0	Não tem	
História de vida Total: 2	Carlos Alves Moraes - Ribeirinho	
	Marlene Moraes da Silva - Ribeirinho	
Descrição dos sujeitos	“menino que não ouve nem fala”; “atingidos por Belo Monte”	
Efeitos estéticos	Quando acorda, ela já sente o cheiro de esgoto.	
	O chão virou líquido.	

	<p>Chorou de horror e de impotência.</p> <p>O Jardim Independente 1 depois da catástrofe de Belo Monte é um mundo em que as casas se comunicam por tábuas inseguras, muitas delas rachadas ou com rombos, colocadas pelos moradores. O Jardim Independente 1 antecipa uma Veneza do apocalipse pós-climático.</p> <p>balé de sobreviventes</p>
Contexto	<p>Quando a Usina Hidrelétrica de Belo Monte foi leiloadada, em 2010, e começou a ser construída, atraindo gente de todos os cantos e também os funcionários das empresas envolvidas, o preço dos aluguéis se multiplicaram. Quem pagava 200 reais numa casa pequena, foi avisado pelo proprietário que viraria 2000.</p> <p>O aumento da população provocado pela construção da usina e o preço dos aluguéis, segundo parecer técnico do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), causou a corrosão ambiental e social do bairro.</p> <p>Neste momento, 968 famílias cadastradas vivem no Independente 1 abaixo das condições mínimas de sobrevivência.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Brum finaliza o texto com uma frase, "Carlos e Marlene seguem acordando no mesmo lugar". O local é também parte importante do pertencimento e da identidade, ao retirar essas pessoas dos seus locais de origem, a jornalista reflete sobre a falta de reconhecimento de si, Carlos fala como se reconhece e como hoje está fora do seu lugar de pertencimento, se sente perdido.

Os ribeirinhos foram diretamente impactados pela Usina principalmente pelo deslocamento compulsório, os modos de vida dessa população é específica e se rege pela dinamicidade ambiental. Essas formas de vida são passadas de geração a geração e sintetizam as identificações sociais, quando destruídas afetam todo um sistema sociocultural, como é perceptível na narrativa.

Messina (2017) afirma que os lugares subalternos e periféricos são comumente representados com a negação dos valores positivos percebidos como qualidades fundamentais e normativas do centro. A vida dos ribeirinhos com os rios foi quebrada, conforme pontua Albuquerque (2016, p.86) os rios são práticas culturais, não meros adjetivos e habitats de muitos seres – humanos e não-humanos, visíveis e invisíveis –, “são elos de interligação, conexão, trânsitos de distintas culturas, línguas, bens simbólico/culturais”.

A partir do momento que a água se transforma e passa a ser um transtorno, essa vivência cultural é alterada. Na narrativa isso é percebido quando a fonte fala sobre suas “qualidades de gente no corpo”, de ribeirinho e pescador, mas como constata a repórter, “o Xingu arrasado por Belo Monte já tem pouco peixe”.

4.9 “Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco”

A reportagem aborda o caso da usina hidrelétrica de Belo Monte, a obra superfaturada apresenta problemas estruturais lançando mais incertezas sobre a segurança da hidrelétrica. O texto publicado em novembro de 2019 denuncia o caso, em outubro do mesmo ano a Norte Energia S/A afirmou em documento que precisava alterar a vazão do reservatório intermediário devido à seca severa do rio Xingu, para evitar danos estruturais na barragem principal.

A matéria não possui subdivisões, é um texto corrido com cinco fotografias, um mapa e dois ‘olhos’ que são frases ou um trecho do texto destacado com o objetivo de chamar a atenção do leitor. A reportagem que aborda os impactos ambientais na região amazônica possui um tom de denúncia e tem como base de investigação um documento oficial apontado no início do primeiro parágrafo da matéria.

A polêmica Usina Hidrelétrica de Belo Monte ainda não está concluída, mas um documento da Norte Energia SA mostra que há problemas no projeto. Em 11 de outubro de 2019, o diretor-presidente da empresa concessionária, Paulo Roberto Ribeiro Pinto, escreveu à diretora-presidente da Agência Nacional de Águas (ANA), Christianne Dias Ferreira, uma carta com o seguinte título: “Ação urgente para controle do nível do Reservatório Xingu da UHE Belo Monte”. (EL PAÍS, 2019)

A frase “um documento da Norte Energia SA” possui um hiperlink que ao clicar leva o leitor ao documento na íntegra sobre Belo Monte. O texto é mais técnico, com poucas histórias de vida e em tom factual, assim, a construção narrativa da reportagem caminha por uma estratégia mais objetiva ligada aos aspectos narrativos do jornalismo ‘tradicional’ com algumas características da escrita subjetiva da jornalista Eliane Brum.

No segundo parágrafo a repórter traz seu primeiro questionamento, “a primeira pergunta é: como é possível que o projeto da maior hidrelétrica da Amazônia e uma das maiores do mundo não tenha contemplado o comportamento medido e documentado do rio Xingu?”. Apontando no texto que o comportamento do Rio Xingu não é novidade no cenário e que poderia ser previsto, levando em consideração dados da Agência Nacional de Águas, sendo as fontes de pesquisa mais um elemento para caracterizar a veracidade da narrativa.

Figura 7: Volta Grande do Xingu, região mais afetada pela hidrelétrica de Belo Monte



Fonte: El País, 2019.

Para responder a pergunta e aprofundar a discussão, duas fontes especialistas são apresentadas, ambos analisaram o documento a pedido do EL PAÍS. Em seguida, Brum levanta outra dúvida relacionada ao documento divulgado e a qualidade da água.

Em relatórios passados, a Norte Energia afirmava que, para manter a qualidade da água no reservatório intermediário, era necessário uma vazão mínima de 300 metros por segundo. No documento de outubro, afirma que é possível baixar essa vazão para 100 metros por segundo e ainda assim manter a qualidade da água. É razoável que, diante de uma mudança tão drástica na conclusão de estudos, e num período tão curto de tempo, o público atingido possa ter dúvidas consideráveis que os órgãos governamentais responsáveis têm o dever de esclarecer para não gerar pânico. A qualidade desta água afeta, entre outras comunidades, as populações do município de Senador José Porfírio e o Tabuleiro do Embaubal, refúgio das tartarugas da Amazônia. Qualquer possibilidade de contaminação pode causar danos à saúde humana e à saúde de outras espécies. (EL PAÍS, 2019)

Ao mesmo tempo em que a repórter escreve seus questionamentos apresenta as respostas logo em seguida, argumentando que “nada disso é novidade”, “toda essa parte é tragédia anunciada, conhecida e denunciada antes de a primeira família ser expulsa e a primeira árvore derrubada.” Com isso, sua retórica é construída ao longo da reportagem, posicionando o enquadramento político e econômico a repórter costura a narrativa com perguntas e respostas oferecidas por documentos, fontes oficiais e especialistas.

O primeiro olho apresentado na narrativa tem como frase “ribeirinhos da Volta Grande do Xingu passam fome e vivem emergência humanitária”, a frase possui efeito dramático causando impacto no leitor, que até então fora apresentado apenas aos problemas técnicos, com diversos dados e fontes especialistas. Em seguida utiliza o mapa da obra da Usina hidrelétrica de Belo Monte como estratégia de objetivação e autenticação do espaço geográfico.

Um dos riscos apresentados no documento e que é considerado novidade é a precariedade do projeto de engenharia, “a Norte Energia e os órgãos governamentais precisam responder com urgência e total clareza qual é o nível de risco, inclusive se há possibilidade de a barragem se romper”, a repórter faz referência do caso com as tragédias do rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho, com hiperlinks que levam o leitor a matérias sobre os casos, para Motta (2013) esses recursos situa retrospectivamente os fatos atuais, construindo em parceria com o leitor a compreensão da narrativa.

Ao entender que as narrativas são discursos construídos com a observação e percepção de mundo que revela as particulares do narrador e com a perspectiva de que são os jornalistas capazes de problematizar os acontecimentos do mundo, observa-se que a repórter descreve o cenário crítico dos moradores e da região “a situação é ainda mais grave porque Belo Monte não foi construída a partir das necessidades de água da floresta e de seus povos”.

Na representação das fontes, a insegurança alimentar se tornou um dos maiores problemas para a população ribeirinha e os indígenas, na qual Brum chama também de “povos da floresta”. Os sujeitos amazônicos são representados pelo sofrimento, fome e negligência, “quando são entrevistados, homens e mulheres acostumados a uma vida extremamente dura choram. Vivem pela primeira vez a tragédia de dias sem comida.”

Uma fonte especialista revela as condições da população, “essas pessoas são tratadas como se fossem invisíveis”, a fala legítima papéis na sociedade e retrata o panorama das desigualdades sociais. Em trecho dedicado a descrever os danos ao ambiente, a repórter narra o lugar em que as pessoas vivem e como o modo de vida foi afetado após a chegada da usina, entender os espaços e territórios também faz parte da identidade dos sujeitos, é onde eles se percebem, se conhecem e reconhecem.

A repórter apresenta apenas uma história de vida durante toda a narrativa. Em um parágrafo a pescadora Sara Rodrigues de Lima relata as dificuldades para manter o sustento da família advindo da pesca. Quando a pescadora aparece na reportagem, temos apenas duas linhas com citações, “tudo está piorando”, diz a pescadora Sara Rodrigues de Lima, com olhos náufragos. Eu pesco aqui há 35 anos, mas todos os peixes fugiram. O rio Xingu está secando”.

Nota-se ainda um retrato do estilo narrativo da jornalista Eliane Brum ao usar metáforas para descrever emoções da fonte, quando faz alusão ao choro com a frase “com olhos náufragos”, assim são as representações dos sujeitos da região, pessoas que são colocadas como invisíveis e em constante sofrimento. As subjetividades representadas são pertinentes para o enquadramento da fonte, construindo o personagem a partir da percepção do repórter sobre a pessoa que está ali contando sua história.

A voz das fontes especialistas se mostra ativa na construção da realidade sobre os problemas da usina hidrelétrica de Belo Monte, das oito fontes totais presentes cinco são especialistas que discorrem durante toda a narrativa sobre as consequências e riscos da usina. Contudo, o diálogo com as histórias de vida afetadas não existe, o protagonismo humano na reportagem é escasso, o texto preza apenas pela narração dos acontecimentos de forma mais objetiva. Assim como afirma Hall (2016) os sujeitos só existem a partir do discurso, a presença escassa nas narrativas os apagam. Nos trechos finais da matéria, a repórter conta como o risco de rompimento afetou o cotidiano dos moradores, causando momentos de pânico.

O temor de que Belo Monte possa romper e acabar com a vida de todos é um pesadelo persistente na vida dos povos do Xingu. Algumas vezes, boatos de rompimento chegam por WhatsApp e causam pânico em aldeias indígenas e comunidades ribeirinhas. (EL PAÍS, 2019).

A reportagem termina com a confirmação da negligência sobre o caso sustentando o argumento da reportagem, a repórter relata que ao procurar fontes oficiais, não obteve resposta, “A Agência Nacional de Águas (ANA) e o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) não responderam às perguntas enviadas no início da tarde da quinta-feira, 7 de novembro, pelo EL PAÍS.” O problema continua sem solução.

Quadro 7 – Elementos descritivos para análise

Título	Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco	
Data	08 de novembro de 2019	
Tema	Impacto ambiental	
Classificação	Reportagem – Brasil	
Região Descrição	Bacia do rio Xingu/ Altamira-Pará	“Sequidão do Xingu” para caracterizar o rio
Fontes totais	08 fontes	
Fontes oficiais	Norte Energia, empresa responsável pela Usina Hidrelétrica Belo Monte	
Total: 03	Dados da Agência Nacional de Águas	

Fontes especializadas Total: 05	Francisco Del Moral Hernández, doutor em Ciências da Energia pela <u>USP</u> , especialista no setor elétrico
	André Oliveira Sawakuchi, geólogo do Departamento de Geologia Sedimentar e Ambiental do Instituto de Geociências da USP;
	Cristiane Costa Carneiro, bióloga e assessora do MPF em Altamira;
	Célio Bermann, engenheiro mecânico e arquiteto e professor do Instituto de Energia e Ambiente da USP;
	Thaís Santi, procuradora da república em Altamira.
História de vida Total: 01	Sara Rodrigues de Lima - pescadora
Descrição dos sujeitos	Identificação regional: População ribeirinha, Povos do Xingu “Povos das florestas” (indígenas) e “população urbana” (referindo-se a população que mora nas cidades afetadas pela usina). “invisíveis”
Efeitos estéticos	Repórter escreve: “Diz a pescadora Sara Rodrigues de Lima, <i>com olhos náufragos</i> ”
Contexto	Texto mais “técnico” com poucas histórias de vida e mais em tom factual e de denúncia. A repórter denuncia o caso da obra superfaturada que afeta a vida de diversas pessoas, indígenas e população urbana, com risco real de rompimento e ameaça a vida de pessoas e animais. A obra já estava condenada antes mesmo da sua construção. Aponta de forma contundente a irresponsabilidade do governo em tal obra, onde uma empresa decide a quantidade de água de um rio. Um poder de vida ou morte, como afirma uma das fontes especialistas.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Nesta reportagem Brum dedicou-se à denúncia dos riscos da usina hidrelétrica de Belo Monte, as estratégias argumentativas baseiam-se numa construção retórica de questionamentos e respostas utilizando fontes especialistas e fontes de pesquisa, ou seja, são eles que constroem a arena discursiva e são os atores sociais presentes. As perguntas levam o leitor a questionar também, já que é o narrador que guia a reportagem. A falta de histórias de vida revela a consciência da narradora da sua presença na criação das narrativas e da realidade através do jornalismo, criando representações a partir dos seus próprios valores. Conforme pontua Moraes (2018) o jornalismo determina quem aparece, afirmando assim quem também não aparece.

4.10 A cidade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta o aumento avassalador de suicídios de adolescentes

Na reportagem publicada em 27 de abril de 2020 Eliane Brum apresenta outra problemática enfrentada pela população da região amazônica, o aumento dos casos de suicídio em Altamira no Pará que segundo a jornalista tem consequências diretas da mudança de vida da região, entre hábitos e costumes depois da instalação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

Após uma breve introdução a narrativa é dividida em cinco tópicos que abordam sobre a temática na internet, responsabilidades do governo, a mobilização da sociedade, o impacto direto de Belo Monte e as possíveis causas. A construção narrativa parte do embasamento de efeitos do real com dados, contextualização e relatos subjetivos sobre as fontes. O texto inicia com o relato de uma mãe que perdeu o filho, a repórter conta a corrida final vivida pela família, Brum utiliza de metáforas e analogias, recursos linguísticos que oferecem um ar poético e dramático.

Em 2020 o mundo viveu a pandemia do Covid-19, Brum contextualiza o período no segundo parágrafo (com hiperlink) para contar que até o momento de produção, 27 de abril de 2020, nenhuma pessoa havia morrido pela doença respiratória, mas de janeiro até a data 15 pessoas haviam se suicidado em Altamira. A repórter realiza uma comparação de dados locais com nacionais, um recurso comum no jornalismo para possibilitar a argumentação e levantar questionamentos.

Mesmo para um país que tem testemunhado o aumento do número de suicídios na juventude, as estatísticas de Altamira são alarmantes. Sem apoio do poder público, os movimentos sociais fazem um mutirão para impedir mais mortes. A pergunta que atravessa a população é: por quê? E por que agora? (EL PAÍS, 2020).

Os questionamentos são levantados durante a narrativa e fazem parte da investigação, levando o leitor também a refletir. A repórter conta que as razões do aumento das mortes por lesão autoinfligida como o suicídio é chamado nas estatísticas e a própria repórter explica isso no texto, estão sendo estudadas por profissionais da saúde mental.

Conta que em pesquisas anteriores os indicadores socioeconômicos, especialmente o desemprego e a desigualdade social, podem estar associados a esse aumento. Em outro parágrafo Brum revela que em Altamira a violência é cotidiana e a cidade foi classificada com vulnerabilidade muito alta, apresentando uma perspectiva crítica e intencional em que acredita ser um dos motivadores do acontecimento na cidade.

No primeiro tópico “Contágio e prevenção” a repórter levanta sua primeira argumentação, a necessidade de debate sobre o tema. Brum inicia contando que a temática é

bem discutida nas redes sociais principalmente pelos adolescentes. Segundo a repórter, até mesmo séries de TV “ajudaram a romper o silêncio sobre algo que acontece e que está aumentando.” Para ela é algo recorrente na sociedade e que precisa de debate social, a jornalista se esforça para mostrar seu posicionamento.

Se a sociedade não debater o tema em todos os espaços, com conhecimento, responsabilidade e desejo de compreender, só restam mesmo os subterrâneos das redes e os programas e reportagens sensacionalistas que convertem o suicídio em espetáculo (EL PAÍS, 2020).

Brum adiciona algumas citações diretas que concordam com seu posicionamento crítico, ao final, revela ser uma afirmação da psicóloga Maria Aparecida, a primeira fonte especialista apresentada. Utilizando assim neste parágrafo suas intencionalidades e poder de voz para a construção da narrativa, a repórter faz o uso da fonte para reafirmar seus argumentos, atravessando o “caminho” do texto com as falas da psicóloga.

Eliane Brum busca através da reportagem superar o estigma que se tem sobre o suicídio, para isso, cria-se uma teia narrativa em que apresenta diversas áreas sociais que abarcam o problema. Em um parágrafo a repórter conta que na própria Altamira o estigma ainda é muito forte, uma mãe conta que ficou mais de um mês sem sair de casa “porque ou me olhavam como coitada ou como culpada. Somos para sempre a família do suicida”.

A argumentação também é envolvida pelos relatos das fontes que caminham conforme a crítica da jornalista, um familiar não identificado relata que diversas famílias podem estar passando por uma situação delicada e “agora, quando viram que os jovens realmente podem morrer, estão pedindo socorro”.

O segundo tópico “SUS, Governos e responsabilidades” aborda a falta de apoio e recursos para a saúde pública, a fragilidade e o sucateamento do sistema. Em Altamira, Eliane Brum afirma que duas questões se repetiram nos depoimentos dados pelos parentes das vítimas, a falta de atendimento da rede de saúde mental e a resistência dos pacientes. Assim a jornalista conclui que “é fácil compreender” o que de fato precisa ser feito, será necessário o investimento do Estado no SUS para barrar o aumento do número de suicídios da juventude do país.

Figura 8 - Uma das casas dos Reassentamentos Urbanos Coletivos (RUCs)



Fonte:El País, 2020

Em seguida, a Usina Hidrelétrica de Belo Monte é colocada em pauta através de uma carta dos profissionais da saúde para a Secretaria Municipal de Saúde cobrando medidas e sugerindo a “elaboração de um plano municipal de saúde mental, em parceria com as universidades e sociedade civil da região”. Na carta os profissionais enfatizam o impacto na população com a chegada dos grandes empreendimentos e o aumento do influxo migratório, reafirmando mais uma vez a premissa levantada pela repórter.

O próximo tópico “Sociedade e mobilização” conta que com a saúde pública sucateada a população decidiu se mobilizar para auxiliar familiares e jovens. A repórter fala sobre a dinâmica dos coletivos e como eles se organizam para ajudar, mostra também resultados do esforço comunitário, atendendo vítimas em potencial.

Brum revela que o número de vítimas entre homens e mulheres é quase equivalente e revela o método usado pelas vítimas, que segundo ela é utilizado pela maioria no restante do Brasil. E neste momento interroga-se a necessidade de informar tal método, já que entende-se que a divulgação de uma informação seja para o interesse público e o benefício obtido com isso, não apenas apenas para fim de curiosidade. O debate acerca do tema ainda encontra dificuldades para ser fundamentado, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), fala acerca de informações de caráter pessoal, mórbido e sensacionalista, mas ainda não trata diretamente sobre o suicídio.

Para Bucci (2006) o repórter precisa saber diferenciar o que é de interesse público e o que pode ser uma curiosidade, sem revelar detalhes sobre o suicídio por exemplo. Já a

próxima observação da repórter revela um cuidado necessário ao tratar sobre o tema, ao falar sobre suicídio não se deve simplificá-lo conectando a uma única causa, mas entender que há uma série de acontecimentos com certas individualidades.

Cada suicídio é particular e deve ser analisado individualmente. Ao mesmo tempo, uma série de suicídios só pode ser compreendida em seu contexto social. Fenômenos como o de Altamira precisam ser entendidos naquilo que cada caso tem de particular, naquilo que aquela comunidade tem de particular e também na sua coincidência (ou não) com as características e hipóteses gerais que os especialistas têm apontado para os suicídios de adolescentes (...)qualquer análise precisa abarcar tanto o particular quanto o universal (EL PAÍS, 2020).

O quarto tópico “Belo Monte e sofrimento psíquico” é o mais longo, apresenta o conflito central da reportagem: a Usina Hidrelétrica de Belo Monte. É nessa parte que a repórter aponta que a construção é a principal hipótese para os suicídios, apoiando-se em fontes oficiais e especializadas.

No campo social, a principal hipótese apontada pelos profissionais de saúde e pelos representantes de grupos que se mobilizaram para enfrentar a tragédia em Altamira é a desestruturação causada pela construção da usina de Belo Monte, no rio Xingu, que provocou grandes transformações na cidade e na vida da população a partir de 2010 (EL PAÍS, 2020).

A repórter revela como a Usina alterou totalmente a realidade da população, a cidade deixou de ser um local “com hábitos interioranos” onde se pode dormir de janela aberta e caminhar pelas ruas sem preocupação à noite, por exemplo, para se tornar a cidade mais violenta do Brasil. Essa é então a posição consolidada pela narradora jornalista, para Motta (2013) são pelas narrativas e voz de quem fala que se legitima verdades, o leitor passa a compreender a cidade como foi descrita.

Brum apresenta o contraste social na cidade após a instalação da Usina, onde se pode observar as representações existentes e como estas são mutáveis. Eliane Brum enfatiza isso quando conta que a cidade se transfigurou, assim como a vida das diversas famílias. Altamira é parte da lógica colonizadora vigente no Brasil, uma visão que se volta apenas para o crescimento econômico independente de vivências e tradições.

Belo Monte fez uma propaganda de que ia chegar o desenvolvimento e tudo ia melhorar na cidade: muitos empregos, hospital, escolas. Mas o que Belo Monte trouxe para a infância e a juventude foi o crime e a proliferação de drogas. Os jovens perderam seus espaços de lazer e suas praias, as famílias perderam os bicos que faziam e a possibilidade de pescar. Sem perspectivas e sem políticas públicas, têm o suicídio”, afirma Antonia Melo, coordenadora do Movimento Xingu Vivo para Sempre e uma das principais lideranças populares do Xingu (EL PAÍS, 2020).

A expulsão das populações dos seus locais de origem é característica dessa lógica, justamente para dar lugar a algum projeto que pudesse fazer o uso econômico, conforme afirma Nascimento (2020). A repórter conta que foram cerca de 40.000 pessoas expulsas de suas casas na beira do rio, conta que a usina é chamada de “Belo Monstro”, revelando sua significação para os moradores da região.

Esse processo de expulsão causa além de tudo o apagamento cultural e identitário desses povos, conforme pontua Brum na narrativa, “causou a dissolução dos laços comunitários e de vizinhança, fundamentais para dar suporte na vida cotidiana, e destruiu a sensação de pertencimento”. As relações afetivas e simbólicas desse povo foram quebradas.

Brum insere no texto o caso ocorrido na cidade na década de 1990 que ficou conhecido como “os meninos emasculados de Altamira”, um grande trauma vivido pela população. A repórter conta que as lideranças dos movimentos que também trabalharam nesse caso no passado enfrentam o que segundo ela pode ficar conhecido como “os meninos e meninas suicidas de Altamira”. A jornalista utiliza como recurso o tempo para ligar um acontecimento ao outro e fazer uma comparação, para Traquina (2005) é possível no texto jornalístico usar o tempo como gancho.

Quando fala-se da superação da objetividade, neutralidade e conceitos positivistas nas práticas jornalísticas, não busca-se necessariamente uma prática sem ordem, apuração e técnicas, mas o olhar mais crítico, a sensibilidade na relação com as fontes e a contextualização das narrativas. No texto de Brum, observa-se que a autora realiza matérias complexas e detalhadas com uma apuração firme que supera a simplificação dos textos jornalísticos.

O último tópico “Consumo, corpo e internet” explica como esses jovens e adolescentes são afetados também pelo mundo virtual, onde a tessitura do tempo é diferente e imediato, os jovens de Altamira tem que lidar com as frustrações de viver em uma cidade que lida com tantos problemas causadas pela repentina mudança de vida. É o que explica a repórter: “Altamira é uma cidade transfigurada num mundo transfigurado. Transfigurada por Belo Monte como nos anos 1970 foi transfigurada pela Transamazônica”.

No segundo eixo de análises, percebe-se que nesta reportagem não se tem a presença subjetiva da repórter, a voz presente na narrativa se dá pelo veículo de comunicação “conforme pesquisadores ouvidos pelo EL PAÍS” ou “Durante dois dias, EL PAÍS enviou emails e tentou contato por telefone e WhatsApp (...)”, a mediação ocorre pelo veículo de comunicação.

Alguns pontos são marcantes na narrativa, por exemplo, apesar do texto iniciar com o que parece ser o relato de uma mãe, a fonte não é identificada, não temos nome nem da mãe nem do adolescente. A repórter em certo ponto explica que é uma estratégia para que essas famílias não tenham o nome e imagem veiculadas em um veículo de circulação internacional (já que o EL País é originalmente espanhol).

Para evitar que ganhar nome e imagem em um veículo de circulação internacional possa incentivar jovens fragilizados a cometer uma violência contra si mesmos, nenhum dos mortos nem seus familiares e amigos serão identificados nesta reportagem (EL PAÍS, 2020).

A transcrição da carta enviada por 66 profissionais de saúde do município para a Secretaria Municipal de Saúde traz como parte da polifonia de vozes presentes, a narradora passa a dialogar com seus personagens. Por ser um texto que precisa de aprofundamento, as fontes que mais possuem espaço para o discurso são as especialistas, explicam os contextos e possuem grandes trechos de citações diretas.

Quadro 8 – Elementos descritivos para análise

Título	A cidade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta o aumento avassalador de suicídios de adolescentes	
Data	27 de abril e 2020	
Tema	Saúde e sociedade	
Região Descrição	Altamira - Pará	Cidade amazônica; cidade mais violenta do Brasil; cidade com hábitos interioranos; cidade transfigurada
Fontes totais	18	
Fontes oficiais Total: 5	<ul style="list-style-type: none"> - Centro de Perícias Científicas Renato Chaves, da Secretaria de Segurança Pública do Governo do Estado do Pará -DataSus -OMS -Ministério da saúde -Norte Energia S.A., 	
Fontes especializadas Total: 8	<ul style="list-style-type: none"> -Maria Aparecida da Silva/ Psiquiatra -Alexsandro Prates Freitas, do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF) de Altamira. -Antonia Melo, coordenadora do Movimento Xingu Vivo para Sempre -Ilana Katz/ psicanalista -Christian Dunker/ psicanalista -Erika Costa Pellegrino/ psiquiatra da Clínica de Cuidado professora do curso de Medicina da UFP -Jaron Lanier/ filósofo da internet -Mário Corso/ psicanalista 	

Título	A cidade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta o aumento avassalador de suicídios de adolescentes
Data	27 de abril e 2020
Tema	Saúde e sociedade
História de vida Total: 5	-Mãe não identificada -Tia não identificada -Málaque Mauad Soberay/ criou o coletivo Mães do Xingu -Daniela Silva/do Movimento Juventudes do Médio Xingu, -Familiar de um adolescente - não identificada
Descrição dos sujeitos	População de “removidos”
Efeitos estéticos	“Atravessada pela dor de testemunhar uma juventude destruída pela violência”; “Ela só lembra que gritou”; “E então um corpo fez seu voo vertical para o chão”
Contexto	“Entre 1989 e 1993, Antonia e outras lideranças dos movimentos sociais de Altamira enfrentaram um dos maiores traumas da cidade, que ficou conhecido como “o caso dos meninos emasculados de Altamira”, crianças que eram encontradas mortas ou quase mortas depois de ter seus órgãos genitais cortados”. Durante o período de implantação da usina ocorreu também uma mudança no perfil da criminalidade. As gangues de Altamira foram tomadas pelas facções nacionais do crime organizado. Já no primeiro ano de existência, os RUCs ganharam o estigma de território de violência, aumentando ainda mais o sentimento de exclusão da população deslocada. Em julho do ano passado, o presídio de Altamira foi palco do segundo maior massacre da história do sistema penitenciário, com 62 mortos, só perdendo para o Carandiru.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A repórter insere alguns conteúdos na íntegra para os leitores, como a carta de um grupo composto por jovens periféricos, indígenas e ribeirinhos e trechos de um livro e um documento público escrito por pesquisadores sobre a relação entre Belo Monte e o sofrimento psíquico da população, estratégias que complexifica os fatos e iluminam os sujeitos que são os protagonistas sociais.

Altamira e sua população vive afinal o resultado dos abusos de autoridades e exploração da região amazônica. A mudança repentina transformou a população e suas experiências, formando novas consciências individuais e coletivas, como é apontado por Eliane Brum durante toda a narrativa.

Brum finaliza suas argumentações ao final da reportagem e reforça com a citação de uma fonte, familiar de um adolescente e termina com uma pergunta deixada por uma vítima: “Eu já estarei morto. Mas antes quero perguntar a vocês, adultos: o que farão para que outros adolescentes como eu não se suicidem?”. A interrogação deixa mais uma vez a narrativa em aberto, sem respostas finais.

Para Medina (2006) o jornalista tem um privilégio, o de ser um mediador e leitor da cultura, já que ele pode observar o mundo a sua volta e são em narrativas como essas que o narrador jornalista precisa assumir a sua mediação, de uma escuta ativa e a consciência da responsabilidade social. Só as técnicas jornalísticas objetivas não são o suficiente quando se trata de narrativas de situações de vulnerabilidade, como aponta Medina (2003) o jornalismo permeado da herança positivista não dá conta das demandas coletivas.

Neste momento é preciso um jornalismo que assuma suas fragilidades e incertezas, Brum relaciona as vozes presentes e constrói uma narrativa com diversas fontes que vão desde familiares, especialistas e moradores de Altamira, o que não se vê é a presença subjetiva da repórter, assumindo uma relação sujeito-sujeito.

4.11 Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês

A reportagem publicada em junho de 2020 revela mais um capítulo da violação dos direitos dos povos indígenas. Mulheres do povo Sanõma que vivem na Terra Indígena Yanomami na fronteira do Brasil com a Venezuela sofrem com o desaparecimento dos corpos dos filhos que foram supostamente contaminados com a covid-19 e enterrados, ato extremamente violento para o povo que possui um ritual próprio para o luto.

A narrativa é dividida em uma breve introdução e quatro tópicos, são eles: “Enterrar o corpo de um Yanomami é arrancá-lo do mundo dos humanos”, “Sem um plano emergencial, 40% do povo Yanomami pode ser contaminado”, “O bebê que nasceu, morreu e desapareceu”, “Roubar os mortos alheios é o estágio supremo da barbárie”. Abordam além do problema discutido, a contextualização do ritual de luto dos Yanomami, apresenta a história de alguns personagens e a todo o momento contextualizam as violências vividas pelos povos originários não só durante a pandemia do coronavírus, mas lembrando fatos históricos.

Figura 9 - Mulher Sanõma



Fonte: El País, 2020.

Após a apresentação geral do texto, seguimos na observação do eixo da construção narrativa. O texto inicia com uma introdução, no primeiro parágrafo da reportagem temos um resumo que responde a cinco perguntas do lide jornalístico (o que, quem, quando, onde, como) atribuindo um caráter objetivo à narrativa apresentando ao leitor do que se trata a história, sendo parte da estratégia de efeitos do real.

As mulheres personagens dessa história são apresentadas neste primeiro momento de forma rápida e geral. No segundo parágrafo temos o relato dos bastidores da produção entrelaçado à narrativa, a repórter afirma como conseguiu contato com uma das mães, “com a ajuda de várias pessoas, uma delas conseguiu me enviar uma mensagem, gravada, em Sanõma”. Revelando que na verdade a própria personagem procurou a repórter para relatar o ocorrido, estreitando a relação convencional de instituição e fonte como uma oportunidade genuína de espaço.

Em seguida temos a presença da repórter no texto de forma marcante, “eu escuto a mensagem antes da tradução. Não entendo as palavras. Mas compreendo o horror. A linguagem universal daquela que está sendo arrancada do mundo dos humanos”. A relação do eu com o outro aparece e a repórter se posiciona subjetivamente buscando compreender a situação de forma mais humana, esvaindo-se da neutralidade almejada no jornalismo.

A própria atividade narrada e a posição da jornalista em primeira pessoa evidenciam as marcas textuais. Segundo Medina (2003) a presença e voz do jornalista na narrativa pode

ser configurada como forma de revelar seu incômodo, ao inverter a relação de sujeito-objeto para sujeito-sujeito, de técnico da informação para mediador social, que acaba com o ritmo mecânico do exercício jornalístico.

Percebendo também um efeito dramático na narrativa quando escolhidas palavras que demonstram seus sentimentos e o grau de violência vivida pelas mulheres Yanomami, Motta (2013) afirma que as estratégias de produção de efeitos estéticos geram nos leitores identificação com a narrativa e os sujeitos, possibilitando a compreensão dos dramas e tragédias humanas, tornando a história mais interessante ao leitor.

Temos a participação de uma fonte oficial nos últimos parágrafos da introdução, o procurador da república em Boa Vista enviou um ofício ao Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami (DSEI-Y) e apesar de apresentar uma resposta formal a jornalista também destaca detalhes da sua rotina no trecho “Marugal assumiu o posto em plena pandemia, conta estar trabalhando de segunda a segunda para enfrentar um cenário com grandes desafios”, permitindo a existência da fonte para além da sua citação.

A construção da narrativa é constantemente referenciada pelo contexto social e histórico dos povos originários, percebe-se que o conflito central da narrativa está em afirmar a violência que é enterrar um corpo Yanomami, apesar disso, Brum enfatiza durante o texto que essa é apenas mais uma das transgressões que esses povos vivem.

Essas violências recorrentes vividas pelos povos indígenas são reflexos de uma herança colonial, que não respeita tradições e não enxerga como válido os seus modos de vida, essa visão sobreposta na reportagem dialoga com a perspectiva de Machado (2016), o autor afirma que o colonialismo materializa-se na extinção do saber do outro.

No primeiro tópico com subtítulo “Enterrar o corpo de um Yanomami é arrancá-lo do mundo dos humanos”, todas as etapas do ritual de luto são contadas pela repórter, pode levar meses e até anos para se completar uma forma única de vivenciar o luto e aceitar a partida dos que foram evidenciando de forma mais clara a brutalidade vivenciada pelos Yanomami.

Ao final do tópico temos a fala de uma especialista, “para essas mães, saber que seus filhos estão enterrados no cemitério da cidade é equivalente a uma mulher branca ter que conviver com a ideia de que o corpo de seu filho está jogado e exposto em praça pública”, quem fala é a professora de antropologia Silvia Guimarães (UNB) que realiza pesquisa junto ao povo Sanõma há muitos anos, formada para enfrentar a invisibilidade dos povos durante a pandemia.

A presença da fonte especialista faz parte da estratégia argumentativa de convencer o leitor que aquela realidade é descrita como verdadeira. A fonte especializada assume o papel

tradicional de fonte de informação e por vezes um alter-ego do repórter, que cultiva essas fontes especializadas de conhecimento científico, conforme descreve Medina (2003).

O segundo subtítulo “Sem um plano emergencial, 40% do povo Yanomami pode ser contaminado” nos apresenta uma contextualização geográfica e populacional sobre a terra indígena com dados de 2018. Aqui a repórter traz um olhar externo para a narrativa, utilizando o recurso didático/midiático do mapa como forma de representação gráfica que confere objetividade, oferecendo maneiras distintas de interpretar a realidade.

A matéria tem o foco na violência durante a pandemia do coronavírus que se iniciou em 2020, contudo o histórico contra o povo é extenso e se inicia muitos séculos antes. A contextualização do cenário aprofunda e desenvolve a narrativa, que não existe sozinha e está envolta de um contexto.

E parece também não haver vontade de compreender o drama dos indígenas numa sociedade em que impera o racismo contra os povos originários —896.917 pessoas, o equivalente a 0,47% da população total do Brasil, segundo o Censo do IBGE de 2010. A riqueza cultural que representam é expressada por 256 povos que falam mais de 150 línguas diferentes. Dizimados por vírus e por balas há cinco séculos, eles resistiram até hoje. E então chegou a covid-19. O Governo Bolsonaro, que tem como um dos principais projetos abrir as terras indígenas para exploração privada, nada faz de efetivo para barrar a doença que já atravessa a floresta amazônica produzindo um novo massacre (EL PAIS, 2020).

Os atos da reportagem se baseiam em cinco cenas, que vão desde a apresentação das mães e da violência que viveram, contextualização sobre a cultura e rituais yanomami, contexto ainda sobre pandemia da covid-19 e indígenas com a presença de líderes Yanomami e fontes oficiais, relato de pais que perderam o bebê e a última com a introdução de fontes especialistas.

Seguimos na observação da narrativa com elementos do segundo eixo, a representação das fontes. Em certo ponto do texto Eliane Brum explica que o grupo chama de *xawara* as doenças causadas pelo homem branco, principalmente os garimpeiros que invadem suas áreas. Aspectos tradicionais e subjetivos do povo Sanõma são utilizados como uma forma de legitimar e representar sua presença nas narrativas, buscando aproximar também o leitor pelo recurso da linguagem, referenciando a língua dos personagens.

Temos a apresentação de duas fontes do povo Sanõma no segundo tópico, o intelectual e líder Yanomami Davi Kopenawa e o seu filho Dario Kopenawa, da Hutukara Associação Yanomami liderando também a campanha “Fora Garimpo! Fora Covid!”. Dario aparece como um representante oficial dos Yanomami, a voz institucionalizada. Ele revela que há o

entendimento da situação atípica em relação à covid-19, mas que diante da situação os Yanomami buscam apenas respeito e a garantia dos seus direitos.

O jornalista assim como afirma Motta (2013) pinça da fala da fonte aspectos que pretende ressaltar dando outra dimensão ao discurso, dirigindo a leitura. E aqui, percebe-se que a narrativa percorre o caminho da compreensão, pontuando as falas do líder e representante Dario Kopenawa.

“Queremos saber onde estão e quando poderemos desenterrar os corpos para levá-los para a aldeia, onde nasceram e cresceram, onde seus pais, seus tios, seus primos estão morando, onde a alma das crianças pode ser feliz. Entendemos a necessidade dos protocolos [de biossegurança], mas precisamos ter informação e compreender o que vai acontecer. Precisamos saber quando os corpos serão devolvidos. Queremos saber quanto tempo o vírus sobrevive no corpo. Se os infectologistas nos explicam, a gente entende e pode respeitar. E podemos transmitir essa informação para a comunidade.” (EL PAÍS, 2020).

Há a introdução de outra fonte no segundo tópico, a mulher indígena Braulina Baniwa é antropóloga e participante do Laboratório Matula, e mesmo sendo pesquisadora Brum não a coloca como uma fonte especialista, mas como parte de um povo, reforçando que apesar de pertencer à outra etnia se solidariza com as mães Sanöma. Assim, percebe-se que é o narrador quem define o que mostra da fonte escolhida e sua forma de representação, essa relação evidencia o poder de voz presente nas narrativas.

No terceiro tópico com o subtítulo “O bebê que nasceu, morreu e desapareceu” a repórter conta o caso de uma quarta mãe contaminada pelo coronavírus levada para fazer o parto no hospital, seu bebê, teria morrido de complicações não conectadas a covid-19, mas um servidor teria colocado indevidamente uma suspeita do vírus. O bebê então não foi mais visto por seus pais.

Assim, Eliane Brum apresenta o relato de Remo (como é conhecido pelos brancos, pontua a repórter), o pai do bebê conta em cinco parágrafos os detalhes da contaminação de Zita Rosinete (mãe do bebê) na aldeia, o percurso para o hospital e o desaparecimento do seu filho. O poder de voz neste trecho flui a partir da fonte, a repórter posiciona e oferece espaço textual permitindo ao personagem o seu próprio ponto de vista, com a capacidade de ser visto institucionalmente.

O jornalismo é uma construção discursiva em que os sujeitos presentes estão em constante disputa pelo poder simbólico, assim, as citações também conferem veracidade, e são utilizadas para dar a impressão de que são as pessoas reais que falam, sem a intervenção do jornalista (MOTTA, 2013).

Meu filho morreu. No dia 28 [de abril] mesmo, no dia em que nasceu, ele morreu. Nasceu de manhã e à tarde morreu. Zita Rosinete estava muito fraca, mas estava um pouquinho forte ainda, porque ela não queria morrer. Se tivesse pensado em morrer, ela morreria. Eu não vi meu filho. A Zita Rosinete fez nascer o bebê, os médicos pegaram e disseram: ‘Levem para o hospital, para a UTI’. Então, ele morreu. Eu fiquei muito triste. Eu estou triste ainda. O médico não disse por que ele morreu. Só me perguntou: ‘Ei, você é papai?’. ‘Sim, eu sou papai’. ‘Desculpa aí, seu filho morreu. Ele estava com muita dificuldade de respirar e por isso morreu’ (EL PAÍS, 2020).

No último tópico “Roubar os mortos alheios é o estágio supremo da barbárie”, a última fonte especialista é apresentada. O antropólogo francês Bruce Albert faz referência ao caso com dois acontecimentos, o “desaparecimento” dos corpos das vítimas dos torturadores na ditadura militar e o episódio “Massacre de Haximu” onde indígenas estavam sendo caçados por garimpeiros e colocaram suas vidas em risco para recuperar os corpos.

No final do texto o conflito central da reportagem é destacado por meio do antropólogo francês, que enfatiza: “espero que seja útil para que seus leitores entendam: não há pior afronta e sofrimento para os Yanomami do que fazer ‘desaparecer’ seus mortos”. A legitimação do fato e a representação cultural dos personagens novamente apresentada por uma fonte especialista, estando eles sujeitos à construção de quem narra.

Ao total a reportagem possui onze fontes como se pode observar detalhadamente no quadro descritivo abaixo. No que se refere ao narrador jornalista, Brum que é conhecida pela narrativa estilizada e sua voz sempre presente, traz para a reportagem poucos momentos subjetivos, escrevendo no início da reportagem como já relatado sua reação ao receber a ligação da mãe Yanomami.

Ao destacar a relação com fontes oficiais e especialistas Brum aponta o primeiro narrador – o veículo de comunicação (El País) como a voz oficial por trás das entrevistas e do contato com as fontes, como quando em busca de respostas entra em contato com Antonio Pereira, coordenador interino do Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami.

Ao saber qual era o tema da reportagem, o coordenador interino do Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami, Antonio Pereira, alegou ao EL PAÍS, por telefone, que não poderia responder às perguntas porque estava em reunião. Comprometeu-se a procurar a reportagem ao final de seus compromissos. Diante da insistência para marcar um horário, passou o telefone a um assessor, que afirmou que ligariam. Até a publicação desta reportagem, não foi possível restabelecer contato com o responsável pelo DSEI Yanomami. (EL PAÍS, 2020)

Para se referir aos povos indígenas Eliane Brum utiliza palavras como resistência, dizimados e massacre, reforçando uma história marcada pela desigualdade e inferiorização,

imposta por um projeto civilizatório que tem como marca a domesticação das múltiplas alteridades amazônicas (FRAXE, WITKOSKI, MIGUEZ, 2009). Os não-indígenas são colocados como os antagonistas da narrativa, a causa dos problemas, que levou não só a covid-19, mas tantas outras doenças.

Quadro 9 – Elementos descritivos para análise

Título	Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês
Data	24 de junho de 2020
Tema	Violência / Pandemia do coronavírus
Classificação	Reportagem – Brasil
Região Descrição	Roraima
	Roraima, na fronteira do Brasil com a Venezuela Roraima o Estado mais indígena do Brasil
Fontes totais	11 fontes
Fontes oficiais Total: 03	Boletim da Rede Pró-Yanomami e Ye'kwana
	Dados geográficos Instituto Socioambiental da UFMG
	Fundação Oswaldo Cruz; IBGE 2010
Fontes especializadas Total: 04	Alisson Marugal- Procurador da República em Boa Vista (RO)
	Sílvia Guimarães- professora de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB)
	Bruce Albert - antropólogo francês
	Dario Kopenawa - representante da comunidade
História de vida Total: 04	Braulina Baniwa – antropóloga
	Remo- indígena e pai de um dos bebês
	Mãe de uma criança - não identificada
	Davi Kopenawa - intelectual e líder Yanomam
Descrição dos personagens	Vítimas de massacres (relaciona os povos aos contínuos ataques e violências perpetrados pelos não indígenas)
	Corroidas pelos vírus (metáfora para uma mãe que acabou de perder o filho para o coronavírus)
	Identificação regional: “Sanõma, um grupo da etnia Yanomami, e sua aldeia, Auaris
Efeitos estéticos	Ao contar sobre a mensagem que recebeu de uma das mães, a repórter relata: “ <i>Eu escuto</i> a mensagem antes da tradução. Não entendo as palavras. Mas <i>compreendo</i> o horror. A linguagem universal daquela que está sendo arrancada do mundo dos humanos”.

Contexto	<p>Hiperlinks complementam o texto e o leitor pode abranger sua leitura se aprofundando ainda mais;</p> <p>Explica o porquê dos Yanomami não enterram os corpos e o ritual da morte na etnia;</p> <p>A repórter compara o caso com o “Massacre de Haximu” em 1933;</p> <p>Trecho em que realiza contextualização: “Alguns grupos vivem em isolamento voluntário, o que significa que preferem não conviver com os brancos. Desde que os Yanomami tiveram os primeiros contatos, a partir de 1910, eles vêm sendo dizimados por doenças, que chamam de xawara, e também a tiros, pelos garimpeiros que invadem suas áreas em busca de ouro”.</p>
-----------------	---

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O jornalismo é a construção de uma verdade constantemente negociada pelas vozes presentes nas narrativas, sendo a interpretação dos fatos condicionada a partir das referências da repórter. Ao analisar a reportagem percebemos que assim como os Yanomami, Brum também busca por respostas e utiliza seu poder de voz para institucionalizar as violências vividas pelos indígenas no Brasil.

A repórter inicia o texto com a frase “Três mulheres vivem um horror para o qual será preciso inventar um nome” e em certo ponto relata que a violência vivida por essas mães é alta até mesmo para os padrões brasileiros. Reflexão que acontece a partir da construção narrativa, ao conversar com especialistas e os próprios indígenas, essa postura reflexiva e contra-hegemônica do repórter é um aspecto indispensável ao jornalista, na sua tarefa de atribuir significados aos fenômenos conforme pontua Ijuim (2013).

Eliane Brum consegue mostrar através da reportagem as afirmações das identidades dos povos indígenas, as práticas culturais e a história do povo Yanomami são definidas por meio da narrativa, demarcando as diferenças que podem e devem coexistir, embora ainda não sejam respeitadas pelos órgãos públicos brasileiros.

As espacialidades são colocadas de forma objetiva no texto através de mapas e fotos, estas quando relacionadas aos povos originários podem significar muito mais que apenas a demonstração de espaço, mas uma luta significativa. As vozes dos indígenas presentes ajudam a tecer a narrativa, a participação direta pontuam suas perspectivas, fortalecendo a linguagem dialógica. Quando Hall (2016) afirma que as representações podem ter efeitos reais

nas práticas sociais, se pensa em acontecimentos como estes, a falta de sensibilidade e ignorância sobre culturas tradicionais reafirmam violências cotidianas cada vez maiores.

4.12 Cruzamentos narrativos

Algumas ponderações podem ser feitas de forma breve observando os cruzamentos entre as narrativas analisadas. Percebe-se que as reportagens iniciam com temáticas que vão se mostrando cada vez mais complexas e profundas. Já de início um ponto importante de ligação entre as reportagens é a Usina Hidrelétrica de Belo Monte como parte da problemática levantada pela repórter, sendo abordada pelos mais diversos caminhos apontando as consequências dessa obra para a população da região, desde a expropriação, reassentamento e desequilíbrio ambiental e social.

A polifonia característica de narrativas aprofundadas e contextualizadas está presente principalmente em duas reportagens, são elas, “Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês” e “A cidade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta o aumento avassalador de suicídios de adolescentes”, os textos apresentam investigações e apuração mais profundas, com personagens vulneráveis, utilizando principalmente diversas fontes especialistas para explicar e realizar as conexões entre os fatos, as histórias de vida possuem espaço e estão presentes de forma direta, com transcrição das falas, relatos e cartas na íntegra e de forma indireta pela interpretação da repórter.

Ao perceber os processos de Eliane Brum, a observação participante e a escuta ampla são presentes no cotidiano da repórter, o resultado são narrativas como “Gumerinda e Alice querem viver” e “A Veneza de Belo Monte” que exploram as possibilidades da narratividade jornalística. São narrativas mais imersivas para o leitor, possui detalhes de ambientes, descrição dos personagens pelas emoções e sentimentos, que exploram as subjetividades, assim como a própria voz da narradora. O leitor acompanha por exemplo a aventura de Gumerinda e Alice, tartarugas tão frágeis e fortes ao mesmo tempo, os recursos linguísticos aparecem para a imersão da leitura, a deixando mais fluída, a reflexão é parte da construção narrativa que propõe contemplar o espetáculo natural.

A construção retórica e argumentativa de forma objetiva se vê nas reportagens de “Desmandos e impunidades ameaçam tartarugas” “Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco” onde a repórter dialoga com os “antagonistas” das narrativas, apresenta suas argumentações a partir de fontes de pesquisa e especialistas, tecendo sua arena discursiva.

O espaço para os protagonistas sociais é marcante em duas narrativas, a jornalista nos apresenta dois personagens, Luiz no texto “O predador que virou protetor” e Tuíca em “O

ribeirinho e a tartaruga”.. Brum trabalha com afeto as histórias de vida que tem contato, ambos são trabalhados de forma que apresentam suas dualidades que existem ao se pensar no conceito relacional de homem-natureza, as representações presentes são de sujeitos produtores de conhecimento, sobre o rio, as tartarugas, a floresta e a pesca.

As identidades são reconhecidas e pontuadas nas narrativas, percebe-se uma reflexão sobre os sujeitos, eles que moram em cidades “transfiguradas”, que tiveram suas formas de vida totalmente mudadas e tradições arrancadas. Brum busca compreender como ocorreu e as consequências sobre a população da região após tantas mudanças.

5. ELEMENTOS PARA UMA POSSÍVEL CONCLUSÃO

São as histórias que nos formam e nos dão contexto, as narrativas são uma tentativa de organizar o tempo e o espaço, o caos da vida. São nelas que encontramos significados e são elas que compõem as representações e os quadros de referências sobre as coisas e as pessoas, é a forma que encontramos para nos expressar e reconhecer nossa identidade pessoal.

Assim a pesquisa se propõe a estudar as formas de narratividade em reportagens jornalísticas que pela escrita entrelaçam fios discursivos, instituindo formas de sentido, valores, crenças, ideais individuais e coletivos, as narrativas passam a ser elementos de referência. Partimos do pressuposto que a reportagem abarca as possibilidades de narratividade, observando também o fazer jornalístico de Eliane Brum que como premissa possui uma atividade voltada para o protagonismo humano, com marcas textuais fortes aliadas a subjetividade, revelando assim seus propósitos, intenções e argumentações.

Como abordado no referencial teórico heranças e significações sobre a região amazônica fazem parte de uma lógica discursiva que está baseada numa visão colonial, desde as formas de conhecimento validadas à reducionismos de culturas e tradições, assim, o desafio da repórter é superar essas representações e aprofundá-las.

Quando olhamos categoricamente as reportagens podemos perceber certos aspectos, como por exemplo, no primeiro eixo de análise a construção narrativa, na categoria de ferramentas estruturais observa-se o uso de meios que facilitam as narrativas e que só são possíveis pela visão de mundo da repórter como as entrevistas, observações e pesquisas. Na presença do narrador o posicionamento de Brum é predominante, os desafios éticos e estéticos encontrados durante as experiências narrativas são percebidos.

No segundo eixo de análise a representação das fontes, percebe-se na categoria de espaço e diversidade a abertura para uma polifonia e uma visão multiangular. Quando observamos a categoria de identidade, se vê uma narratividade presente, que respeita às subjetividades das histórias de vida presentes.

A jornalista como narradora de experiências busca enfatizar as vivências e compartilhar suas descobertas, supera de certa forma essa lógica colonial ao apresentar os ribeirinhos como os verdadeiros detentores do conhecimento sobre a vida ali presente, de fato, é no discurso que se efetiva as existências. Os personagens principais das histórias vão desde pescadores, ribeirinhos a tartarugas, a narradora instiga o leitor a ampliar sua visão de mundo, revelando as experiências vividas nos novos ambientes apresentados.

Os “vilões” das reportagens são bem pontuados, os grandes projetos, as instituições, figuras públicas, tudo o que tira e destrói a vida da região, com uma perspectiva histórico-cultural a repórter aponta o descaso frente a região amazônica, enfatizando a premissa de que o “desenvolvimento” da região tem como base a violência.

Aspectos de identidades são reconhecidos nas narrativas, desde perguntar para a fonte o que a deixa feliz ou triste até entender o “tipo de gente” que se é, a repórter utiliza os recursos possíveis dentro da prática jornalística como a observação e as entrevistas para contemplar o cotidiano dos personagens. As narrativas revelam as representações da própria repórter, quando ela classifica locais como “não lugar”, “cidade transfigurada” “região pródiga” e “cenário pós-apocalíptico”, a jornalista descreve a região da forma que ela enxerga, criando novos discursos para o leitor, caracterizando essa região.

Longe da neutralidade quando jornalistas abordam temas que lhe interessam as chances de uma narrativa mais inspiradora pode surgir, no texto de Gumerinda e Alice a repórter revela seu total encantamento pelo espetáculo da natureza, vive de forma imersiva e constrói uma narrativa fluída, para o leitor acompanhá-la nessa aventura. A narradora jornalista não tem medo de estar na narrativa, coloca-se em primeira pessoa e revela suas impressões sobre sujeitos e lugares como forma de apresentar uma narrativa viva.

Ao olhar para a construção das narrativas percebe-se uma intencionalidade sempre presente, Eliane Brum tem como base em seus textos uma argumentação retórica, sendo esse conceito aqui é entendido aqui como a arte de servir-se da língua para suggestionar e buscar a compreensão, sendo mais sutil (MOTTA, 2013).

A repórter expõe os contrapontos entre as fontes com o objetivo de justificar o conflito central de cada narrativa, construindo ao longo dos textos argumentos fundamentais por meio de diálogos, relatos e documentos para questionar e refletir, trazendo a tona os “heróis” e “vilões” de cada narrativa, sempre bem colocados, a dualidade entre homem e natureza, vida e morte, criação e destruição está sempre presente.

Com essa característica narrativa, Eliane Brum também levanta questionamentos para o leitor, por exemplo, no texto “Desmando e impunidades ameaçam tartarugas” acompanhamos a disputa de poder de voz entre repórter e fonte, já que ela realiza uma denúncia sobre a falta de gestão do prefeito.

Percebe-se que as fontes oficiais estão como forma de entrega de dados objetivos e respostas institucionais sendo parte do uso de estratégias para produzir os efeitos do real. De maneira geral as fontes mais acionadas são as especialistas, que contextualizam e explicam os fatos, principalmente os mais complexos e de certa vulnerabilidade social. Eliane Brum

também os utiliza como forma de validar seus argumentos, ao oferecer o espaço para a afirmação final em uma reportagem, por exemplo, são assim, pelas narrativas e voz de quem fala que legitima-se as verdades.

As citações de fala das fontes de forma indireta são recorrentes, a repórter constrói seu discurso sobre o que ouve, observa e assim interpreta na realidade, assumindo a posição de narradora, contando a história com sua própria voz, deixando claro que existe mediação, os fatos estão ali porque ela observou, assumiu suas narrativas, eles não apenas surgiram no horizonte.

Quando temos citações diretas entendemos que ali há de fato o que foi verdadeiramente dito pela fonte citada, geralmente pontuadas nas fontes especialistas ou quando a repórter quer enfatizar acontecimentos dramáticos de histórias de vida, por exemplo, quando temos a carta na íntegra de jovens pedindo apelo na reportagem “A cidade que mata o futuro: em 2020, Altamira enfrenta um aumento avassalador de suicídios de adolescentes” e o relato de alguns parágrafos do pai que perdeu o filho em “Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês”.

As fontes também dialogam entre si, por vezes para mostrar diferenças ou semelhanças. A repórter busca mostrar de forma compreensiva os protagonistas humanos, ao falar dos ribeirinhos e da caça às tartarugas, por exemplo, não os coloca como criminosos, vilões ou algo do tipo, mas explora de forma ampla os contextos sociais desses sujeitos. Brum utiliza recursos discursivos para a produção dos efeitos estéticos de sentido, que contribuem para a superação da visão reducionista diante dos acontecimentos. A descrição de ambientes, as subjetividades com a representação dos sentimentos, emoções, descrição física e caracterização moral da fonte são estratégias utilizadas também para a construção dos personagens.

Sem a pretensão de alcançar uma verdade absoluta, muitas das narrativas terminam sem conclusões e o esperado “fim”. As inconclusões nas narrativas revelam que o tecer do presente é constante, o jornalismo é viver, a realidade está em movimento, além disso, a repórter levanta questionamentos e os deixa em aberto entregando para o leitor uma narrativa que cria debates discursivos. A repórter revela suas transformações e como essas vivências a transpassam, narrar é viver experiências, o jornalismo é feito de sujeitos que são atravessados pelo que veem e sentem e Brum conta isso em suas narrativas, se colocando numa posição de aprendizado e observação constante.

Eliane Brum apresenta reportagens com temáticas voltadas para as discussões ambientais e dentro delas conversa principalmente sobre os grandes projetos que destruíram e

transformaram a vida na região, a jornalista utiliza assim seu espaço para lançar um olhar mais integral sobre a realidade, revelando conflitos e demandas sociais, ainda dentro dessas narrativas a repórter também exalta as formas de vida na natureza e as vivências dos homens e traz as impressões e a forma que a própria região absorve esses impactos.

Percebe-se que este trabalho oferece muito mais uma reflexão do que respostas em si, refletindo sobre as narratividades no jornalismo e a produção de sentido. Desta forma, se são nas narrativas que nos orientamos, as de Eliane Brum oferecem um quadro referencial amplo, levantando principalmente importantes questões sobre a região, convidando o leitor a refletir sobre os próprios referenciais e visões de mundo.

REFERÊNCIAS

ABIB, Tayane Aidar. VENTURA, Mauro de Souza. Apuração jornalística em vias de ternura: a narrativa de sentidos de Eliane Brum. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 16 Nº 2, Julho a Dezembro de 2019.

ALBUQUERQUE, Gerson. **Amazonialismo**. In: ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor Sarraf. Uwa'kürü Dicionário Analítico. Rio Branco – Acre, Editora Nepan, 2016.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ASSIS, Francisco de. Personagens **anônimos e histórias de interesse humano**: a relação entre fonte e formato no jornalismo de Eliane Brum. Intercom – XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE, 2012.

ASSIS, F. de. As histórias de vida e a configuração dos gêneros jornalísticos: o caso da série “Gente de São José”. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 15, n. 1, p. 66–85, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/22497>. Acesso em: 27 jun. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p. 229, 2011.

BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.

BELTRÃO, LUIZ. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: _____ Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BELTRÃO, LUIZ. **Jornalismo interpretativo: Filosofia e técnica**. Porto Alegre, Sulina, 1976.

BIROLI, Flávia. **Mídia, tipificação e exercícios de poder**: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. *Revista Brasileira de Ciência Política*, no 6. Brasília, julho – dezembro de 2011, pp. 71-98.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BUDAG, Fernanda Elouise. SCABIN, Nara Lya Cabral. **Representação, identidade e a emergência de**

uma nova discussividade política: minorias sexuais e de gênero na série Merlí. **Revista Contracampo**, Ed. 38, n 02, 2019.

CARDOSO, Darlete. **A objetividade jornalística é (im)possível?**. Dissertação (Mestrado em Ciências da linguagem). Universidade do sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

COSTA, Gustavo e SILVA, Jorge Lima da. **Análise da narrativa jornalística: construção de sentido pela notícia**. Caderno de Textos – GT Produção de Sentido nas Mídias, 2003.

COSTA, Larissa Marinho da. **O colonialismo/imperialismo na Amazônia: uma herança não superada**. 8º Encontro Internacional de Política Social e 15º Encontro Nacional de Política Social. Vitória, ES, 2020.

COLFERAI, S. **Jornalismo e identidade na Amazônia: As práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia**. Dissertação (Mestrado Comunicação Social). Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CHAPARRO, C. **A revolução das fontes**. São Paulo, 16 de julho de 2007. Disponível em: http://www.oxisdaquestao.com.br/integra_integra.asp?codigo=98. Acesso em: 23 de abril de 2022.

CHAPARRO, C. **Iniciação a uma teoria das fontes**. São Paulo, 12 de setembro de 2009. Disponível em: http://www.oxisdaquestao.com.br/integra_integra.asp?codigo=377. Acesso em: 23 de abril de 2022.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A medida do olhar: objetividade, a autoria na reportagem**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2004.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge. (org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo:Atlas, v. 1, 1ª ed., p. 62-83, 2005.

DOMINGUEZ, Macauley. PACHECO, Beatriz. **Jornalismo Literário, discurso possível: questionamentos da prática jornalística na produção de Eliane Brum**. **Revista IniciaCom**, Vol 9, N 2. 2020.

FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros-1985-2007/#:~:text=Art..da%20natureza%20de%20sua%20propriedade>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

FIDALGO, Joaquim. A questão das fontes nos códigos deontológicos dos jornalistas. Comunicação e Sociedade 2, **Cadernos do Noroeste**, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000.

GUSHIKEN, Yuji. PEREIRA, Andreza Silva. **A construção da personagem como recurso de humanização no jornalismo literário**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP – São Paulo – Novembro de 2017.

IJUIM, Jorge Kanehide. **As diferenças e o diferente: o respeito ao outro como forma de humanizar o jornalismo**. Revista Rastros, ano XV, Outubro 2014.

IJUIM, Jorge Kanehide. **A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire**. Revista Em questão, Porto Alegre, V 15, N 2, 2009.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: Um roteiro de viagem**. Livros LabCom, 2013.

- IJUIM, J. K. Jornalismo e humanização: heranças eurocêntricas no pensar e no fazer jornalísticos. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 91-108, 2020. DOI: 10.11606/extraprensa2020.159921. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/159921>.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2016
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERMAN, Edward. A diversidade de notícias: marginalizando a oposição. In: TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: questões, teoria e histórias**. Lisboa: Vega, 1993.
- LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LAGE, Leandro Rodrigues. Contribuições de uma hermenêutica de Paul Ricoeur para uma teoria da narratividade jornalística. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 15 Nº 2 Julho a Dezembro de 2018.
- LEAL, Bruno Souza. As estéticas do jornalismo em transformação: perspectivas da pesquisa em comunicação. In: **Jornalismo contemporâneo** : figurações, impasses e perspectivas. SILVA, Gislene et al. organizadores. Salvador : EDUFBA; Brasília : Compós, 2011.
- LEÃO, Anna Gomes Carneiro. **O papel do grande texto jornalístico na Internet**: a narrativa de Eliane Brum no El País. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.
- LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online**: Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. *Brazilian journalism research - Volume 1 - Número 1 – 2015*.
- MACIEL, Alexandre Zarate. **NARRADORES DO CONTEMPORÂNEO**: Jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil. Tese (Doutorado em comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- MARQUES, Gilberto. **Amazônia**: riqueza, degradação e saque. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. Do eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. **Revista Parágrafo**, São Paulo v. 4, n. 1. p. 41-49, 2016.
- MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, ano VI, n.1. p. 71-83, 2009.
- MARTINS, Jaqueline Lemos. O autor e o narrador nas tessituras da reportagem. **Tese de Doutorado**. São Paulo: ECA/USP, 2016.

- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MARQUES DE MELO, José. **Formatos jornalísticos: evidências brasileiras**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 mar. 2005. 2006a. (Original do autor).
- MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia**. São Paulo-SP: Paulus, 2006.
- MENDES, Francielle Maria Modesto. **Jornalismo e representações: um estudo sobre os povos indígenas no GI/Acre (2013 a 2018)**. Revista Moara, n. 54, ago-dez, 2019.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Rumo a uma teoria do jornalismo? In: **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. [recurso eletrônico] / Demétrio de Azeredo Soster, Fabiana Quatrin Piccinin – Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. **Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística**. In Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, n°2, 2010.
- MONTIPÓ, Criselli. **Jornalismo, ética e humanização: reflexões sobre a tríplice tessitura**. Intercom – XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife. PE, 2011.
- MORAES, Fabiana. **A objetividade jornalística tem raça e gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora**. XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2019.
- MORAES, Fabiana. **Para além do robô, a reportagem: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade**. In: MARTINEZ, Monica; MAIA, Marta R. In: **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. Santa Cruz do Sul, Editora, Catarse, 2018.
- MOSER, Magali. **Apontamentos sobre a invenção da reportagem**. Intercom - 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018.
- NASCIMENTO, Sabrina Mesquita do. **Violência e Estado de exceção na Amazônia Brasileira: um estudo sobre a implantação da Hidrelétrica de Belo Monte no Rio Xingu (PA)**. **Tese (Doutorado em Ciências Socioambientais)**. Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- NECCHI, Vitor. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, ano VI, n.1. p-99-109, 2009.
- PAULA, Gabrielle Santos de. **Nas fronteiras da alteridade: a representação do espaço do imigrante na narrativa jornalística de Zero Hora (2014 -2015)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- PERUZZO, Cicilia. Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, V.XX. Nº 2, 2002.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: setembro de 2005

QUADROS, Mirian Redin de. MOTTA, Juliana. NASI, Lari. Jornalismo e narrativa: aspectos do estado da arte das pesquisas no Brasil. In: **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. [recurso eletrônico] / Demétrio de Azeredo Soster, Fabiana Quatrin Piccinin – Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

QUEIRÓS, Francisco Atinei Timóteo. A narrativa micro-histórica em O olho da rua: as personagens anônimas na prosa de Eliane Brum. In: **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. [recurso eletrônico] / Demétrio de Azeredo Soster, Fabiana Quatrin Piccinin – Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

RESENDE, F. **O olhar às avessas - a lógica do texto jornalístico**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Compós, 2002.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

RESENDE, F. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas** / Gislene Silva et al. organizadores. - Salvador : EDUFBA; Brasília : Compós, 2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** - tomo I. Campinas, Papirus, 1994.

RIBEIRO, Darcy. O Brasil como problema. São Paulo: Global Editora, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são?**. Editora Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. V 2. Florianópolis: Insular, 2005.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo** / Edward W. Said j tradução Denise Borrmann. - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/753>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

SILVA, Cintia Charlene da. **Os Femininos aos olhos de Eliane Brum: transbordamento das crônicas do livro A menina quebrada e outras colunas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020.

SILVA, Marconi Oliveira da. Jornalismo e representação do mundo. **Comunicação e Informação**, V8, nO 1: pág 19 - 25. - jan/jun. 2005.

SILVEIRINHA, Maria João. Comunicação, representação e identidade. In, J. C. Correia & I. Amaral (orgs). In, **De que falamos quando dizemos “Jornalismo”?** Temas emergentes de pesquisa. Portugal: Labcom, 2021, p. 149 -174.

SODRÉ, Muniz. **A Narrativa jornalística**. In:FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. In: Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo, Summus, 1986.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. In: PAIVA, Raquel (orgs.) Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005).

SCHMITZ, A.A. Classificação das fontes de notícias. 2011. Disponível em:
<http://www.boecc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.